

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DA LINGUAGEM
ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS

ISADORA ANNES BITENCOURT

**UM OLHAR BAKHTINIANO SOBRE A CONSTRUÇÃO VOCAL DE PESSOAS
COM DIVERSIDADE DE GÊNERO**

Porto Alegre

2023

Isadora Annes Bitencourt

**UM OLHAR BAKHTINIANO SOBRE A CONSTRUÇÃO VOCAL DE PESSOAS
COM DIVERSIDADE DE GÊNERO**

Dissertação em Estudos da Linguagem com ênfase em Análises textuais, discursivas e enunciativas, apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dra. Alessandra Jacqueline Vieira

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Annes Bitencourt , Isadora
UM OLHAR BAKHTINIANO SOBRE A CONSTRUÇÃO VOCAL DE
PESSOAS COM DIVERSIDADE DE GÊNERO / Isadora Annes
Bitencourt . -- 2023.
116 f.
Orientadora: Alessandra Jaqueline Vieira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Bakhtin. 2. Discurso. 3. Voz. 4. Transgênero. I.
Jaqueline Vieira, Alessandra, orient. II. Título.

Isadora Annes Bitencourt

**UM OLHAR BAKHTINIANO SOBRE A CONSTRUÇÃO VOCAL DE PESSOAS
COM DIVERSIDADE DE GÊNERO**

Dissertação em Estudos da Linguagem com ênfase em Análises textuais, discursivas e enunciativas, apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 14 de abril de 2023.

Resultado: Aprovação com conceito A.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Alessandra Jacqueline Vieira (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof^ª. Dr^ª. Leila Rechenberg
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof^ª. Dr^ª. Luiza Milano
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof^ª. Dr^ª. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

As revoluções sempre foram o lugar certo
para a descoberta do sossego:
talvez porque nenhuma casa é segura
talvez porque nenhum corpo é seguro.

Matilde Campilho, 2014.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, meu maior exemplo de mulher e ser humano. Profissional da saúde, defensora do SUS, dos animais e sensível a qualquer pauta que cause algum sofrimento a quem quer que seja. Com ela aprendi que compaixão e bondade são os maiores valores que uma pessoa pode ter. Obrigada por sempre me dar asas e incentivar todos os meus voos!

Ao meu pai, por ser sempre tão afetuoso e dedicado. É realmente uma honra e privilégio dividir o mesmo tempo e espaço que ele e ainda chamá-lo de meu pai. Obrigada por sempre me pegar pela mão e me dar a certeza de que nunca estarei só!

À minha irmã, minha pessoa favorita nesta existência. Obrigada por entender minhas ausências, por estar sempre disponível, fazer o papel de irmã mais velha, mesmo sendo tão mais nova. Saber que te tenho como referência no mundo me dá confiança e força para sempre seguir em frente.

À minha família, por todo o apoio e por entenderem as faltas nos almoços de domingo. Vó Alice, Vô Rubens, Kellen, Oliver, Kassio, Arthur, Felipe, Ana e, principalmente, meu Liam. Obrigada por entender as ausências que a dinda tenta compensar com filmes do Sonic e da Patrulha Canina.

Ao Elias, por ser colo, carinho e principalmente a calma em meio ao caos. Por nunca, nem por um instante, me deixar pensar em desistir e ter a certeza de sempre ter pra onde voltar.

Às amigas de uma vida toda por sempre perdoarem meus furos nos eventos e continuarem me amando e me apoiando. Laureen, Laura e Marcela, minha vida é mais completa por saber que vocês existem nela. Àqueles que são porto seguro lá pros lados do litoral, Éder e Luana. Aos encontros da vida que se traduzem em grandes parcerias, Christian, Juliana, Rochelly e Fabíola. À Aline e ao Gui por formarem junto comigo o melhor trio que o Ambulatório Trans já recebeu como profissionais e, principalmente, por serem escuta e aconchego em todos os momentos desse percurso acadêmico e de vida.

À Prof^ª. Dr^ª. Alessandra Vieira por me acolher e me orientar, mesmo sem me conhecer, em meio a uma pandemia mundial. Por ser sempre tão disponível e por topar discutir os meus devaneios teóricos. Obrigada pela parceria no processo de reflexão e construção desse estudo! À Prof^ª. Dr^ª. Luiza Milano, por ter plantado uma sementinha em mim durante a graduação que, embora tenha demorado a florescer, desabrochou num belo amadurecimento do meu caminho pessoal e profissional. Agradeço também por aceitar ser parte da banca examinadora, sem os rastros da tua voz talvez eu não tivesse caminhado até aqui. Às demais membras da banca examinadora desse trabalho, Prof^ª. Dr^ª. Leila Rechenberg, companheira de Ambulatório Trans, e à Prof^ª. Dr^ª. Marianne Cavalcante, pela disponibilidade de leitura e análise do meu trabalho, mesmo estando em margens tão distantes do país.

Agradeço ao PPG Letras por me acolher e possibilitar a conclusão desse trabalho de pesquisa dentro de uma das maiores universidades do país que, mesmo após os ataques e desmontes à educação pública e de qualidade no Brasil dos últimos quatro anos, segue firme com conceito máximo na CAPES.

À equipe do Ambulatório Trans e a todas as usuárias que conheci. Tivemos trocas e memórias que guardo com carinho. Obrigada por me receberem em suas conversas, reflexões e por dividirem comigo seus anseios. Espero conseguir ser porta-voz de suas lutas e quero que saibam que continuo à disposição para enfrentar as normas e os padrões hegemônicos, buscando sempre abrir espaço para que vocês falem sem medo e com a própria voz! Seguimos juntas!

Por fim, agradeço ao Presidente Luiz Inácio Lula da Silva que, do auge de seus 77 anos, se disponibilizou a assumir um país destrozado, humilhado e sucateado após quatro anos de políticas de extermínio contra todas as populações vulneráveis e marginalizadas. Obrigada por nos dar a chance de esperar novamente. Termina com as palavras do próprio Presidente em seu discurso de posse:

Assim fiz porque não seria justo nem correto pedir paciência a quem tem fome. Nenhuma nação se ergueu nem poderá se erguer sobre a miséria de seu povo (LULA, discurso de posse no Congresso Nacional em 1º de janeiro de 2023).

RESUMO

A voz possui variados aspectos entre sua materialidade fônica e a subjetividade do falante, ou seja, é um dos objetos da expressão comunicativa de que o sujeito se vale para enunciar. Mas como significar a voz? Eis o desafio lançado nessa reflexão. Fato é que a voz figura um objeto multifacetado e escorregadio, o qual não se esgota numa única área do conhecimento. Entretanto, há um ponto em comum a todas as áreas que se interessam pela voz: ela pertence ao homem em sua mais íntima singularidade. Pode ser entendida como um índice de presença do sujeito na enunciação. Sendo assim, para pessoas transgênero, a voz reflete uma das características de maior acusação do gênero em transição. É queixa frequente entre a população trans, tornando-se demanda da clínica fonoaudiológica. Para a linguística, há uma lacuna no que diz respeito aos estudos sobre a voz, assim como para a filosofia e outras áreas de conhecimento. Contudo, já existem ensaios traçando interessantes aproximações entre voz e linguagem. O presente trabalho tem como objetivo uma reflexão sobre a voz da pessoa transgênero como uma importante ferramenta de identificação do sujeito. Busca-se apoio teórico nas obras de Bakhtin e do Círculo, que trazem definições de voz que não abordam apenas a materialidade física do som, mas, principalmente, a debatem a partir da questão social da linguagem, ponto crucial para mobilizar a discussão sobre a voz da pessoa transgênero. O discurso destes sujeitos está sempre permeado pelas relações sociais que os cercam, impactando em sua corporalidade e em sua voz. Além disso, para traçar uma análise teórica que permita perceber os efeitos de sentido fornecidos pela voz, impactando na questão da identidade de gênero, serão expostas breves vinhetas clínicas de pessoas transgênero que foram acolhidas pela autora durante atendimento fonoaudiológico. A partir dessas reflexões, dialogando com as teorias bakhtinianas, poderá ser desenvolvido outro olhar sobre as questões da voz onde se observam as marcas que ela produz na linguagem, tornando-se parte da constituição do sujeito falante.

Palavras-chave: voz; discurso; transgênero; teoria bakhtiniana.

ABSTRACT

The voice has varied aspects between its phonic materiality and the subjectivity of the speaker, that is, it is one of the objects of communicative expression that the subject uses to enunciate. But how to signify the voice? This is the challenge launched in this reflection. Perhaps for musicians it is the tone. The fact is that the voice is a multifaceted and slippery object, which is not exhausted in a single area of knowledge. However, there is a point in common to all areas that are interested in the voice: it belongs to the human being in his most intimate singularity. It can be understood as an index of the presence of the subject in the enunciation. Thus, for transgender people, the voice reflects one of the most accusatory characteristics of gender transition. It is a frequent complaint among the trans population, becoming a demand of the speech therapy clinic. For linguistics, there is a gap with regard to studies on the voice, as well as for philosophy and other areas of knowledge. However, there are already essays outlining interesting approximations between voice and language. The present work aims to reflect on the voice of the transgender person as an important tool for the identification and subjectivity of the person. Theoretical support is sought in the works of Bakhtin and the Circle which, although they bring definitions of voice that move away from the physical materiality of sound, approach the social issue of language, a crucial point to mobilize the discussion about the voice of the transgender person. The discourse of these individuals is always permeated by the social relations that surround them, impacting their corporality and their voice. They will be addressed as notions of intonation, social voices, otherness, among others. Brief clinical vignettes of transgender people who were received by the author during speech therapy will be exposed to outline a theoretical analysis that allows us to perceive the effects of meaning provided by the subject's voice, impacting on the question of their gender identity. From these reflections, dialoguing with Bakhtinian theories, another perspective on voice issues can be developed, where the marks it produces in language can be observed, becoming part of the constitution of the speaking person.

Keywords: voice; discourse; transgender, bakhtinian theory.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1.** Diagrama ilustrativo de reconhecimento vocal de acordo com o gênero. Retirado de Mills e Stoneham (2017) _____ 27
- Figura 2.** Aplicativo gratuito Piano desenvolvido por Zong Ming Yang, compatível com sistema iOS _____ 28

SUMÁRIO

Introdução	8
A voz em distintas vertentes e classificações	16
1.1. Fonoaudiologia: origens de uma ciência da comunicação	16
1.2. Voz clínica: normal e patológica	18
1.3. Voz Trans: patologizando identidades	21
1.4. Redesignação vocal: tecnicamente falando	25
1.5. A voz nos estudos linguísticos	29
1.6. O sujeito se constitui na voz	32
O Círculo de Bakhtin e a conceitualização da voz	36
2.1. Topologia vocal: mapeando a presença da voz no Círculo de Bakhtin	41
2.2. A interação verbal e o signo ideológico	45
2.3. O enunciado para Bakhtin	47
2.4. Romance de vozes	52
2.5. Vozes sociais	54
2.6. Estilística (vocal)	56
2.7. Entonação	61
2.8. Voz e alteridade	65
2.9. O corpo grotesco	69
Envozeirar as identidades	75
3.1. Disfonias e disforias	80
3.1.1. Um atravessamento de vozes	83
3.1.2. Um embate clínico	86
3.2. Da(r) voz às vozes	91
3.3. Novas possibilidades de presença vocal	94
Reflexões finais	100
Referências	106

Introdução

Pensar a voz pode parecer tarefa fácil do ponto de vista fisiológico, se for apenas considerada como onda sonora formada a partir do ar expulso pelos pulmões atravessando as pregas vocais. No entanto, como significar a voz? Eis o desafio lançado nesta reflexão. Fato é que a voz figura um objeto multifacetado e escorregadio, o qual não se esgota numa única área do conhecimento. Entretanto, há um ponto em comum a todas as áreas que se interessam pela voz: ela pertence ao ser humano em sua mais íntima singularidade.

Para se fazer ciência, bem sabemos, o objeto de estudo deve ser delimitado metodologicamente. É através da epistemologia que se estabelece a validade do saber científico. Com a Fonoaudiologia não foi diferente. Sua regulamentação como área de conhecimento científico ocorreu recentemente no Brasil, no ano de 1981¹, comparada a outras áreas. A criação da profissão se deu em decorrência da "preocupação da medicina e da educação com a profilaxia e a correção de erros de linguagem apresentados pelos escolares." (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, [s.d.]). Segundo a lei de regulamentação mencionada, fonoaudiólogo é o profissional que "atua em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia fonoaudiológica na área de comunicação oral e escrita, voz e audição, bem como em aperfeiçoamento dos padrões de fala e voz".

Por se tratar de uma área tão ampla de conhecimentos, a profissão precisou ser dividida em diversas pequenas especialidades. A ciência da fonoaudiologia pode ser entendida como um polvo, metáfora que pode ser associada a uma grande área que se divide em seus tentáculos (especialidades): audiologia, motricidade orofacial, voz, deglutição, educação, saúde coletiva e linguagem. Nos tentáculos desse polvo encontram-se fileiras de ventosas, as quais são associadas às subáreas da fonoaudiologia dentro das especialidades mencionadas. Exemplificando: na área de voz podemos ter fonoaudiólogos especializados em avaliar e reabilitar disfonias, voz profissional, expressão vocal, canto, entre outras, todas fazendo parte desse grande tentáculo. Cada especialidade apresenta inúmeras ventosas possibilitando uma infinidade de áreas de atuação para o profissional. A subdivisão das áreas vem a calhar do ponto de vista de organização metodológica da profissão, entretanto, acaba por fragmentar a atuação clínica do fonoaudiólogo, muitas vezes enfatizando e destacando

¹ Em 09 de Dezembro de 1981, foi sancionada pelo então presidente João Figueiredo, a Lei nº 6965, que regulamentou a profissão de Fonoaudiólogo.

apenas o sintoma². Em relação à fragmentação do olhar clínico, há o risco de nos limitarmos à patologia, num exercício profissional que tende a esquecer do sujeito por trás da queixa.

Alguns apontamentos levantados sobre a clínica fonoaudiológica, tanto na área da voz quanto da linguagem - tentáculos aos quais me deterei nesse texto - não configuram uma nova proposta de abordagem para distúrbios³ e queixas apresentadas pelos pacientes. Pelo contrário, de maneira alguma poderíamos retirar o mérito da abordagem clínica que, com louvor, é capaz de aliviar o sofrimento de pacientes que chegam até a clínica fonoaudiológica. O que propomos é um outro olhar para a questão da presença do sujeito que carrega o sintoma, abordagem que viria a acrescentar na prática clínica, tanto para o profissional quanto para o paciente.

Dessa forma, sinto a necessidade de situar minha trajetória profissional e, assim, poder levantar os interrogantes que me mobilizaram para desenvolver a reflexão proposta. Embora o atendimento clínico em voz não tenha feito parte da minha trajetória profissional, sempre me considerei uma fonoaudióloga⁴ encantada pelas estruturas que compõem o aparelho fonador⁵. Estruturas complexas que compõem uma engrenagem perfeita. A máquina que opera tais estruturas é o sujeito. No entanto, geralmente as avaliações clínicas e instrumentais levam em consideração apenas a fisiologia em sua forma mais pura. Levei certo tempo para aprimorar minha visão mascarada por protocolos e *screenings*⁶, em todas as áreas fonoaudiológicas. O amadurecimento profissional, arrisco dizer, passa pela retirada do véu acadêmico. Grande parte dessa transformação ocorreu durante meu processo de Residência Multiprofissional em Saúde que, embora seja bem pouco humanizada com os residentes, possibilita o desenvolvimento de um olhar clínico integrado e equânime⁷ ao paciente, assim como preconiza o Sistema Único de Saúde (SUS). Durante essa jornada, onde o residente passa cerca de 60 horas semanais dentro das instituições de cuidado (hospitais, unidades

² Cardoso (2010) propôs outra forma de entendimento do termo “sintoma” na clínica fonoaudiológica, distanciando-se do termo medicalizado que faz referência à patologia, e sim como forma do sujeito estar na linguagem.

³ Cardoso (2010) também traz a definição do sintagma “clínica dos distúrbios da linguagem” dentro de uma lógica que aproxima fonoaudiologia e linguística.

⁴ Fonoaudióloga graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2016. Logo após a graduação realizei PICCAP no Hospital de clínicas de Porto Alegre, atuando em ambulatório de disfagia infantil, entre outras formações com a população pediátrica. Em 2018 participei do programa de residência multiprofissional em saúde do Grupo Hospitalar Conceição, com ênfase em Atenção ao paciente crítico. No final do segundo ano de residência compus a equipe do Ambulatório Trans da Secretaria de Saúde de Porto Alegre. Momento chave que desencadeou minha inquietação com questões relacionadas à voz.

⁵ Conjunto de órgãos responsáveis pela fonação humana: pulmões, traqueia, laringe, cavidade oral, cavidade nasal.

⁶ Protocolos de rastreio, geralmente utilizados para fins de investigação diagnóstica.

⁷ Os princípios básicos do Sistema Único de Saúde estão contidos na Lei Orgânica 8080/90.

básicas de saúde, ambulatórios, CAPS⁸, entre outros), muitas vezes o paciente passa a ser nosso interlocutor mais frequente. O ambiente hospitalar acaba descaracterizando o sujeito, despindo-o de sua identidade. O paciente não usa suas roupas, seu corpo não responde como de costume, não há presença frequente de seus entes queridos, mas estão presentes dispositivos invasivos (cateteres, eletrodos, sondas) e a dor é uma companhia constante. A voz é um dos poucos elementos que ainda lhe pertencem e lhe caracterizam.

Agora proponho uma troca de cenário, ainda em meu percurso como residente em saúde. Próximo ao final do segundo ano de residência recebemos uma proposta para compor a equipe do Ambulatório Trans (doravante Ambu T) de Porto Alegre, na época recém-criado pela Secretaria Municipal de Saúde⁹. A equipe era formada majoritariamente por profissionais residentes, de diversas áreas da saúde. Após o término da residência, retornei como voluntária, de forma virtual devido à pandemia de Covid-19, autorizada pela Secretaria Municipal de Saúde em vistas da proposta do projeto de mestrado. O ambulatório foi criado com o objetivo de facilitar o acesso à saúde para pessoas Trans¹⁰, travestis e não-binárias, seguindo uma abordagem não patologizadora.

Esse novo desafio me tirou da zona de conforto de muitas formas. O pouco conhecimento que tinha sobre saúde da população Trans vinha de uma ou outra aula da graduação em que o Programa de Transtorno de Identidade de Gênero (PROTIG)¹¹ foi mencionado. Logo eu descobriria o abismo que existia em minha formação como profissional de saúde.

A demanda do Ambu T ia muito além de análise acústica e ajustes vocais. A materialidade fônica nunca está dissociada dos aspectos subjetivos do falante, mas isto eu só perceberia algum tempo depois de acolher as usuárias que procuravam atendimento fonoaudiológico. Minha inquietação foi motivada pelos discursos das usuárias, pois eu não escutava apenas suas vozes, escutava pessoas em sofrimento. Escutei e acolhi histórias de vida. Procurei ser porta de entrada e acolhimento para suas demandas dentro de seus contextos. Elas não estavam sofrendo pelo tom de suas vozes (puramente). Estavam sofrendo

⁸ Centro de Atenção Psicossocial.

⁹ A política integral de saúde LGBT+ de Porto Alegre, coordenada na época por Simone Ávila, após vários encontros com o movimento social Trans da capital implementou o Ambulatório Trans em 17 de julho de 2019, funcionando dentro da atenção básica e tendo a despatologização e o acolhimento como principais pilares.

¹⁰ Opto por escrever o termo Trans sempre com a letra inicial maiúscula, como uma prática discursiva política de resistência e reivindicação de reconhecimento para uma população esquecida e marginalizada.

¹¹ O Programa de Transtorno de Identidade de Gênero foi criado em 1999 pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre, coordenado por uma médica psiquiatra. Atualmente, após a retirada da transexualidade dos manuais de psiquiatria e do reconhecimento da OMS pela não patologização, o programa passou a se chamar *Programa Transdisciplinar de Identidade de Gênero*.

para terem suas existências validadas por uma sociedade que determina padrões sob a ótica da cisgeneridade¹².

Foi na tentativa de “(des)epistemologizar¹³ a clínica”, utilizando um termo de Sofia Favero (2020), que mergulhei nos estudos da linguagem, a fim de refletir sobre a queixa de voz trazida pelas usuárias de uma forma que contemplasse todas as vozes sociais¹⁴ que estavam contidas em seus discursos.

As discussões sobre despatologização têm ampliado uma compreensão específica de cidadania para travestis e pessoas trans, de disputa e resgate a conceitos como autonomia e normalidade. Tais discussões geralmente se dão através do entendimento de que o enquadre psiquiátrico é capaz de produzir determinados contextos de vulnerabilidade, pois patologizar é um “fazer” que não se encerra na clínica. Pelo contrário, entende-se que a “patologia do gênero” diz respeito a um cenário bastante amplo, no qual estão situados os sujeitos do processo terapêutico, os operadores de saúde e os aparatos institucionais. Assim, é pouco prudente desenvolver um debate sobre despatologização que se reduza às paredes de um consultório, tampouco às diretrizes inscritas nos códigos psiquiátricos e psicológicos, uma vez que ela se refere a um quadro histórico e social (FAVERO, 2020).

Desenvolver contrapontos a um protocolo nosológico preestabelecido passou a ser o maior desafio. Como tratar pessoas que não estão doentes? Este questionamento me acompanhava dia e noite. Foi me aliando às mulheres Trans usuárias do Ambu T que elas me mostraram como seria pensar para além de uma ciência hegemônica cissexista. Através da escuta de suas histórias, apresentadas a mim tendo a voz como ferramenta de enunciação, de presença e sofrimento, iniciei o percurso que me fez optar por uma atuação pautada na subversão da norma.

Para Paul Zumthor, o lugar da voz é a linguagem. Em uma de suas teses sobre a voz, o medievalista afirma:

¹² “Cisgênero” é uma palavra composta por justaposição do prefixo “cis” ao radical “gênero”. O prefixo “cis”, de origem latina, significa “posição aquém” ou “ao mesmo lado”, fazendo oposição ao prefixo “trans” que significa “posição além” ou “do outro lado”. “Cisgênero” estabelece uma relação de antonímia com a palavra “transgênero”. “Transgênero”, por sua vez, é uma palavra rotineiramente utilizada como forma de designar pessoas cuja auto identificação de gênero não coincide com o gênero atribuído compulsoriamente ao nascimento em virtude da morfologia genital externa, podendo incluir travestis e transexuais. Desta forma, “cisgênero” é utilizado para designar aquelas pessoas que não são transgêneras, ou seja, aquelas cujo gênero autoidentificado está na “posição aquém” daquele atribuído compulsoriamente ao nascimento em virtude da morfologia genital externa (BAGAGLI, 2018). Ver também: GREEN, Chris. ‘Cisgender’ has been added to the Oxford English Dictionary. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/incoming/cisgender-has-been-added-to-the-oxford-english-dictionary-10343354.html>. Acesso em: 20/10/22.

¹³ A autora, trans e psicóloga, como ela se apresenta, propõe o termo “(des)epistemologizar a clínica” numa tentativa de visão despatologizadora do ambiente clínico como forma de acolher o sujeito. “Nesse sentido, não basta agir acima do “objeto”, sendo necessário criar algo para lidar com uma linha de pensamento. Em outras palavras: é preciso superar a despatologização do gênero e caminhar em direção a uma despatologização epistemológica” (FAVERO, 2020).

¹⁴ Conceito Bakhtiniano que será abordado ao longo do presente estudo.

[...] a voz é uma subversão ou uma ruptura da clausura do corpo. Mas ela atravessa o limite do corpo sem rompê-lo; ela significa o lugar de um sujeito que não se reduz à localização pessoal. Nesse sentido, a voz desaloja o homem de seu corpo. Enquanto falo, minha voz me faz habitar a minha linguagem” (ZUMTHOR, 2018, p. 83- 84).

O cerne desta discussão é justamente o local que a voz pode ocupar junto à linguagem, visto que ela se faz presente no ato enunciativo, logo, não podem ser vistas de forma dissociada. Assim como Zumthor afirmou em suas obras, outros estudiosos da linguagem também apontaram a presença da voz em suas mais variadas faces. Neumann (2016) reconhece o desafio de trazer a voz como objeto dos estudos da linguagem, mas afirma que a voz se torna, portanto, "o lugar privilegiado da constituição de subjetividades” e que essa é uma "constatação que questiona a sua consideração simplesmente enquanto som”. A voz não está sozinha, assim como não pode ser considerada neutra e tampouco apenas emissão acústica. A voz é inesgotável e percorre caminhos teóricos nas mais diversas áreas de conhecimento, contudo, não há como detalhar a voz sem fazer uso da linguagem.

Há que se beber de outras fontes, outras ciências, para dar conta da aproximação entre voz e linguagem que estamos propondo nesse estudo, visto que os estudos da linguagem apresentam certo silenciamento em relação à voz. Talvez um “transbordamento disciplinar”, como sugere Flores (2019), explique o fato da voz ter sido excluída dos estudos da linguagem em geral e da linguística em particular.

As disciplinas linguísticas que poderiam se deixar tocar pela voz - a fonética e a fonologia são exemplos disso - nada mais fazem do que desviar, na abordagem que dão ao tema, da realidade dos falantes em favor de uma abstração - o sistema fonológico de uma língua, as dimensões articulatória, auditiva e acústica da voz. O linguista, quando pensa falar em voz, limita-se ao fonema, à prosódia, ao suprasegmental etc (FLORES, 2019, p. 252).

O autor e professor de linguística afirma que a questão relacional e singular da voz passa despercebida aos estudos da linguagem, pois “o gesto de reconhecimento da vinculação da voz ao falante é exatamente o mesmo que a exclui da linguística” (FLORES, 2019, p. 254). Ou seja, os traços de individualidade do falante, percebidos na voz, travam um embate no horizonte linguístico, com o qual, até então, o linguista não estava acostumado a lidar. O mais próximo que a linguística chegou da singularidade do falante foi através dos estudos prosódicos. As demais disciplinas linguísticas “desviam da realidade do falante em favor da abstração, seja da língua como sistema, seja do falante como mero *enunciador, locutor, emissor* etc.” (FLORES, 2019, p. 255, grifos do autor).

Dito isso, nossa busca itinerante por um espaço para a voz, em específico a voz da pessoa Trans, acabou por encontrar abrigo no horizonte dos estudos bakhtinianos. A concepção de linguagem desenvolvida pelo hoje denominado Círculo de Bakhtin, um grupo de intelectuais russos, parte do que está materialmente expresso, do linguístico para o translinguístico, visto que vai além do sistema. A língua parte do solo social e se contextualiza a partir disso, constituindo o sujeito.

Os pressupostos do dialogismo, entendido como a principal base das formulações do Círculo de Bakhtin, são relevantes para a fonoaudiologia e sua prática. Faz todo sentido, sob um olhar clínico integrativo, utilizar uma concepção de linguagem que se desenvolve sob uma perspectiva que entende que a linguagem acontece de fato nas relações entre os sujeitos. Para Bakhtin, o enunciado, que é sempre passível de resposta, contempla o sentido, sendo necessário considerar o horizonte social e o contexto sócio-histórico ideológico para a construção desse sentido, extrapolando os limites da língua-sistema. Isso parte de um entendimento da língua em funcionamento, enquanto veículo de significações ideológicas (BAKHTIN, 2016; VOLÓCHINOV, 2018), sendo utilizada pelo sujeito, diferentemente de uma análise que considera os signos em um sistema fechado (CARDOSO, 2002). A fonoaudiologia, por ser considerada uma ciência da comunicação, se beneficia de um olhar para o funcionamento das relações sociais em que considera que diversos são os fatores que impactam diretamente um sintoma de linguagem (seja na clínica da voz, da audiologia, da disfagia). A proposta de acolhimento do sujeito dentro de seu contexto social e suas relações, como propuseram os intelectuais russos, interessa muito a esse estudo, pois apesar de existirem pesquisas que correlacionam dialogismo e fonoaudiologia (CARDOSO, 2002; SANTANA & SANTOS, 2017; OLIVEIRA, 2021), colocando o paciente como sujeito de discurso e protagonista dentro da clínica, há um escasso arcabouço teórico que explore o sujeito com diversidade de gênero, principalmente as implicações da voz na construção de sua identidade.

Diante disso, é importante fazer algumas ressalvas sobre o objetivo principal desse estudo. Os recortes metodológicos realizados serão necessários para selecionarmos os conceitos bakhtinianos que mais se aproximam da noção de voz, dadas suas especificidades teóricas e respeitando seus limites, a fim de interrogar a voz na sua capacidade de significar para a pessoa Trans e os efeitos de sentido que essa voz carrega. Acabaremos por excluir algumas noções fixas e normativas já estabelecidas sobre a voz, por não se tratar de uma análise fonoaudiológica e clínica da voz, assim propriamente dita. Através de vinhetas

clínicas registradas pela autora durante atendimentos no Ambulatório Trans, tentaremos inscrever a voz numa problemática discursiva mais ampla, que seja capaz de olhar a voz Trans por um outro viés que não o físico-acústico.

No capítulo um, denominado *A voz em distintas vertentes e classificações*, iniciaremos por tratar do campo onde por onde a voz caminha neste estudo. No subcapítulo *Fonoaudiologia: origens de uma ciência da comunicação*, achamos por bem situar a fonoaudiologia e sua origem como construção científica. Revisitaremos, inicialmente, o percurso da criação desta ciência que para muitos ainda é desconhecida. Embora possa parecer um tema fora do contexto do estudo em questão, as ideias discutidas neste capítulo são relevantes para compreender o esforço dos discursos dominantes em apagar e higienizar a língua. Regulação e silenciamento também foram práticas conhecidas pelos intelectuais do Círculo, visto que enfrentaram forte censura e repressão durante a elaboração de suas obras. Todo esse contexto de imposições a partir de forças dominantes e regulatórias nos remete ao cotidiano de pessoas com diversidade de gênero frente a uma sociedade conservadora e normativa. O ponto de convergência entre as reflexões levantadas é o exercício de perseguição às ciências humanas, a qual deveria ser considerada comum a todas as práticas que consideram o sujeito como ator central de suas vivências, justificando a elaboração de um capítulo que traz à luz práticas históricas de censura frente ao desenvolvimento das ciências. Ao longo desse primeiro capítulo, consideramos importante elucidar como a voz é tratada pela clínica fonoaudiológica, quais os padrões considerados *normais ou patológicos* e como isso implica no momento que um sujeito se reconhece em determinado gênero. Faremos um pequeno percurso sobre as noções linguísticas de voz e ao final do capítulo, abordaremos a possibilidade dos estudos da linguagem acolherem a voz como objeto de estudo, numa introdução das reflexões acerca da impossibilidade de classificar a voz puramente como som, dissociando aquele que é o seu enunciador.

No capítulo dois, intitulado *O Círculo de Bakhtin*, situaremos em tempo e espaço, quem foram os intelectuais que desenvolveram as teorias utilizadas para embasar esse estudo, focando principalmente em três deles: Bakhtin, Medviédev e Volóchinov. O modo como estes autores entendem a linguagem, de forma abrangente e social, dará condições teóricas para mapearmos os conceitos desenvolvidos em busca daqueles que se aproximam do nosso objeto de estudo. Por pensarmos ser impossível dissociar as reflexões sobre a população transgênero do meio social que habitam, colocamos a problemática da voz Trans para discutir com o as teorias do Círculo de Bakhtin.

Para finalizar, no capítulo três, denominado *Envozeirar as identidades*, teorizamos com base nos preceitos bakhtinianos acerca da representatividade contida na voz da pessoa Trans. A partir de pequenas vinhetas contidas em um diário clínico da autora do estudo, analisaremos criticamente os relatos sobre a percepção da voz Trans. Dessa forma, poderemos ilustrar de que forma os deslocamentos teóricos amparam nossas hipóteses e fornecem material para alimentar a discussão.

Capítulo 1

A voz em distintas vertentes e classificações

1.1. Fonoaudiologia: origens de uma ciência da comunicação

A história da Fonoaudiologia no Brasil começou a ser escrita antes mesmo da formalização da profissão e de sua implementação institucional. Os primeiros cursos de formação profissional para fonoaudiólogos surgiram na cidade de São Paulo, por volta dos anos 1960. A prática fonoaudiológica não institucionalizada já ocorria antes mesmo desse período. As motivações e a origem do surgimento desses profissionais são pouco evidenciadas atualmente. Sabe-se, como mencionado na introdução do presente estudo, que houve a necessidade de mesclar as áreas de saúde e educação para acolher as demandas dos escolares. Essa é a informação que consta nos veículos oficiais de Conselhos regulatórios da profissão de fonoaudiólogo.

Pouco se fala sobre os movimentos nacionalistas¹⁵ que antecederam a história oficial, objetivando a unificação da língua e sua influência na fundação da fonoaudiologia. Arrisco dizer que muitos fonoaudiólogos e fonoaudiólogas com formação recente não têm conhecimento sobre a história da profissão. A disputa de narrativas acabou por silenciar esta “pré” história da fonoaudiologia. Em sua pesquisa, Oliveira (2002) afirma que “A fonoaudiologia surge dentro da instituição escolar [...], como um dos instrumentos de homogeneização da linguagem no país, enquanto uma tentativa de apagamento das diversidades culturais e sociais existentes”.

Cardoso (2002) também traz uma importante contribuição sobre a construção e a trajetória da fonoaudiologia no Brasil. O autor percorre os eventos iniciais, como o *I Congresso da Língua Nacional Cantada (I CLNC)*, realizado em julho de 1937 no teatro Municipal de São Paulo¹⁶, e é considerado um dos marcos da origem da fonoaudiologia. O objetivo do evento era discutir a padronização da língua nacional combatendo as “impurezas na utilização da língua ocasionadas pelas diferentes pronúncias existentes no país”. Os

¹⁵ Período de instabilidade no país gerado pelo descontentamento da classe média com a oligarquia dominante da época. “Os movimentos de cunho nacionalista propunham uma ampla reforma visando a unificação nacional, através da escola, da saúde, da cultura e da organização do trabalho. A escola passa a ocupar um lugar privilegiado na campanha da nacionalização, sobretudo aliando-se aos ideais da Escola Nova. Buscava-se a formação de alunos preparados para serem trabalhadores adequados ao novo sistema de produção urbano-fabril” (OLIVEIRA, 2002).

¹⁶ São Paulo era a unidade federativa considerada, assim como ainda é atualmente, um dos maiores polos de desenvolvimento brasileiro, acolhendo uma enorme diversidade cultural.

trabalhos apresentados nesse congresso eram o reflexo do padrão de língua da época, onde o estudo da língua concebia a mesma como um sistema fixo e imutável. Era considerado desviante aquilo que não seguia a conformidade do sistema padrão. Esses movimentos caminharam na direção do apagamento e do controle da heterogeneidade cultural que compunha a sociedade brasileira. Os ditos grupos dominantes estabeleceram um processo de apagamento de minorias, as quais deveriam se moldar aos valores éticos, linguísticos e culturais impostos (OLIVEIRA, 2002). Lúcia Elena Figueiredo Neto, uma das fonoaudiólogas pioneiras na pesquisa e resgate histórico da constituição da fonoaudiologia, afirma que esses movimentos em defesa da língua-pátria estavam relacionados à preocupação das áreas de Medicina e Educação com os desvios dos escolares¹⁷. Neto (1994) explica que o profissional destinado a “purificar a língua” estaria incumbido de eliminar defeitos orgânicos e estrangeirismos nas falas das crianças.

A prática proposta para esse profissional abarcava atividades pedagógicas visando o alcance de um falar sem erros e condutas higiênicas que salvaguardassem a saúde mental e física do escolar. Além do enfoque corretivo existia uma preocupação profilática com o uso da linguagem durante o processo educacional (NETO, 1994, p. 74).

O profissional deveria ser um professor com formação no magistério e dois anos de curso de especialização em ortofonia¹⁸. Este primeiro período da criação da fonoaudiologia foi nomeado pela autora como *ideação*. O segundo momento é tratado como a atuação dos *pioneiros*, onde ocorreram iniciativas concretas de atuação profissional. Nesse período, os "pioneiros" compunham instituições como o Laboratório de Fonética e Acústica (LFA), a Santa Casa e Associação de Assistência à Criança Deficiente¹⁹ (AACD). A autora refere que eram atuações de raio limitado, mas que de certa forma delimitaram o perfil clínico do profissional. A proximidade com a área da saúde, ao lidar com a doença, parece fornecer um caráter valorativo às professoras que atuavam com problemas de fala. “Ser ortofonista ou audiólogista toma uma conotação valorativa de maior significado social do que ser professora” (NETO, 1994, p. 74).

¹⁷ Se voltarmos ao texto com um olhar atento, podemos perceber que essa mesma afirmação, ressignificada, é muito similar à descrição atual da origem da fonoaudiologia, porém sem um aprofundamento de suas reais motivações.

¹⁸ A etimologia da palavra ortofonia está relacionada à “perfeição da fala”.

¹⁹ Sabe-se que na época de publicação do artigo – 1994, a sigla AACD significava *Associação de Assistência à Criança Defeituosa*. Optei por utilizar no corpo do texto o termo “criança deficiente”, referente à sigla utilizada atualmente, devido ao referente pejorativo da sigla antiga. Importante ressaltar também que os movimentos anticapacitistas, desde a conferência da ONU em 2009, defendem a adoção do termo “pessoa com deficiência”. Para aprofundar esse tema, sugiro a leitura de *DA SILVA; KESKE, 2021*.

A preocupação com a linguagem foi sendo esquecida nas ementas das disciplinas da Fonoaudiologia. Os cursos de graduação, iniciados no chamado terceiro período, estavam contextualizados dentro de uma ideologia desenvolvimentista. Em 1961 surgiu o primeiro curso de fonoaudiologia, estabelecido dentro do departamento de oftalmologia e otorrinolaringologia da faculdade de medicina da USP. O embasamento teórico dos cursos circulava entre conceitos da biologia e da psicologia, cristalizando um saber técnico com objetivo de reabilitar distúrbios de comunicação. Para Neto (1994), não ficava claro qual o objeto de estudo da fonoaudiologia, mas sim o que se esperava do campo de atuação profissional. Definiu-se, então, um perfil profissional que desenvolveria processos de reabilitação e reeducação de distúrbios da comunicação, num sentido de uniformização da língua, afastando-se de um olhar atento para as questões de linguagem.

A atuação junto ao LFA foi determinante no delineamento do perfil clínico do profissional fonoaudiólogo. O caráter educacional foi sendo transformado em clínico, voltado para a doença e para o atendimento individual. A definição das patologias a serem abordadas pelos profissionais do LFA carregavam um traço estigmatizado: a ausência, a falta, passando então por um modelo que delimitava normal e patológico (OLIVEIRA 2002). A fonoaudiologia, em sua origem, difere de como a conhecemos hoje, pois passou por significativos processos de apagamentos e silenciamentos no seu percurso de desenvolvimento. Talvez alguns fazeres clínicos que atualmente parecem enraizados pudessem ter sido melhor desenvolvidos sob um olhar menos curativo. Vejamos, a seguir, como esses saberes refletem na concepção de algumas vozes consideradas eficientes e suficientes para o sujeito, e outras consideradas falhas e insuficientes.

1.2. Voz clínica: normal e patológica

Assim como a linguagem, a voz se apresenta como um dos tentáculos da fonoaudiologia. Dentro do campo da voz, para a fonoaudiologia, estão inúmeras possibilidades de atuação. Os cursos de especialização na área de voz constroem uma base teórico-prática que possibilita ao terapeuta desenvolver um trabalho diretamente ligado a cantores/cantoras, atores/atrizes, jornalistas, professores e demais profissionais que trabalham diretamente com o uso da voz. Contudo, uma demanda específica da clínica fonoaudiológica de voz são as disfonias. Disfonias são distúrbios da comunicação oral, onde a voz não consegue desempenhar seu papel principal: o de transmitir a mensagem verbal e emocional do indivíduo. Como exemplo das alterações que podem compor as disfonias, os autores sugerem:

desvio da qualidade vocal, fadiga vocal, esforço vocal, perda de potência, variações descontroladas da frequência fundamental, falta de volume e projeção, entre outras, que caracterizam uma disfuncionalidade da emissão vocal (BEHLAU, AZEVEDO & PONTES, 2001). A classificação das disfonias mais comumente utilizada se divide em comportamentais e orgânicas. Resumidamente, as disfonias orgânicas são caracterizadas por alterações nos tecidos ou na estrutura dos órgãos envolvidos na fonação ou em outros sistemas, resultando na incapacidade de produzir a voz de forma natural, independentemente do comportamento vocal da pessoa. As disfonias comportamentais são identificadas por mudanças na voz que estão diretamente relacionadas ao comportamento vocal do indivíduo, decorrentes do uso inadequado da voz ou da exposição a fatores de risco para distúrbios vocais (ALENCAR *et al.* 2020). Contudo, o que interessa a essa etapa do nosso estudo não segue uma classificação de patologia, mas sim o que a literatura entende como normalidade em relação à voz. Os mesmos autores citados acima, reconhecidos como referência na área, apontam uma importante reflexão em relação ao conceito de voz considerada normal. Durante a fonação normal, os músculos do aparelho fonador trabalham em conjunto de forma coordenada, equilibrada e precisa. Isso permite a produção de uma voz clara, sem esforço excessivo e com boa qualidade sonora. A harmonia muscular observada numa voz dita normal passa por um complexo mecanismo na atividade de todas as estruturas do aparelho fonador, sem excluir "a estreita e significativa relação existente entre a voz e as condições psíquicas do sujeito" (KLOSS, 2018).

Por sua vez, a formação psicológica do indivíduo também se expressa na voz, constituindo-se em uma das extensões mais fortes da personalidade. Assim sendo, a voz é uma manifestação com base psicológica, mas de sofisticado processamento muscular (BEHLAU, AZEVEDO & PONTES, 2001, p. 64).

Dessa forma, os autores apontam que voz e disfonia são conceitos negociáveis, o que me parece bastante coerente, visto que as vozes estão sempre marcadas por fatores psicológicos e culturais. Cabe aqui uma importante citação dessa obra que é tida como referencial para o especialista em voz:

A própria palavra *normal*, que significa segundo a norma, quando aplicada a qualquer conceito relacionado ao comportamento humano, oferece uma resistência imediata do momento em que normas comportamentais são altamente influenciáveis por fatores culturais e interpretações ideológicas, ou seja, são possíveis de receber juízos de valor. Questões como gosto pessoal, modismo, fatores sexuais, raciais e culturais podem ser envolvidos nessa análise. Uma grande variabilidade intrafalante e interfalante, além de uma *certa dose de subjetividade*, está, assim, envolvida nesse conceito (BEHLAU; AZEVEDO; PONTES, 2001, p. 65, grifos meus).

Discordo especificamente da questão onde os autores mencionam que há *certa dose* de subjetividade nos pontos levantados sobre o conceito de voz normal, justamente pela escolha

de palavras que passa a impressão de minimizar este ponto. A importância da subjetividade para a voz está bastante explícita no texto, assim como a linguagem, pois ela é parte significativa da constituição do sujeito, mas não houve um aprofundamento do tema, provavelmente por ser um livro que se destina ao tratamento de distúrbios vocais. A voz é um considerável índice de presença²⁰ do sujeito na linguagem. Há um distanciamento entre voz e linguagem, ao passo que os fatores emocionais mencionados ficam relegados a um processo de “uso diferencial da voz” (BEHLAU; AZEVEDO; PONTES, 2001), em que é possível expressar emoções através dela.

Ainda que façam parte do mesmo “polvo”, voz e linguagem são tentáculos que se movem separadamente. Ao apontar para o diagnóstico clínico, o fonoaudiólogo se debruça sobre uma avaliação acústica, observacional e anatomofisiológica, a partir da descrição da sintomatologia apresentada, procurando classificar uma voz desviante. No entanto, deve-se tomar cuidado ao desvincular a expressão vocal do modo de ser e estar no mundo, base essencial para a constituição do sujeito.

Steuer e Ferreira (2008) traçaram uma proposta de avaliação integrada dos aspectos da expressão vocal, propondo uma ampliação do olhar fonoaudiológico sugerindo que o profissional deve considerar “a noção de voz como gesto, como um movimento expressivo, e entende que a produção da voz é também marcada pelo psiquismo”, atuando conjuntamente ao bom funcionamento muscular e respiratório. Até aqui essa proposta parece ir ao encontro de nosso estudo, pois demarca que a produção vocal está diretamente relacionada ao contexto emocional integral de cada indivíduo. Contudo, tal abordagem sugere que a voz possa ressoar do corpo livremente, funcionando como uma engrenagem perfeita. Apesar de ser uma abordagem que sugere que o todo do sujeito seja considerado, ainda está longe do nosso entendimento sobre a voz ser parte integrante da constituição de um sujeito e que demarca sua presença na linguagem. Da forma que foi proposta, parece não considerar as especificidades de cada sujeito. A avaliação mencionada segue uma lógica de compartimentalização da terapêutica que foca a análise no convívio harmonioso entre a respiração, as tensões e o ritmo muscular, distante da linguagem. A teoria utilizada no estudo de Steuer e Ferreira (2008) utiliza um conceito de aprisionamento corporal, colocando a fixidez como base para entender adaptações vocais (posturais, musculares e respiratórias) que caracteriza um limitador à expressão vocal. A proposta é interessante, no sentido de conceber a voz como potência identitária e principalmente por considerar a multimodalidade como constituinte da expressão

²⁰ Termo desenvolvido pela autora Nina Paim Kloss (2018) em sua dissertação de mestrado.

da voz. As autoras afirmam que "A voz como expressão da nossa identidade, veicula sentimentos e pensamentos, ou seja, ela nos apresenta e nos torna presentes" e é daqui que partimos para o desenvolvimento de uma percepção da voz que considere o contexto sócio-cultural-ideológico em que se encontra o sujeito que fala.

A questão levantada nos parágrafos anteriores trouxe à luz a falta de flexibilização de um sistema rígido de funcionamento da comunicação, onde o dito aprisionamento corporal pode levar ao desenvolvimento de disfonias. Proponho, talvez radicalmente, o deslocamento dessa noção de aprisionamento para um contexto de aceitação (ou a falta dela), passando pelo crivo de um outro sistema de normas rígidas, que pode levar a disforias. O ponto central da discussão nesse estudo é a voz da pessoa Trans. A busca pela adequação de gênero dessas pessoas passa também pelo tratamento vocal, entre outras mudanças corporais. A terapêutica é entendida na clínica fonoaudiológica como um tratamento que realiza ajustes vocais para adequação da frequência fundamental (f_0), entre outros parâmetros, com o objetivo de atingir padrões vocais considerados femininos ou masculinos. A voz é um importante marcador de gênero, principalmente para os ouvintes. Vejamos, a seguir, como ocorre o processo de patologização de gênero através da voz.

1.3. Voz Trans: patologizando identidades

Em sua obra *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, Guacira Lopes Louro (2021) inicia o debate com uma interessante narrativa acerca dos "viajantes pós-modernos" e utiliza a metáfora da viagem para refletir sobre trajetórias e novas formas de ver o mundo. Para a autora, a repressão dos corpos já não é completamente suficiente para conter os "aventureiros ou desviantes", aqueles e aquelas que subvertem às regras impostas por uma matriz heterossexual (LOURO, 2021, p. 17). Viajar, metaforicamente, por entre as identidades, pode ser entendido como se colocar à deriva, à margem, quando o centro se torna um local desconfortável à sua existência. Os *viajantes* de Louro (2021) são detentores do contraste, da subversão e dos confrontos. A transitoriedade desses sujeitos acaba por confundir as regras na tentativa de cruzar fronteiras. A posição dos sujeitos desviantes de que trata a autora vai ao encontro do que tratamos no capítulo anterior:

É possível recorrer a essas representações para pensar, também, os sujeitos transgressivos de gênero e sexualidade. Esses sujeitos, frequentemente, recusam a fixidez e a definição das fronteiras e assumem a inconstância, a transição e a posição "entre" identidades como intensificadoras do desejo (2021, p. 21).

A prática regulatória de identidades de gênero produz corpos demarcados materialmente como um efeito de poder, a serviço de um imperativo cisheteronormativo²¹. Esse sistema regulatório referido é caracterizado, segundo Rosa (2020), "como um conjunto bem delimitado de normas, reforços e punições, assim como aqueles presentes nas instituições totais". Um sistema que se baseia num binarismo heterossexual presume que os corpos sejam cisgêneros como única possibilidade de existência, ou seja, sugere que o homem cis possui corpo masculino e com pênis, já a mulher cis possui corpo feminino e uma vagina. Essa dicotomia corporal identitária pressupõe tanto a inexistência como a marginalização de pessoas Trans.

Os corpos dissidentes acabam sendo agenciados em relação às normas de gênero impostas, vendo-se obrigados a cumprir papéis sociais definidos por uma superfície de subjetivação linear dentro de um sistema controlador. O título deste subcapítulo se refere à voz das pessoas Trans, mas achamos por bem mapear a inscrição dos sujeitos nessa redoma que se articula no interior das relações de poder e que se instauram por meio da linguagem. A busca por uma adequação vocal passa por esse desejo, que aqui não afirmo ser determinista ou por escolha, de ser compatível à identidade com a qual o sujeito se percebe.

Ao estabelecer como objetivo último da transição a possibilidade de 'passar por cis', a experiência da passabilidade como horizonte normativo acaba por definir e aplicar valores aos corpos e, por conseguinte, aos próprios sujeitos, explicitando relações de hierarquia. O uso de hormônios ganha contornos em um cenário que intensifica competições e atualiza relações de poder (PONTES & SILVA, 2017).

A utilização de hormônios, como citado acima, bem como outras ferramentas anexadas à produção de corporalidades, resulta num sujeito que "é ao mesmo tempo um produtor e um intérprete de signos, sempre implicado em um processo corporal de significação, representação e autorepresentação" (PRECIADO, 2008). O termo *gênero* foi utilizado como categoria gramatical pela primeira vez em 1955 pelo psicólogo infantil John Money, seu objetivo foi lançar mão de uma ferramenta de diagnóstico clínico para bebês que nasciam com genitais ou cromossomos impossíveis de serem classificados pela medicina como femininos ou masculinos.

Quando usou a palavra gênero para definir um "papel social" ou "identidade psicológica", pensava essencialmente na possibilidade de utilização de tecnologias (de hormônios a técnicas sociais, como aquelas empregadas em instituições

²¹ Importante salientar o uso do termo *cis* em oposição a *Trans* justamente para demarcar uma posição identitária na luta da população Trans. A autora Rosa (2020) é categórica ao afirmar: "Por isso é importante reafirmar o uso do termo *cisheteronorma* em substituição a *heteronorma*, na reafirmação de que a construção da identidade de gênero é socialmente realizada na tentativa de unificar identidade de gênero e sexual, mas que tais construções são distintas e representam opressões diferentes contra o indivíduo".

administrativas e pedagógicas) para modificar o corpo ou produzir intencionalmente subjetividade a fim de conformá-lo a uma ordem visual e biopolítica preexistente, que foi prescrita para o que se supunha ser um corpo humano feminino ou masculino (PRECIADO, 2008, p. 109-110).

Esse "papel social" mencionado por Preciado (2008) é composto por diversas características (sociais, discursivas e físicas) que devem performar em consonância. A voz, por ser uma importante marca da expressividade de gênero, não escapa desse movimento representativo. O processo de transição de gênero encontra diversos obstáculos pelo caminho, sendo a voz uma das principais características físicas que dificulta e até impede que as pessoas sejam reconhecidas de acordo com sua identidade de gênero. Como bem afirmam os autores Barros Filho *et al.*, (2004, p. 99), "O tipo de punição para quem infringe uma norma fonética é, na grande maioria das vezes, social. Um olhar de repreensão. Uma desaprovação verbal". Fatores importantes que geram desconfortos no processo de enunciar a voz.

Os mesmos autores, numa abordagem que propõe a construção social da voz tal qual estamos exercitando nesse estudo, tecem importante crítica ao "biologismo presumido" a partir do qual a voz é estudada, em que sua produção acaba sendo relegada institucionalmente a causas de ordem orgânica. Situações patológicas são descritas quando a manifestação vocal é vista como desviante. Ao longo da produção científica da fonoaudiologia, área mais intimamente ligada à voz, foram sendo desenvolvidos estudos com enfoque nas estruturas do aparelho fonador e suas características anatomofisiológicas, parecendo mais eficiente estabelecer as causas de determinadas manifestações vocais a partir de uma categorização do saber hegemonicamente centralizado na medicina. Saber esse que relegou a voz a um quase esquecimento de sua produção como aprendizado oriundo da socialização. São raras as análises sobre o uso social da voz (BARROS FILHO *et al.*, 2004).

De acordo com a descrição de especialistas, para os falantes do português brasileiro, a frequência fundamental média para homens adultos (18 a 45 anos de idade) é de 113 Hz, enquanto que para as mulheres adultas na mesma faixa etária a frequência fundamental é 204 Hz. Existem algumas variações entre outros estudos em relação aos valores, mas em geral não se distanciam muito dessas faixas (BEHLAU; AZEVEDO; PONTES, 2001).

O fonoaudiólogo estuda as características anatômicas das estruturas do aparelho fonador, das quais a laringe e as pregas vocais estão diretamente ligadas à produção vocal. A laringe possui duas funções principais: respiratória e fonatória. Na primeira, a laringe, além de controlar o fluxo de ar que entra e sai dos pulmões, possui um mecanismo de proteção das vias áreas que impede a entrada de alimento/líquido até a porção pulmonar durante a

deglutição. Já na segunda, fornece a base para a realização da vibração das pregas vocais que possibilita a fonação a partir da produção vocal.

Segundo Mills e Stoneham (2017), baseando-se no modelo Estill²², são estabelecidos três parâmetros gerais para entender a voz: força, fonte e filtro. A ressonância encontra-se dentro do parâmetro filtro, assim como a amplificação e o prolongamento, pois estão ligados à mudança sonora. A ressonância está entre os pontos mais importantes quando se fala em identificação de gênero. Diferenças de ressonância entre vozes ditas masculinas e femininas são apresentadas de forma consistente. As frequências médias dos formantes em vozes femininas tendem a ser aproximadamente 20% mais altas que nos homens, qualidade atribuída aos tratos vocais comparativamente mais curtos em mulheres. As pregas vocais, responsáveis pela vibração que gera o som, são formadas por diferentes tecidos. De acordo com os autores, "em média, os homens têm um comprimento de prega vocal 60% maior do que as mulheres, o que explica a diferença de frequência fundamental entre os sexos" (HERSHBERGER *et al.*, 2005). Dessa forma, a frequência fundamental é calculada a partir da vibração dessas estruturas mencionadas acima, tendo relação direta com a ressonância no trato vocal. São essas características fisiológicas que diferenciam a voz feminina da masculina (SANTOS; ANTUNES, 2020).

As autoras Lima e Rechenberg (2015), em relação aos parâmetros da voz, mencionam outros subsistemas envolvidos na produção dos parâmetros vocais

Os parâmetros vocais estão relacionados aos ajustes na fonte produtora do som e no trato vocal. Envolvem as modificações de posicionamento de lábios, língua, mandíbula, faringe e laringe, proporcionando variação e flexibilidade vocais que se manifestam em diferentes formas de produzir ressonância, *pitch*, *loudness*, modulação, velocidade e articulação e constituem a identidade vocal do falante.

Ou seja, o mecanismo vocal é bastante complexo. As fonoaudiólogas autoras do estudo também afirmam que a avaliação da psicodinâmica vocal é uma forma de relacionar os aspectos de personalidade, sentimentos e emoções ligadas à voz, sendo capaz de descrever o efeito produzido pela qualidade vocal do indivíduo no ouvinte (LIMA; RECHENBERG, 2015). A conexão entre as características da voz e os aspectos psicodinâmicos ilustra como os elementos subjetivos das emoções influenciam a produção vocal. O estudo demonstra que, de forma similar, as crianças constroem suas representações linguísticas por meio da percepção e

²² Josephine Antoinette Estill (1925-2010) foi uma cantora americana, também conhecida por ser especialista e pesquisadora em voz. Elaborou um programa de treinamento para desenvolver habilidades vocais a partir do controle individual das estruturas envolvidas na voz, resultando num controle consciente.

da habilidade de reconhecer vozes. As características vocais são retidas pela memória de longo prazo das crianças e estão associadas ao reconhecimento da identidade do falante. Sabe-se também que a laringe é um órgão hormônio-dependente, o que significa que sofre impacto direto da ação hormonal (ZAMPONI *et al.*, 2021; JOTZ; VARGAS, 2022). Nos homens Trans, a terapia hormonal com testosterona resulta num aumento de massa das pregas vocais, consequentemente deixando o tom de voz mais baixo (grave), por vezes sendo satisfatório e não necessitando de outras intervenções, cirúrgicas ou terapêuticas. O contrário, porém, não acontece para as mulheres Trans. O estrogênio e outros hormônios femininos não interferem na frequência fundamental da voz (CIELO *et al.*, 2021).

Todo o aparato teórico descrito até aqui sobre a questão identitária da voz, como ela afeta socialmente os sujeitos Trans e como as ações da musculatura laríngea são organicamente entendidas pela ciência que cuida da voz, serviu para iniciar efetivamente um debate sobre a queixa das pacientes em relação ao desconforto causado pela voz. A não conformação vocal de acordo como o gênero em que a pessoa se entende geralmente afeta a autoestima e pode aumentar a disforia²³, causando sofrimento aos sujeitos.

De acordo com Moog e Sund (2021), dentro da comunidade transgênero, não binária e expansiva de gênero, a voz é um fator importante e até 96% dos indivíduos relatam experimentar incongruência entre voz-gênero em algum momento. Além da disforia causada por essa incompatibilidade entre a voz esperada para determinado gênero, a saúde mental dessa população vulnerável é extremamente afetada por esse aspecto, levando ao chamado estresse de minorias²⁴. Essas questões suscitaram a presente pesquisa, buscando evidenciar os efeitos advindos da voz dos sujeitos Trans e seus discursos.

1.4. Redesignação vocal: tecnicamente falando

Para elucidar brevemente o que a fonoaudiologia entende por mudança vocal, especificamente para as pessoas em transição de gênero, explicarei a base do raciocínio clínico proposto para realizar esse trabalho. Como exposto anteriormente, são raros os estudos

²³ No DSM-5 os critérios diagnósticos para a disforia de gênero estão associados à incongruência acentuada entre o gênero experimentando/expreso e o gênero designado, com duração de pelo menos seis meses, apresentando pelo menos dois critérios listados no manual, referentes ao desejo de expressão e características de outro gênero. A condição está associada a sofrimento clinicamente significativo e prejuízo nas atividades de vida do indivíduo (APA, 2014, p. 452-453).

²⁴ O Modelo de Estresse de Minoria é definido como o resultado do conflito entre o indivíduo e a sua experiência em sociedade, desenvolvido a partir de uma série de teorias psicológicas e sociais. Quando um indivíduo pertence a um grupo de minoria (e.g., minorias raciais e minorias sexuais) em uma sociedade que o estigmatiza e o discrimina, o conflito entre ele ou ela e a cultura dominante pode ser oneroso e resultar em estresse significativo. (MEYER, 1995 apud COSTA, 2022).

que entendem a voz numa construção social, assim como são raras as publicações sobre ajustes vocais e abordagens de tratamento da voz de pessoas Trans. A grande maioria aborda discussões sobre o desconforto vocal de pessoas Trans ou realiza análises comparativas da fonoterapia durante o período de tratamento e/ou pós cirúrgico (CIELO *et al.*, 2021; VILLAS-BÔAS *et al.*, 2021; PARK; BROWN; COUREY, 2021; JOTZ; VARGAS, 2022). São duas as principais abordagens utilizadas para modificar o tom da voz de uma pessoa, física e acusticamente. A fonoterapia, geralmente tida como primeira opção de tratamento, e a cirurgia, quase sempre associada à fonoterapia no período pós-cirúrgico. Não discutiremos sobre a questão cirúrgica nesse estudo.

Em estudo recente foi elaborado um protocolo de atendimento para redesignação vocal da população Trans, onde a equipe fonoaudiológica aplica os seguintes questionários: Índice de Triagem do Distúrbio Vocal – ITDV; Qualidade de Vida em Voz – QVV; Transexual Voice Quality – male to female – TVQ; Escala URICA-VOZ; Escala de Autoavaliação da Fadiga Vocal- EAFV e Escala de Sintomas Vocais– ESV. O Protocolo de Redesignação Vocal-trans tem duração de 12 meses e consiste em um encontro mensal. Durante cada mês é abordado, juntamente da fonoaudióloga, um parâmetro vocal específico através de diferentes métodos, tanto individualmente como em grupo. Esses parâmetros incluem: corpo, *pitch*, *loudness*, ressonância, projeção vocal, articulação, velocidade de fala, prosódia, psicodinâmica vocal, resistência vocal, expressividade vocal e expressividade corporal (DORNELAS; SILVA; PELLICANI, 2021). Este caracteriza-se como um dos únicos estudos com direcionamentos de avaliação e acompanhamento da voz de pessoas Trans criado no Brasil.

A análise acústica da voz tornou-se uma ferramenta primária para avaliar e quantificar a qualidade vocal de um indivíduo. Os parâmetros comumente analisados são medidas de frequência fundamental, perturbação de frequência e amplitude, e medidas de ruído (VILLAS-BÔAS *et al.*, 2021). Outros parâmetros também são considerados, como a curva melódica, ritmo, intensidade vocal e ressonância (SEBASTIÃO *et al.*, 2022). Existem softwares e aplicativos que também realizam uma avaliação das medidas acústicas da voz, de forma visual e quantitativa, revelando pistas importantes tanto para a fonoaudióloga quanto para os/as pacientes. Em termos físicos, a frequência (*pitch*) se correlaciona com a velocidade de vibração das pregas vocais e é medido em Hertz (Hz), sendo um ciclo composto por quatro fases (fase aberta, fase de fechamento, fase fechada e fase de abertura) por segundo (MILLS e STONEHAM, 2017). Os mesmos autores criaram um diagrama (Figura 1) exemplificando a faixa de frequências típica alcançada por mulheres e homens cis, sugerindo a utilização de um

teclado/piano para auxiliar a pessoa a encontrar seu tom de voz de acordo com o gênero em que se identifica ou aquele que mais lhe deixa confortável.

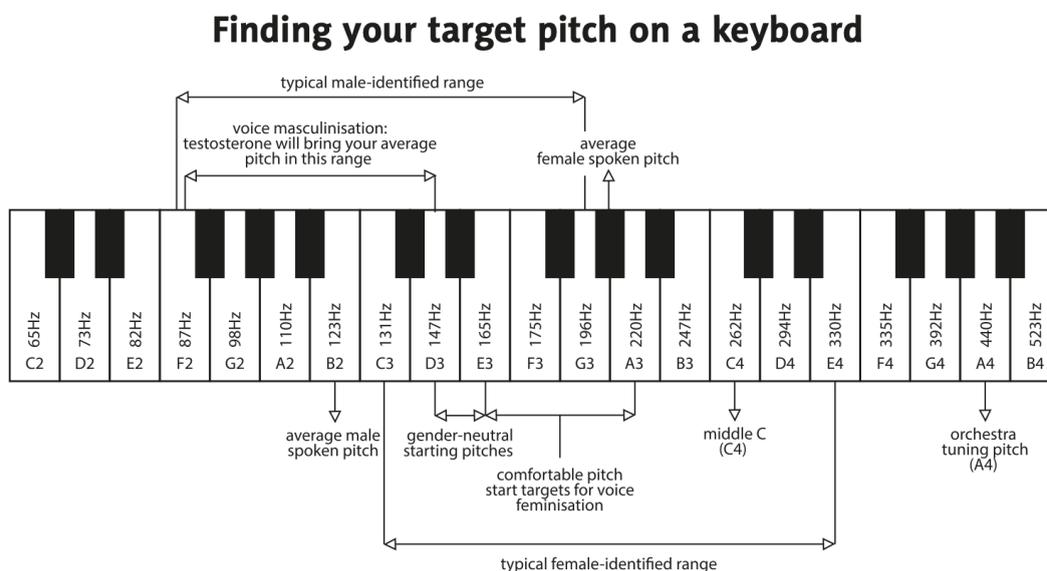


Figura 1. Diagrama ilustrativo de reconhecimento vocal de acordo com o gênero. Retirada de Mills e Stoneham (2017, p. 65).

Essa pode ser uma tecnologia leve utilizada e que requer poucos recursos, visto que teclados virtuais (Figura 2) podem ser encontrados em diversos aplicativos de celular gratuitos, não necessitando do instrumento musical para realizar a intervenção fonoaudiológica. Sabe-se que múltiplas barreiras são criadas em relação ao acesso à saúde por parte da população Trans, pois são pessoas que "historicamente estão expostas a múltiplas violações de direitos humanos e têm sido estigmatizadas" (THOMAZI, 2022) em todo tipo de ambiente social. Visto que o acesso é dificultado, tanto por falta de capacitação das equipes de saúde quanto pela falta de interesse institucional em instrumentalizar os profissionais, considero a utilização de um recurso de tecnologia leve (Figura 1 e Figura 2) como uma importante ferramenta de incentivo da fonoterapia específica para esta população. A realidade dos locais destinados ao atendimento de saúde da população Trans geralmente é caracterizada pelo baixo recebimento de recursos físicos e financeiros.

Retomando a análise do diagrama supracitado, de acordo com os autores, para uma pessoa que deseja feminilizar a voz, os exercícios de afinação devem iniciar em torno das notas de E3 (165Hz) a G3 (196Hz), e às vezes alcançando até A3 (220Hz). Se o desejo for masculinizar a voz, além do alcance proporcionado pela hormonização com testosterona (-2 - 87Hz a -3 - 147Hz), o paciente deve atingir em média as frequências entre 90 e 140Hz.

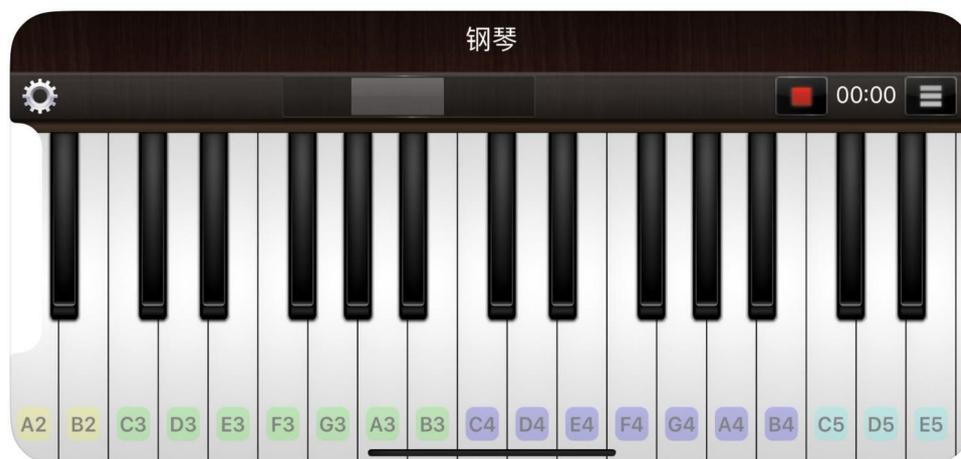


Figura 2. Aplicativo gratuito Piano desenvolvido por ZongMing Yang, compatível com sistema iOS.

Para gênero neutro ou não-binário, as frequências são reconhecidas em torno de D3 (147Hz) e E3 (165Hz). Apesar de bastante ilustrativo, não há um procedimento pronto para todas as pessoas, pois o processo de entendimento da expressão vocal é bastante complexo e envolve inúmeros outros fatores, além da frequência fundamental.

Estudos relatados na literatura médica e fonoaudiológica sobre parâmetros de pitch tendem a descrever dados coletados de pessoas cis, e não há um consenso sobre o quão alto ou baixo você precisa ser para ser percebido em seu gênero preferido (MILLS; STONEHAM, 2017, tradução nossa).

O trabalho fonoaudiológico deve entender as especificidades de cada paciente, buscando a melhor forma de adaptação vocal que se ajuste e seja confortável, cumprindo seu papel dentro da subjetividade dos sujeitos. Como citado acima, os parâmetros vocais foram estabelecidos de forma biológica na literatura, segundo o que entende a normatividade. Dessa forma, o profissional responsável por trabalhar diretamente com a voz deve tomar cuidado para não exercer uma prática com estratégias higienistas que levem a um apagamento de existências e singularidades.

De acordo com o documento elaborado por especialistas da Universidade da Califórnia, *Guidelines for the Primary and Gender-Affirming Care of Transgender and Gender Nonbinary People* (2016), a profissional fonoaudióloga que se propõe a atender pessoas com desconfortos vocais relacionadas à transição de gênero deve se apropriar das técnicas tanto quanto considerar a perspectiva da despatologização dessas identidades. Escutar

a voz como um importante marcador de presença do sujeito²⁵, considerando seu contexto social por inteiro, na busca por uma voz que seja satisfatória em todos os aspectos. O Conselho Regional de Fonoaudiologia da 2ª região também emitiu um parecer técnico sobre a atuação fonoaudiológica junto à população LGBTQIAP+, buscando nortear de forma ética o trabalho do fonoaudiólogo que atua diretamente com essa população (CREFONO2, 2022).

Contudo, podemos nos questionar se modificar a voz, a um ponto de aproximação com o gênero que se almeja, será suficiente para o sujeito ser lido como deseja? Essa questão, frequentemente retomada nas consultas fonoaudiológicas, nos faz refletir sobre os diferentes aspectos atrelados à voz, para além de sua materialidade sonora. A linguística já vem manifestando interesse nesse assunto, buscando traçar os limites da voz na construção de sentido. Vejamos algumas de suas modulações.

1.5. A voz nos estudos linguísticos

A partir da construção da presente reflexão, um de nossos objetivos é entender os caminhos pelos quais se pode conceber a voz como objeto a ser abordado dentro dos estudos linguísticos. Dessa forma, pensamos que a voz não se limita apenas a ser o espaço que identifica as unidades linguísticas elementares, mas sim o abrigo de diferentes efeitos de sentido sobre o falante.

A filósofa Adriana Cavarero problematiza a ausência da voz nos estudos, tanto filosóficos, quanto linguísticos. A autora menciona que o *logos* perdeu a voz (2011, p. 50), numa crítica à desvocalização do discurso, sobretudo com prejuízo do plano acústico da palavra. Flores (2019, p. 252) menciona que “o linguista quando pensa falar em voz, limita-se ao fonema”, visto que as disciplinas linguísticas que traçam alguma aproximação com a voz - a fonética e a fonologia - limitam-se a transcrever e descrever a fala desvinculada de sua origem sonora. Ou seja, “a voz como som em processo é apagada a fim de ser concebida como dicção cuja materialidade constitutiva reside na estrutura gramaticalmente ordenada das palavras” (SOUZA, 2014). Apesar desses estudos, há uma escassez de trabalhos na área da linguística que buscam enfatizar a importância da voz.

Outra possibilidade de aparecimento da voz na linguística se dá nos estudos prosódicos. A modulação vocal que altera as propriedades acústicas dos sons da fala é

²⁵ O uso do significante “sujeito” utilizado a partir daqui circunscreve-se à ideia de “ser humano”, principalmente quando refere-se ao seu pertencimento no universo da linguagem. Importante deixar claro, pois o mesmo significante, utilizado no gênero gramatical masculino, poderia fornecer uma ideia de não acolhimento das demais identidades, numa lógica de “masculino genérico”. Contudo, *sujeito* é empregado nesse estudo quando está em contexto de subjetividade no exercício da língua.

bastante explorada por pesquisadores da área, visto que a prosódia provê "a organização da forma fônica da língua, precedendo o desenvolvimento de aspectos gramaticais e lexicais" (VASCONCELOS; SCARPA; DODANE, 2018). A concepção do conceito de prosódia, principalmente nos estudos sobre aquisição da linguagem infantil, é uma das que mais se aproxima do elemento voz, como define Scarpa (1999,p. 537):

A prosódia molda a materialidade fônica em organizações e reorganizações sucessivas. A criança pequena trabalha com a organização do significante, delimitando-o e segmentando-o. Trata-se de alçar da massa fônica o significante, dando-lhe forma (ou "valor", no sentido saussuriano), na interação linguística com o outro, instância da língua materna.

A propósito dos estudos que vêm acusando um silenciamento da voz nos estudos linguísticos, já é possível perceber certa conciliação em pesquisas mais recentes que buscam rastros²⁶ de presença da voz. Neumann (2018) aponta para a potencialidade de se pensar na singularidade da voz a partir do trabalho do linguista Émile Benveniste. Ao pensar a voz a partir do domínio semântico, ou seja, do discurso (BENVENISTE, 2006, p. 65), é possível buscar sustentação teórica para pensar na porção singular da realização vocal, ao passo que “a ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso” (BENVENISTE, 2006, p. 66). Sobre a enunciação, o linguista aponta que ela acontece quando a língua é posta em funcionamento através de um ato individual de utilização. "O mais imediatamente perceptível e o mais direto - embora de um modo geral não seja visto em relação ao fenômeno geral da enunciação - é a realização vocal da língua” (2006, p. 82). Embora Benveniste atente para uma prática científica que busca “eliminar ou atenuar os traços individuais da enunciação fônica” ele chama atenção para o fato de que “para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhe” (2006, p. 83). Ou seja, os traços e as marcas da voz e de suas potencialidades estão impressas nas mais variadas teorias linguísticas e, como menciona o semiótico Herman Parret (2002, p. 23), “tudo dependerá evidentemente da definição de voz que se precisará construir, na sua relação com a sonoridade e com o ruído”.

Conforme ressaltado por Surreaux (2013), a fonologia como área da linguística que trata dos aspectos sonoros da língua foi amplamente abordada por Ferdinand de Saussure em seu primeiro curso de linguística geral. Saussure, considerado um dos precursores na área, se dedicou à organização da língua enquanto sistema abstrato de regras e convenções, em busca

²⁶ Referência ao grupo de pesquisa *Rastro do Som em Saussure*, ligado ao PPG Letras da UFRGS e coordenado pela Profª Drª Luiza Milano.

de conferir cientificidade à abordagem adotada para investigação linguística. O mestre genebrino deixou em seu legado diversas pistas fônicas que, através dos estudos sincrônicos e diacrônicos de uma língua, são possíveis de serem captadas pelos pesquisadores. Milano (2015) destaca que

O fato fonológico para Saussure é sustentado pela consideração simultânea da produção do som e do efeito que ele produz. Para tanto, o mestre enlaça na unidade fonema a relação entre o som e a significação. [...] Ou seja, o laço entre a realização articulatória e o efeito causado no ouvido pela produção sonora vem a resultar na noção de impressão acústica, elemento integrante da definição de signo linguístico. É possível depreendemos dessa constatação o fato de que Saussure, ao definir a unidade com a qual trabalha o linguista, considere simultaneamente os aspectos concretos e abstratos da porção significativa do signo linguístico (MILANO, 2015).

Assim como a autora reconhece que Saussure indica caminhos metodológicos sobre o aspecto fônico das línguas, outros pesquisadores partem em busca, de forma concreta ou abstrata, das marcas deixadas nos estudos linguísticos que possibilitem interpretações acerca de pistas sonoras, acústicas, vocais etc. Ao nosso estudo interessa, portanto, o que diz Neumann (2018) a partir dos escritos de Henri Meschonnic, que sugere considerar o estudo da língua sob os domínios do discurso, rompendo a oposição entre som e sentido. A associação, portanto, entre som e sentido, concebe a linguagem a partir do contínuo do discurso, onde o movimento de significar é expresso através do corpo, de gestos, da voz e da história do falante. Não se restringe apenas ao som e ao sentido, mas sim a uma pessoa realmente falando, "não lhe saem mais da boca as categorias da língua, que deixam sempre um estranho resíduo, mas você é discurso e prosódia por inteiro. O infinito do dizer" (MESCHONNIC, 1989/2006, p. 57 apud NEUMANN, 2018). Voz e linguagem estão por toda parte, basta que estejamos atentos para encontrar as pistas. O linguista russo Roman Jakobson em *Linguística e Comunicação* faz menção a vários termos onde é possível interpretar algum tipo de presença da voz, como por exemplo "textura sonora da língua", "timbres escuros", "envolvimento fônico", ou quando, em referência ao uso de vogais no latim, o autor afirma que "tal contraste é sustentado por um outro complexo sinestético, que associa a tonalidade surda dos fonemas graves com a pesadez, e a tonalidade viva dos fonemas agudos com a leveza" (JAKOBSON, 1995, p. 114), no sentido de percepção do som emitido através da voz. Embora não haja explicitamente o termo voz, os elementos sonoros estão postos e disponíveis a leituras minuciosas.

Todas essas ideias que partem da linguística são fundamentais para a compreensão da voz como um fenômeno de grande relevância nos estudos sobre a voz – e não se contradizem neste trabalho. Os pontos debatidos vão ao encontro das ideias defendidas, o que acrescentaremos à discussão é a questão da identidade e a constituição social das pessoas

Trans a partir de sua voz. Nesse caminho, a fim de descobrir qual a definição de voz que lhe faz sentido e de onde extrair seu embasamento teórico, cabe ao pesquisador da linguagem essa travessia em busca de interpretar os pormenores dentro das teorias da linguagem.

1.6. O sujeito se constitui na voz

O linguista francês Émile Benveniste, em seu ensaio *“Da subjetividade na linguagem”*, afirmou que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”, e nesse exercício de singularidade do ato enunciativo é que, assim como propôs Kloss (2018), queremos destrinchar a voz como um índice de presença do sujeito na linguagem. Ainda que essa presença seja recente, pois como afirma Flores (2019, p. 248) “a voz humana é uma desconhecida tanto dos estudos da linguagem em geral quanto dos estudos da linguística em particular”, foi na linguagem que encontramos possibilidades de entender a voz com outro olhar. Contudo, não estamos tratando de qualquer voz, assim como não pedimos licença a qualquer linguística. O paradoxo traçado neste estudo vai ao encontro de uma potencialidade vocal que compõe um corpo em transição, um corpo Trans. A linguagem que comporta sujeitos divergentes considerando seu ambiente social de realização é uma linguagem aberta a receber o falante em seu contexto integral, corpo-voz-sociedade-história. Assim como Surreaux (2006) olhou para o sintoma apresentado pela linguagem em funcionamento como uma forma singular do sujeito se manifestar, entendendo que a falha é um modo de aproximação e presença, nosso entendimento da voz que não atinge as expectativas do ouvinte vai pelo mesmo caminho. Essa falta/falha não caracteriza patologia.

O filósofo italiano Corrado Bologna, em sua obra sobre a metafísica e antropologia da voz, afirma:

Antes mesmo que a linguagem comece e se articule em palavras para transmitir mensagens na forma de enunciados verbais, a voz sempre se originou, existe um potencial de sentido, vibra como um fluxo indistinto de vitalidade, pulsão confusa de querer-dizer, de exprimir, isto é, de existir. Sua natureza é essencialmente física, corpórea; relaciona-se com a vida e a morte, com a respiração e o som; é emitido pelos mesmos órgãos que presidem a nutrição e a sobrevivência (BOLOGNA, 1992, p. 23).

Para o autor, antes de ser um suporte e um canal de transmissão das palavras através da linguagem, “a voz é um grito imperioso de presença”, responsável, entre outras coisas, por identificar aquele que enuncia, ao que conclui também o medievalista Paul Zumthor: “a voz utilizando a linguagem para dizer alguma coisa, se diz a si própria, se coloca como presença” (ZUMTHOR, 2005, p. 63).

O presente estudo entende a voz a partir de uma capacidade socialmente orquestrada de representar o mundo, "dependente da singularidade dos encontros, dos interlocutores, dos instantes e locais de interlocução". A voz que aqui é apresentada não se afasta do social, visto que ela é responsável por identidades que estão em constante confronto com outras vozes²⁷. O discurso, local onde a voz encontra espaço para se expressar, acontece nas relações sociais entre enunciados e enunciatários. O sujeito de discurso não reproduz simplesmente o mundo social em que está situado, tampouco somente o reflete. O material semiótico contido no discurso é rearticulado a cada nova enunciação, sendo inédito a cada novo ato, transformado, recriado e refratado

Refração é atualização criativa. Uma potência atualizada, que ganha forma, no instante. Enunciar um discurso é sempre atualizar uma potência discursiva [...] Para isso, a voz. *Potência fonética atualizada* (BARROS FILHO *et al*, 2004, p. 98, grifos nossos).

O conceito de refração aqui mencionado refere-se ao que diz Volóchinov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e nos leva a considerar pegar de empréstimo os conceitos dessa filosofia da linguagem desenvolvidos pelos membros do Círculo de Bakhtin. A enunciação é capaz de representar uma determinada realidade, e quando refratada no discurso, ressignifica seu sentido. Portanto, o extrapolamento de sentidos necessário para significar a voz, em especial a voz Trans, faz apelo a esse exercício de deslocamento teórico, buscando significar os sujeitos no ambiente social:

No refletir, ao pronunciar a palavra, o indivíduo faz sua aparição aos demais conforme o uso dos signos em rotatividade no contexto social, mas sua singularidade, a nosso ver, está na refração, a qual expressa o seu matiz diferencial dentre os agentes sociais (BORTOLOTTI, 2017).

Para Foucault (1988)²⁸ “a sexualidade é um dispositivo histórico” onde “[...] o dito e o não dito são elementos do dispositivo” (FOUCAULT, 1993, p. 244), configurando-se assim como um aparato construído socialmente em cima de discursos que regulam e normatizam a produção de saberes (LOURO, 2022, p. 12). As identidades definidas como “verdadeiras”, assim como as palavras, passam por um processo de refração de seus sentidos:

²⁷ Aprofundaremos essas ideias no próximo capítulo.

²⁸ Mencionamos o filósofo e historiador Michel Foucault em vista de sua importância nos estudos sobre poder e sexualidade, sendo hoje considerado um dos intelectuais mais importantes da teoria queer. Foucault elaborou quatro volumes denominados História da Sexualidade, sendo o primeiro publicado em 1970, ao final da chamada “revolução sexual” na cultura ocidental. O último tomo, inacabado pela ocorrência de sua morte, foi publicado apenas em 2018.

No entanto, no seu cronotopo²⁹, a palavra forma-se enquanto uma refração pela qual os sujeitos representam a sua existência em formação, acentuando-se de modos distintos. A partir daí, podemos compreender as razões pelas quais dadas *significações* tornam-se estáveis em detrimento de outras, analisando os processos ideológicos pelos quais se realizam (DIAS; LIMA, 2020, grifos dos autores).

A partir desses saberes construídos se cria uma identidade que parece ser evidente, onde se espera que os corpos ditem e determinem tais identidades, sem expressar particularidades. A partir disso, a identidade de gênero se implementa sob fatos biológicos, ignorando muitas vezes (talvez, propositalmente) que “os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados” (LOURO, 2022, p. 16). Assim como questionou a autora em sua obra, também nos interessa a reflexão de como determinadas características passaram a ser significadas como marcadores das identidades. Fomos treinadas e treinados para reconhecer as marcas biológicas e classificar os sujeitos a partir da aparência, dos comportamentos e, por que não, da voz. É relevante sempre pensar a significação que as aparências carregam em determinadas épocas e culturas, pois cronotopicamente existem recortes ideológicos específicos que apresentam posições valorativas e axiológicas de acordo com o contexto sócio-histórico. Segundo Amorim (2012), para Bakhtin “a concepção de tempo traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem”. Essa articulação entre tempo e espaço forma uma unidade, a qual Bakhtin desejava entender e analisar. O lugar social que o sujeito ocupa está diretamente ligado à forma como os corpos são atravessados e marcados por relações de poder.

As imposições feitas sob os corpos levam a uma busca por adequação tanto estética quanto moral, onde o sujeito procura aceitação e pertencimento por parte de grupos sociais. Se a voz não fosse uma marca relevante de identificação do sujeito, não teríamos a capacidade de reconhecer alguém apenas escutando sua voz, como por exemplo, ao telefone ou ouvindo uma música. O ponto central aqui é justamente essa potência da voz. Os corpos podem ser educados, mutilados e modificados, mas a voz nem sempre segue o mesmo movimento. Ela é tão marcada no sujeito que nem sempre é tarefa fácil assassinar uma voz para que outra assuma aquela identidade. Talvez esse seja um dos motivos cruciais de sua perseguição. A voz reflete e refrata a realidade sob diferentes concepções sociais desses sujeitos, o que revela que, mais do que apenas uma sonoridade, há uma ebulição de sentidos que emergem a cada ato enunciativo. As concepções culturais e ideológicas estão enraizadas nos discursos, ideias

²⁹ Quanto ao conceito de cronotopos, este traz no nome um maior equilíbrio entre as dimensões de espaço e de tempo. Bakhtin toma-o emprestado à matemática e à teoria da relatividade de Einstein para exprimir a indissolubilidade da relação entre o espaço e o tempo, sendo este último definido como a quarta dimensão do primeiro. O cronotopos em literatura é uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto (AMORIM, 2012, p. 102).

que vão ao encontro das formulações de Bakhtin e os membros do Círculo, as quais discorreremos a seguir.

Capítulo 2

O Círculo de Bakhtin e a conceitualização da voz

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin (1895-1975) foi um filósofo da linguagem de origem russa, cujas discussões e teorias relacionadas à literatura e à linguagem têm, até hoje, grande importância e relevância nos estudos discursivos, dentre outras muitas áreas de interesse. Bakhtin fez parte de um grupo de intelectuais, chamado hoje de Círculo de Bakhtin. Boa parte dos integrantes nasceu em meados de 1890 e se reuniu regularmente entre 1919 e 1929. O grupo constituía-se de profissionais de diversas áreas do conhecimento, sendo Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volóchinov e Pavel N. Medviédev os três de maior interesse para o nosso estudo. O arcabouço teórico-reflexivo desenvolvido pelos membros do Círculo foi difundido em grande escala numa transdisciplinaridade de campos de saber, como na linguística, na literatura, na psicologia, na antropologia, na educação, entre outros. Os percalços enfrentados por eles, como a prisão e o exílio de Bakhtin no Cazaquistão e as mortes prematuras de Volóchinov e Medviédev refletiram na circulação das obras e no debate de suas ideias. A publicação das obras, assim como a disputa pela autoria, foram bastante tumultuadas. O terreno do pesquisador que trabalha com as produções do Círculo é bastante instável, pois é comum se deparar com textos incompletos, manuscritos, confusão na cronologia das obras, tradução e a não linearidade das produções (FARACO, 2009, p. 11-15; GRILLO, 2017, p 7-8).

É de suma importância localizar Bakhtin e seus pares na história, visto que os intelectuais viveram na Rússia czarista durante a revolução de 1917, nos governos de Vladimir Ilyich Ulyanov (Lênin) e Joseph Stálin. O grupo de pensadores sofreu diversas repressões, principalmente no período stalinista. Os textos elaborados por eles refletem o contexto político e ideológico em que estavam situados, onde corajosamente se mantiveram produzindo sob forte tensão, no período entre 1917 e 1960 (STIEG, 2019). Na Rússia stalinista, todas as estratégias visavam a construção de um poder centralizador e ditatorial, onde as críticas à organização social russa se restringiam a pequenos grupos de discussão, pois não podiam ser levados a público diante do Império Russo absolutista. Por esse motivo, as críticas acabavam por assumir um caráter de crítica literária. Dessa forma, como propunha a forma de vida intelectual soviética, a literatura refletia o mundo real. "Nesse sentido, ao refletir sobre criação verbal, o Círculo refletia sobre a vida" (PAULA; LUCIANO, 2020a). Contudo, os intelectuais mergulhavam em discussões filosóficas e críticas de autores

contemporâneos a eles, e como acrescenta Faraco (2009, p. 14), a paixão pela linguagem invadiu os interesses do Círculo, sendo debatidas algumas correntes de estudo muito importantes naquele contexto histórico – e que até hoje são importantes nos estudos sobre a linguagem.

Desse modo, portanto, os autores do Círculo debatiam sobre o caminho percorrido pela linguística até aquele momento e quais as implicações dessas ideias para os estudos sobre a língua/linguagem³⁰. Para esses autores, as correntes teóricas vigentes, de modo geral, se preocupavam ou com a língua em suas unidades mínimas dentro do sistema, que era a linguística baseada nas ideias de Ferdinand de Saussure, ou com a língua como algo individual, muito discutida por Vossler – que tinha como base as ideias de Humboldt. Nesse viés, os autores criticavam algumas formulações dessas duas vertentes, ora contrapondo-se, ora aproximando-se das ideias que compunham essas correntes teóricas.

Uma das críticas que tecem Bakhtin e Volóchinov tem relação com a ideia de sistema enquanto um fenômeno objetivo. Não estamos afirmando que não havia sistematização no funcionamento discursivo bakhtiniano, mas sim que a originalidade de seu pensamento estava justamente na análise dessa sistematicidade sob a ótica do discurso cotidiano. Para Volóchinov (2017) o sentido de uma palavra varia segundo o contexto e os sujeitos sociais envolvidos no discurso.

A consideração da avaliação social é necessária justamente para compreender a formação histórica do tema e das significações que o realizam. A formação do sentido na língua está sempre relacionada com a formação do horizonte valorativo do grupo social (2017, p. 237-238).

O conceito de tema refere-se ao sentido completo do enunciado, em sua totalidade, o qual deve ser único para que haja uma base para discutir a mensagem transmitida. O tema, em sua essência, é individual e irrepitível como o próprio enunciado, pois expressa a situação histórica concreta que deu origem ao discurso. Além do tema, o enunciado possui a significação que, diferentemente do tema, é composta pelos aspectos do enunciado que são repetíveis e idênticos a si mesmos em todas as suas ocorrências. "O tema é um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação" e a "significação é um artefato técnico de realização do tema" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229). O tema nasce na interação, portanto, ele é renovado a cada enunciado e sempre relacionado à avaliação social que recobre as palavras. Não é possível estabelecer um limite absoluto e

³⁰ Para os autores, língua e linguagem possuem uma mesma palavra de origem russa – *iazik* – e as autoras Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo ora traduzem como língua, ora como linguagem, a depender do contexto (N.T. Volóchinov, 2019, p. 234).

mecânico entre o tema e a significação, pois um não existe sem o outro. Ou seja, o tema e a significação - composta pelos elementos estáveis e até gramaticais da palavra - são inseparáveis para a construção do sentido. Além disso, não é possível apresentar o significado de uma palavra isolada sem torná-la um elemento do tema, ou seja, sem construir um enunciado que a inclua como “exemplo”. Por outro lado, o tema deve ter como base alguma significação estável, caso contrário, perderá sua conexão com o que veio antes e com o que virá depois, e conseqüentemente, perderá totalmente o seu sentido. Por exemplo, o enunciado “É menina!”, geralmente proferido em chás de revelação do gênero de um bebê, adquire um novo sentido, uma nova significação a cada vez que é pronunciado. Já o tema desse mesmo enunciado necessita dos aspectos situacionais do seu entorno para se tornar compreensível, visto que "O tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence (VOLÓCHINOV, 2017, p. 228). Ou seja, em razão do tema em que o enunciado se localiza, no caso do nosso exemplo - uma sala de maternidade, uma escola, uma conversa entre os pais de uma criança – ele se apoia na significação de que se trata de uma menina, porém, "essa significação altera-se em conformidade com a mudança da situação” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 230).

Outra perspectiva bakhtiniana, trazida por Brait (2005, p. 26), demonstra que para o mestre russo a especificidade das ciências humanas é o fato de seu objeto ser o texto (o discurso), ou seja, as ciências humanas se voltam para o homem³¹. A autora também menciona que ao extrapolar alguns limites da linguística, sua teoria ficou conhecida como teoria do discurso (metalinguística³²). Isso quer dizer que Bakhtin esboçou como eixo de seu pensamento o traço heterogêneo constitutivo da linguagem e, para isso, mergulha nas mais variadas epistemologias:

O conceito de linguagem que emana dos trabalhos desse pensador russo está comprometido não com uma tendência linguística ou uma teoria literária, mas com uma visão de mundo que, justamente na busca das formas de construção e instauração do sentido, resvala pela abordagem linguístico-discursiva, pela teoria da literatura, pela filosofia, pela teologia, por uma semiótica da cultura, por um conjunto de dimensões entretecidas e ainda não inteiramente decifradas. Bakhtin não tem apenas um interesse específico pela produção estética e pelas formas de estudá-la; tem também, ao longo de seu percurso, intrincados diálogos filosóficos com várias tendências, como é o caso do neokantismo, da fenomenologia, do marxismo, do freudismo e, ainda, com outras áreas de conhecimento florescentes em sua época, caso da linguística, da estilística, da biologia, da física e da matemática (BRAIT, 2005, p. 88).

³¹ O significante homem aqui mencionado refere-se ao sujeito de discurso, e não à dicotomia de gênero homem/mulher.

³² Beth Brait, na mesma obra, menciona que Todorov prefere os termos translinguística e pragmática, mas que “optou-se por teoria do discurso”.

Importante fazer um gancho sobre a questão da metalinguística, pois ao defini-la, Bakhtin entendia a filosofia como externa à linguagem e a todas as outras ciências, situando-a em um “entre-lugar”. Essa fronteira entre as ciências diz da consolidação de uma concepção de linguagem e significação que se baseou numa abordagem não linguística estrita, pois entendia que só poderia se realizar numa perspectiva filosófica, sendo assim, o método dialógico seria filosófico por natureza (PAULA; LUCIANO, 2020a). O caráter limítrofe dessas concepções aparece na afirmação de Bakhtin (2016, p 134) de que “o enunciado se insere no campo da ideologia, mas as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros, pertencem à linguagem”, ou seja, há um caráter interdependente entre esses dois conceitos e como se organizam em seus campos de saber, a filosofia da linguagem.

Ao se ocupar do texto, Bakhtin logo diferencia as concepções do princípio dialógico: o diálogo entre os interlocutores e o diálogo entre discursos. Dentre as definições de texto trazidas por Brait (2005, p. 26), nos interessa particularmente a seguinte:

b) produto da criação ideológica ou de uma enunciação, com tudo que está aí subentendido: contexto histórico, social, cultural, etc. (em outras palavras, o texto não existe fora da sociedade, só existe nela e para ela e não pode ser reduzido à sua materialidade linguística [empirismo objetivo] ou dissolvido nos estados psíquicos daqueles que o produzem ou o interpretam [empirismo subjetivo]).

As funções sociais e ideológicas são caras a Bakhtin, pois, para ele, importava conhecer o sujeito que dá vida à dialogicidade contida nas formas de organização do texto, interpretando e compreendendo. Para ele, o dialogismo é constitutivo da linguagem, de tal forma que só concebe o discurso que ocorre entre dois interlocutores, pelo menos. Como sugere Orlandi (2005, p. 39), não é de se admirar que Bakhtin trabalhe conjuntamente com a língua, a literatura e o social. O sujeito, para Bakhtin, nunca pode ser considerado em um contexto isolado e individual, pois o dialogismo estabelece que a interação verbal está no centro das relações sociais.

Apesar de não ter se ocupado diretamente da oralidade, priorizando a literatura, Bakhtin refere-se frequentemente a temas relacionados à fala, voz e entonação. A concepção de linguagem para Bakhtin considera o uso da língua em seu funcionamento real. A materialidade real que aborda considera o locutor e o direcionamento da mensagem. Todos os elementos envolvidos são analisados dentro de um contexto social, histórico e ideológico. Isso vale tanto para os elementos verbais como não verbais. Médviedev (2012) afirma que a avaliação social não é atributo somente da poesia, mas sim da palavra viva que compõe o enunciado concreto e singular.

A ligação entre o sentido e o signo em uma palavra, tomada separadamente, independente de um enunciado correto, por assim dizer, em “palavra de dicionário”, é totalmente arbitrária e técnica. Aqui, a palavra é simplesmente, um signo convencional. Entre a realidade da palavra isolada e o seu significado há uma ruptura que pode ser superada apenas por meio da ligação mecânica entre elas, por meio da associação. Porém, é diferente no caso de um enunciado singular concreto, mesmo quando ele consiste em uma palavra. Qualquer enunciado concreto é um ato social. Por ser também um conjunto material peculiar - sonoro, pronunciado, visual - o enunciado ao mesmo tempo é uma parte da realidade social. [...] Não apenas o sentido do enunciado possui um significado histórico e social, mas, também, o próprio fato de sua pronúncia e, em geral, de sua realização aqui e agora, em dadas circunstâncias, em dado momento histórico, nas condições de dada situação social (MÉDVIEDEV, 2012, p. 183).

Bakhtin, assim como Médviedev, não aceita um enunciado dotado de significado que não passe pelo crivo da avaliação social. Para o autor, o acontecimento da linguagem é definido a partir das relações dialógicas que estabelecem o sentido entre os enunciados na interação verbal. O diversificado percurso reflexivo dos autores configura uma heterogeneidade dos graus de representação da linguagem no mundo, as quais buscaremos traçar um breve panorama e uma síntese das ideias mobilizadas por eles. Toda a perspectiva dialógica proposta pelo Círculo permite pensar a linguagem em suas múltiplas manifestações, ao passo que oferecem uma base teórica e metodológica para interpretá-la em diversos contextos específicos. O enunciado concreto é atravessado por discursos de origens variadas, o que significa que a compreensão desses enunciados não se restringe apenas aos aspectos verbal, escrito ou oral (MÉDVIEDEV, 2012). Ponto que nos remete ao uso da voz como possibilidade de efeito de sentido dentro da apresentação de discursos enunciados. Volóchinov (2019, p. 216) afirma que a língua comporta não apenas a manifestação sonora da língua, mas os gestos, a entonação e os movimentos corporais.

Sobre as possibilidades de interpretação da reflexão discursiva do texto, Brait (2005) afirma que outras modalidades textuais/enunciativas ganharam espaço dentro do escopo de trabalho do analista de discurso, de modo a ser impossível restringir-se a forma verbal (oral ou escrita). Pela perspectiva da análise dialógica do discurso (ADD), o texto é compreendido como “semiótico-ideológico”, ampliando a análise para outras variabilidades que englobam dimensões verbais, visuais, verbo-visuais etc. Dentro da dimensão semiótica, a materialidade verbal pode ser constituída pelo plano oral ou escrito em todas as suas especificidades, ou seja, as camadas dialógicas que o constituem estão impregnadas de vozes, tons, aspectos sonoros, entre outros índices de presença vocal.

A investigação da produção de sentidos da voz, dentro de uma teorização bakhtiniana, ao nosso entendimento, buscará vestígios desses elementos. Foi a partir dessa abertura convidativa, diante dos embates e confrontos com os pensamentos do Círculo, que nos

sentimos convocadas a embarcar numa busca dos sentidos provocados pela voz e sua presença nas relações com o mundo.

2.1. Topologia vocal: mapeando a presença da voz no Círculo de Bakhtin

A questão social, a partir da palavra alheia (vozes alheias), está sempre permeando os discursos. Para Véronique Dahlet (1997), um dos conceitos centrais do pensamento bakhtiniano é o de voz³³, que vai permitir definir, a partir do dialogismo, a polifonia³⁴ da palavra. Ela acrescenta:

[...] é interessante notar essa atitude terminológica que consiste em recorrer ao registro metafórico da voz para circunscrever esse objeto-palavra do qual nem a semântica sincrônica ou diacrônica, nem a dupla conotação/denotação, nem a sociolinguística dariam conta. Assim sendo, o pensamento de Bakhtin está imerso num universo acústico, saturado de vozes, em uma relação dialógica concordante ou discordante (DAHLET, 2005, p. 250).

A autora ainda menciona que para Bakhtin “é pela mediação da entonação que o corpo e especialmente os órgãos da fonação são despertados” (BAKHTIN, 2005, p. 255), ou seja, mesmo sem falar na voz propriamente dita, Bakhtin acaba frequentemente a evocando em seus textos.

No último texto da vida de Bakhtin, publicado em 1975, *Por uma metodologia das ciências humanas*, o autor reafirma sua ideia sobre a impossibilidade de um enunciado que não subentenda o sujeito, pois para ele “O objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*”³⁵ (2017, p. 59). Bakhtin (2016, p. 113) afirmou que “A compreensão sempre é prehe de resposta. Na palavra do falante há sempre um elemento de apelo ao ouvinte, uma diretriz voltada para a sua resposta”.

Esses dois objetos, a voz (aqui no sentido de expressão vocal) e a linguagem, podem servir como ferramenta que possibilita exercer uma relação entre dois (ou mais) seres sociais. Quando emitimos uma voz estamos endereçando este som a outro ser humano, que também possui uma voz. Há um processo dialógico que acontece entre emissor e receptor de uma determinada voz. Uma simples emissão sonora, um ruído³⁶, pode não ser considerado

³³ Dahlet esclarece que o sentido de voz em Bakhtin tem um significado metafórico, visto que não se trata propriamente da emissão sonora, mas de uma memória semântico-social depositada na palavra.

³⁴ O conceito de polifonia foi pensado por Bakhtin na análise da obra de Dostoiévski, onde sustentava a ideia de que todo texto é composto por diversas vozes e é um objeto heterogêneo que se reconfigura a partir de outros textos que o precederam, dialogando com eles e retomando-os.

³⁵ Ensaio denominado *Os fundamentos filosóficos das ciências sociais humanas*, escrito entre o final dos anos 1930 e início dos anos 1940, que mais tarde dará origem ao texto *Metodologia das ciências humanas*, compondo um dos capítulos do livro *A estética da criação verbal* - obra póstuma.

³⁶ O sentido de ruído aqui se refere a uma vocalização não articulada, ou seja, não envolta em uma palavra. Semelhante ao que afirma Volóchinov (2019, p. 114-115) sobre o “método formal” sociológico: “a palavra,

realização da voz para um efeito de sentido, porém quando há um projeto de dizer ou intuito discursivo (BAKHTIN, 2018) por parte do enunciador, sim. A voz está ganhando espaço dentro dos estudos das ciências humanas. Apesar de já ter sido transformada, recalçada e controlada por diversas áreas de conhecimento, ainda há um longo caminho a se percorrer ao se analisar esse fascinante componente dos discursos.

Seguindo os pensamentos de Bakhtin, portanto, um enunciado só ganha vida em contato com outro enunciado, e por trás disso encontramos o contato entre sujeitos, e não entre coisas. Ao transpor o diálogo em um texto contínuo, suprimindo a alternância das vozes, o sentido desaparecerá (BAKHTIN, 2013, p. 67). Aqui é possível supor que a voz também compõe um texto/enunciado. Esse invólucro sinfônico fornece ao enunciado o sentido, visto que todo enunciado pressupõe um outro, advém de um outro – portanto, é dialógico – mesmo o enunciado emitido em uma situação monológica, pois mesmo este pressupõe um auditório estável, estabelece relação com as vozes sociais dos discursos circundantes. Por isso, o enunciado pressupõe a alternância entre sujeitos falantes e entre vozes. Para Bubnova *et al.*, (2011) "a escrita é a transcrição codificada das vozes, capaz de transmitir os sentidos desse diálogo ontológico". E os autores acrescentam, citando Zumthor: "O texto é só uma oportunidade do gesto vocal" (ZUMTHOR, 1989, p. 55 apud BUBNOVA *et al.*, 2011). Até mesmo em um texto etnográfico construído materialmente por diversas vozes, a experiência, apesar de ser insubstituível, é sobretudo representável.

O endereçamento da voz possibilita um encontro entre os sujeitos de discurso, numa relação dialógica. Retomando o pensamento de Volóchinov, sabemos que todo discurso é dirigido a alguém e é proferido por um outro. No caso da língua oral³⁷, isso ocorre por meio da expressão vocal. O objeto das ciências humanas para Bakhtin é o ser falante, como já mencionado acima. E ele vai além:

As ciências humanas não se referem a um objeto mudo ou a um fenômeno natural, referem-se ao homem em sua especificidade. O homem tem a especificidade de expressar-se sempre (falar), ou seja, de criar um texto (ainda que potencial). Quando o homem é estudado fora do texto e independentemente do texto, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humanas etc.) (BAKHTIN, 1997, p. 334).

quando analisada de modo mais amplo, como um fenômeno da comunicação cultural, deixa de ser um objeto autossuficiente e já não pode ser compreendida fora da situação social que a gerou".

³⁷ Para fins deste estudo, trataremos apenas da utilização da voz em línguas orais. Entretanto, há uma abertura, a partir dessa perspectiva, para uma abordagem futura de busca pela voz em línguas de sinais, visto que é possível perceber a presença da voz através de aspectos não verbais e multimodais.

A fim de justificar seus pensamentos, Bakhtin incluiu a estratificação social na linguagem, o que fornece um outro status para os estudos no campo da linguagem. O filósofo propôs uma visão mais ampla onde o sujeito e o contexto estavam no cerne de sua reflexão. Para ele, é impensável a cisão entre o sujeito e o social, questão que ele critica e se opõe fortemente, pois para o mestre russo social é o modo como as pessoas se relacionam e colocam a língua em uso no cotidiano. Questão fundamental para incluirmos pessoas Trans e a diversidade de gênero no nosso estudo, visto que essas identidades são, sobretudo, sociais.

O filósofo da linguagem destrinchou o que havia por trás de uma unidade fraseológica habitual, onde é possível encontrar “uma combinação de palavras de um gênero particular, com entonação e expressividade; é o testemunho de um estilo, de uma visão de mundo, de um tipo humano” (BAKHTIN, 1997, p. 334). Apesar de ser considerado um filósofo da interação e do diálogo, nunca descartando o social, Bakhtin não se desfez da presença do sujeito e de sua constituição a partir do outro. Essa relação de alteridade é inegociável para ele, pois sendo todo enunciado uma forma irrepitível de manifestação, até mesmo quando *eu* falo de mim *mesma*, já sou *outra*. Da mesma forma, toda atividade estética envolve outras vozes, o que caracteriza a existência de outros locutores no processo dialógico. Segundo o mestre russo, diversas vozes povoam o mesmo discurso, como num processo de autoria compartilhada da palavra:

A palavra da língua é uma palavra semialheia. Ela só se torna “própria” quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina através do discurso, torna-a familiar com a sua orientação semântica e expressiva (BAKHTIN, 2010, p. 100).

A orientação dialógica naturalmente pertencente a todo discurso, infere que toda fala dialoga com as falas que a sucedem e a precedem, ou seja, há uma forte relação com o outro, com suas ressonâncias e seus ecos formando um elo na cadeia de comunicação (BAKHTIN, 2006; 2010; SIPRIANO; GONÇALVES, 2017).

Dentro do dispositivo bakhtiniano não faltam elementos instigantes para a questão da voz debatida nesse estudo. A problemática proposta é a de interrogar a voz e sua capacidade de significar para o outro. De minha parte como autora-fonoaudióloga, atuando como porta-voz dessa possibilidade de construção etnográfica³⁸ de uma voz em transição, reparo a necessidade de estabelecer um entrelaçamento de questões teóricas que sustentem o movimento do uso da voz para falar da própria voz. O uso do termo etnografia se justifica

³⁸ Flores (2015) discorreu sobre uma antropologia da enunciação, que visa abordar a propriedade metalinguística da língua, onde o falante é o etnógrafo de sua própria língua. Esse artigo foi fundamental para levantar questionamentos sobre uma reflexão linguística da voz.

aqui, numa relação em que o falante se propõe a falar da própria língua, como propôs Flores (2015). O autor discorre sobre a capacidade do sujeito comentar sobre a voz, propriedade metalinguística utilizada para atribuir sentido à materialidade³⁹ significativa da língua.

Tal atribuição de sentido é, segundo penso, um *contorno* que o falante faz acerca de algo que não é evidente na língua, a sua materialidade, a respeito do que ele parece não ter a mesma familiaridade que tem quando o que está em causa é o signo em sua função de signo (FLORES, 2015, grifos do autor).

Faz todo sentido para esse estudo pensar na elaboração do autor referido, pois é justamente sobre comentar os elementos da língua que justifica a capacidade de um sujeito comentar sobre a sua voz ou a voz de outro. Assim como a noção de acabamento bakhtiniana, a qual veremos mais à frente, o exercício linguístico de contorno [de sentido] nada mais é que um testemunho da experiência do falante enquanto falante-ouvinte. Nessa concepção, para enunciar o falante utiliza sua voz e se situa na sua condição de falante através desse contorno de sentido (FLORES, 2015). Até aqui caminhamos em equidade com a formulação do autor sobre a materialidade da voz, entretanto, chegamos numa bifurcação de pensamentos para seguir por um caminho que abrace e acolha o social, a um ponto que nos permita entender as implicações para a voz Trans.

Seguiremos pelo caminho que traçou Bakhtin em suas teorias, a partir de uma visão totalizante das relações do sujeito, que está imbricado em um sem-fim de relações sócio-históricas. Assim como Bakhtin questionou a concepção de língua como unidade neutra e homogênea, olhando diretamente para o funcionamento social desse elemento, nos interessa pensar a partir de um posicionamento político-social onde não há neutralidade, sabendo que até mesmo o sujeito que se diz neutro, já estabeleceu uma posição no mundo. Esse confronto de vozes desperta o jogo de forças⁴⁰ centralizadoras e descentralizadoras (centrípetas e centrífugas, respectivamente), ao que Fiorin (2006) afirma: “Bakhtin desvela o fato de que a circulação das vozes numa formação social está submetida ao poder. Não há neutralidade no jogo das vozes”.

Para seguirmos em busca de nosso objetivo teórico, sabendo que não houve uma linearidade na produção bakhtiniana, devido aos entraves e as perseguições mencionadas no início do capítulo 2, o que revela um verdadeiro desafio aos pesquisadores que se propõem a trabalhar com as teorias do Círculo. Ficamos com uma bonita menção de Cristóvão Tezza (2005, p. 211) sobre esse percurso tortuoso e ao mesmo tempo admirável que nos propomos a enfrentar, o qual o autor chama de “colcha de retalhos de interesse díspares” que acaba por se

39

⁴⁰ Abordaremos melhor sobre essa disputa de forças no subcapítulo 2.5, que trata das vozes sociais.

revelar em um “mosaico de surpreendente unidade e coesão teórica”. Nesse mosaico de ideias, para discorrermos sobre o tema, é fundamental debatermos os conceitos de língua, discurso, alteridade etc.

2.2. A interação verbal e o signo ideológico

Para compreendermos os construtos de nossa temática, é fundamental retomarmos os conceitos de signo ideológico, o que nos possibilitará refletir sobre a língua/linguagem. O estudo do signo ideológico se concentra na ideia de que os significados são processos dinâmicos e dialogizados, onde as significações não estão dadas, mas sim construídas a partir do diálogo entre diferentes pontos de vista. Dito isso, entende-se que, apesar de haver uma estabilidade do sentido na palavra, o significado do signo dado na enunciação é moldado a partir das interações sociais e culturais em que é utilizado.

Segundo Ponzio (2008), há uma definição de ideologia no ensaio de Volóchinov “*O que é a linguagem?*”, escrito em 1930, sendo provavelmente o único texto no qual consta diretamente uma autêntica definição de ideologia:

Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio das palavras [...] ou outras formas signicas (VOLÓCHINOV, 1930 apud PONZIO, 2008, p. 114).

De acordo com a perspectiva bakhtiniana, então, entende-se que o significado do signo ideológico não é determinado pela intenção pura do emissor, mas sim pelo contato cultural e social no qual ele está inserido ao utilizar o signo ideológico, sendo fruto de uma negociação constante entre diferentes perspectivas/posições discursivas. Ponzio (2008) acrescenta que no signo ideológico está sempre presente uma acentuação valorativa, não sendo simplesmente a expressão de uma ideia, mas um posicionamento frente a realidade que se reflete e se refrata no signo ideológico.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2017, p. 55) postula que a ideologia não é produto da consciência, mas a ideologia forma a consciência por meio da realidade material, constituída pelos signos ideológicos. A construção dos signos ideológicos ocorre durante o processo de interação social, onde os interesses das diferentes classes sociais influenciam a formação das representações materializadas na linguagem.

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social - seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo - mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. *Onde não há signo também não há ideologia* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91, grifos do autor).

Um signo ideológico não é apenas uma reflexão ou sombra da realidade, mas também uma parte material desta. Qualquer fenômeno ideológico relacionado a um signo é manifestado de alguma forma material, seja pelo som, pela massa física, cor, movimento do corpo, entre outros aspectos (2017, p. 94). Essa constatação de Volóchinov nos desperta particular interesse, ao passo que Médviedev (2012) acrescenta que as concepções de mundo não existem no interior do pensamento humano, mas tornam-se realidade ideológica quando realizados “nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em algum material em forma de um signo determinado” e é através deste material que se tornam parte da realidade humana.

Até nossos dias a ciência interessava-se somente pelos processos individuais, fisiológicos e, sobretudo, psicológicos da criação e da compreensão dos valores ideológicos, negligenciando o fato de que o homem individual e isolado não cria ideologia, que a criação ideológica e sua compreensão somente se realizam no processo da comunicação social (MÉDVIEDEV, 2012, p. 49).

Os sentidos das palavras são mediados pela materialidade sonora – no caso das línguas orais -, mas apenas ela não é suficiente. Os sistemas ideológicos superiores estão sempre em relação às ideologias do cotidiano, que atuam em diferentes esferas de atividade (como escolas, igrejas, universidade etc.), organizando de maneira distinta os enunciados. Para Volóchinov, “quando a vivência é atualizada em um enunciado finalizado, a sua orientação social adquire uma direção para a situação social mais próxima da fala e, acima de tudo, aos interlocutores concretos” (2019, p. 211). Desse modo, para compreendermos o funcionamento da língua, é fundamental retomarmos o conceito de enunciado na teoria dialógico-discursiva de base bakhtiniana.

2.3. O enunciado para Bakhtin

De acordo com Fiorin (2016), os enunciados são as unidades reais de comunicação, ou seja, fora de relações dialógicas, fora de uma situação real de troca discursiva, eles não existem. Até mesmo a leitura de um bilhete se insere numa situação de enunciação, pois retoma outros discursos e está sempre inserido em um ato enunciativo. As unidades da língua (palavras) são repetíveis e dotadas de significação estável, já os enunciados são irrepetíveis. A historicidade do discurso se debruça sobre a singularidade e sua análise se dá pela relação com outros enunciados. Sendo acontecimentos únicos, cada vez que são proferidos apresentam um acento e uma entonação própria, nova. "A singularidade do enunciado é atestada pela produção de novos sentidos na sua circulação" (SOUSA, 2020). Em *Os gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2016), é possível compreender que o enunciado contido no emprego

da língua reflete as condições específicas de cada campo, formando o *todo* do enunciado. Os elementos (tema, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente.

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 1997, p. 280, grifos do autor).

Ao produzir um enunciado, ele não é o primeiro, do Adão mítico (BAKHTIN, 2018), pois ele está sempre em relação a outros discursos, sendo os sentidos desses enunciados dados na enunciação, no ato enunciativo e na interação discursiva. Ao definir o enunciado, Bakhtin afirma que ele pressupõe a alternância de sujeitos falantes, pois é sempre dirigido a alguém, é sempre passível de resposta (ou seja, é possível um acabamento pelo outro) e está sempre imerso em um gênero discursivo. A alternância de falantes é imprescindível para o processo dialógico que ocorre a cada enunciado produzido, sempre levando em conta o discurso do outro. Ou seja, um enunciado sempre é dirigido a alguém; mesmo um monólogo, ele sempre pressupõe um auditório estável. Nesse sentido, entende-se o enunciado como a unidade mínima de sentido que requer uma resposta.

Um dos principais postulados do Círculo é o de que um enunciado só se constitui em relação a outros enunciados (VOLÓCHINOV, 2017) e, como afirmam Czerevaty e Angelo (2019): "Isso equivale a dizer que as pessoas só se constituem mediante uma relação de alteridade", mediante a relação com o outro. O papel social que os sujeitos ocupam durante a interação é de suma importância para o enunciado, fator determinante para as escolhas estilísticas dos envolvidos no discurso (SILVA, 2020). Se pegarmos o mesmo enunciado proferido por uma estudante ou pela mãe de um aluno e o mesmo enunciado proferido pelo Ministro da Educação no Brasil, o sentido pode não ser exatamente o mesmo, pelo valor que esses enunciados recebem a depender do contexto social⁴¹. Isso ocorre com os discursos das pessoas Trans, pois esses sujeitos ocupam papéis sociais e, frequentemente, seus enunciados refratam sentidos que são rebatidos ou ressignificados, a depender do contexto. Os discursos proferidos por pessoas Trans causam impactos diferentes dos discursos de pessoas cis.

As escolhas responsivas dos sujeitos estão sempre em relação a enunciados anteriores e que respondem às situações discursivas, em outros contextos. É na enunciação que a palavra

⁴¹ É o caso da palavra "balbúrdia", ressignificada a partir do discurso do Ministro da Educação Abraham Weintraub, ao afirmar que nas universidades só acontece balbúrdia. Isto provocou uma avalanche de críticas de reitores e comunidades universitárias, os quais buscaram mostrar os avanços oferecidos pelas universidades ressignificando o termo "balbúrdia" nessa esfera discursiva.

Materia da Carta Capital onde o ministro proferiu as declarações contra as universidades pode ser acessada em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/abraham-weintraub-diz-que-universidades-federais-tem-cracolandia/>

(que tem ou pode ter uma significação estável) ganha sentido. Ou seja, ao enunciar, não existe neutralidade, há sempre uma posição discursiva. Faraco (2009) destaca que

No texto de 1926, encontramos Volóchinov asseverando que enunciar é tomar uma posição social avaliativa; é posicionar-se frente a outras posições sociais avaliativas, já que falamos sempre numa atmosfera social saturada de valorações. Esta formulação de Volóchinov reproduz, de certa forma, a afirmação de Bakhtin em seu texto *O autor e o herói na atividade estética*. Nele, lemos que, na vida cotidiana, nós reagimos (respondemos) valorativamente às manifestações dos que nos cercam. Esta visada axiológica é, como já destacamos, um dos pilares do edifício teórico bakhtiniano. O que Volóchinov faz é reelaborá-la projetando-a na linguagem (FARACO, 2009, p. 74).

Há uma hierarquia social entre os interlocutores na construção do enunciado, onde os sujeitos socialmente organizados lançam mão de uma heterogeneidade de estilos para determinar a forma e o estilo do enunciado de acordo com a estrutura da língua e suas escolhas linguístico-discursivas. O contexto do enunciado regula os modos de dizer dos interlocutores, que, embora apresentem particularidades, se originam de uma ação proveniente do horizonte social (SILVA, 2020).

Ao enunciarmos, portanto, não utilizamos palavras soltas, ou dicionarizadas, mas pensamos no todo discursivo. A depender da esfera de atividade, do contexto discursivo, a palavra pode adquirir um sentido distinto. Para Volóchinov (2017), as palavras ganham sentido no ato enunciativo, mas, para o seu acabamento, não basta apenas o emprego das unidades fonológicas, morfológicas, sintáticas etc. que a compõem. É imprescindível que levemos em consideração as relações culturais, contextuais e sociais intrínsecas, manifestando um horizonte social mais amplo, os gêneros discursivos e, então, as formas da língua utilizadas. O autor afirma que o acabamento de sentido das palavras só é possível se considerarmos também os discursos que circulam – as vozes sociais que emergem e auxiliam na construção de sentidos –, ou seja, a dialogia intrínseca a cada ato enunciativo. Desse modo, os enunciados, por carregarem as unidades do discurso, estão preñes de diversas vozes, estão sempre em relação a outros discursos, outras ideias, outras vivências. Volóchinov criticou fortemente a questão do monologismo na ciência da linguagem, propondo que locutor e interlocutor desempenhem papéis ativos na construção de sentido dentro do diálogo.

Desse modo, cada elemento semântico isolável do enunciado, assim como o enunciado em sua totalidade, é traduzido por nós para outro contexto ativo e responsivo. *Toda compreensão é dialógica.* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 232)

Como já mencionamos, as críticas tecidas pelo Círculo ao pensamento linguístico e filosófico da época em que escreveram suas obras transitaram em torno de duas tendências principais, denominadas “subjetivismo idealista” e “objetivismo abstrato”. Os intelectuais

russos debatiam as ideias da corrente linguística do objetivismo abstrato, que partiam das concepções do mestre e linguista Saussure. O debate ocorria em torno do objetivo da linguística e investigava o funcionamento sistemático da língua. Considerando sua importância histórica para a linguística, não era foco de Saussure, nem mesmo dos linguistas que tinham o autor como base teórica, dar conta dos aspectos sociais mais amplos que envolviam o uso da língua. Naquele momento, a linguística se consolidava enquanto ciência exatamente por essas definições claras da língua enquanto sistema de formas. Essa concepção, no entanto, vai de encontro às ideias do mestre russo, pois seu movimento teórico justamente coloca os sujeitos como centro de sua filosofia. Volóchinov dialoga com essa corrente linguística em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, caracterizando as concepções de Saussure sobre os três aspectos da língua para o genebrino: "*linguagem (langage), língua como sistema de formas (langue) e o ato individual discursivo - enunciado (parole)*" (VOLÓCHINOV, 2017, p 166), ora se aproximando, ora se distanciando de suas concepções.

Não é nosso objetivo discorrer sobre as formulações de Ferdinand de Saussure no seu póstumo *Curso de Linguística Geral*⁴², pois assim como reconheceu Volóchinov, sabemos da importância dessa elaboração teórica para a sistematização da linguística como ciência, preterida de forma consciente pelo grande teórico (e professor), Saussure. O que nos mobiliza aqui é apenas, brevemente, destacar os pontos que norteiam os autores, onde divergem e questionam ou se aproximam. Deslocando as noções clássicas da linguística saussureana, Volóchinov se opõe mais diretamente ao que chama de principal tese de Saussure: "a língua opõe-se ao enunciado, assim como o social ao individual" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 169), pois para ele e os demais membros do Círculo, social mesmo é a fala, é a língua em seu funcionamento vivo. Saussure não se opôs à fala, porém partiu em outra direção a fim de organizar metodologicamente o objeto da linguística, a língua.

Da mesma forma, o subjetivismo idealista propõe que a língua é uma criação individual que se origina no interior do indivíduo, no seu ato de fala. O sujeito ocupa um lugar de controle da expressão. Essa corrente tem como principal representante Karl Vossler⁴³, que tem suas formulações baseadas na teoria de Humboldt e que concede um caráter idealista e nacionalista à sua reflexão:

Essa perspectiva da fala como uma enunciação de ordem particular, individual no sentido de que se constitui como um estilo que é pessoal e que existe no interior dos

⁴² A primeira edição russa do *Curso de linguística geral* foi publicada em 1933. De acordo com Grillo (2017), Volóchinov e os membros do Círculo leram e debateram as ideias de Saussure em francês, antes de sua tradução para o russo.

⁴³ Karl Vossler foi um linguista alemão que viveu entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX.

indivíduos, é criticada por Bakhtin / Volochínov no sentido de que em uma leitura materialista a língua não pode ser concebida fora do âmbito do que é de ordem histórica e ideológica. Além disso, para esses autores, a estética da língua não é uma questão de escolha individual, mas sim se constrói ao longo de sua história. Para além da questão individual, outro problema na concepção do subjetivismo idealista é o fato de que há uma homogeneização da língua. A consideração de uma língua nacional e de um caráter nacional apaga o fato de que uma comunidade nacional se constrói de forma heterogênea, e os indivíduos fazem uso da língua de formas diferentes (LENZ, 2016).

A partir de uma reformulação dessas posições, Bakhtin e o Círculo desenvolveram uma reflexão sobre a manifestação da linguagem. Para eles, a concretude da linguagem se dá na interação discursiva, que por sua vez, está no acontecimento social. A relação dialógica entre os enunciados compete à metalinguística⁴⁴, como já mencionamos, diferentemente das relações linguísticas que ocorrem dentro do sistema da língua, ou seja, “o caráter metalinguístico do enunciado é produto do discurso” (BAKHTIN, 1997, p. 343). Em *Problemas da Obra de Dostoiévski* (2022), recente tradução publicada por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, realizada diretamente da primeira versão da obra seminal de 1929, as tradutoras mencionam que nos rascunhos preparatórios⁴⁵ da publicação de *Problemas da Poética de Dostoiévski*⁴⁶(1963) Bakhtin faz uma aproximação entre a metalinguística da filosofia da linguagem e a estilística Vossleriana.

Falamos sobre a palavra e não sobre a língua, uma vez que temos em vista a vida concreta e variada da palavra em sua integralidade, e não a língua como objeto da linguística, obtida por meio da abstração de alguns aspectos essenciais da palavra concreta viva. *Esses aspectos são estudados pela filosofia da linguagem e pelas disciplinas metalinguísticas*. Nossas últimas análises têm um caráter metalinguístico essencial, que certamente não exclui mesmo suas relações estreitas com a linguística. (BAKHTIN, 2002, p. 355 apud GRILLO; AMÉRICO, 2022, p. 11, grifos das tradutoras).

⁴⁴ Em algumas obras traduzidas de Bakhtin, a *metalinguística* aparece como *translinguística*. Em *Estética da criação verbal* (1997, p. 372) o filósofo aponta que a metalinguística “se interessa pelas diversas formas e graus de alteridade da palavra do outro e pelas diversas modalidades do comportamento que lhe é reservado (estilização, paródia, polêmica, etc.)”. Alguns autores alertam que os termos podem parecer equivalentes, pois significam “além de”, mas divergem dentro do funcionamento do discurso.

⁴⁵ Rascunhos redigidos entre 1961 e 1963 e publicados no VI volume de *Obras Reunidas* (2002). “*Obras reunidas*

tem sete volumes (M. M. Bakhtin. *Sobránie Sotchiniénii v cemi tomax*). O projeto é desenvolvido na seção de teoria literária do Instituto da Literatura Mundial (Institut mirovoi literatury) em Moscou. [...] Até 2009, foram editados os tomos 1, 2, 4, 5 e 6, inéditos no ocidente. A ordenação dos tomos segue a cronologia dos textos, mas sua publicação não. [...] M. M. Bakhtin: *Sobránie sotchiniénii* t. 6. – *Problemas da poética de Dostoiévski*, 1963; *Trabalhos dos anos 1960-1970* – foi, em 2002, o terceiro a ser publicado” (GRILLO, 2009).

⁴⁶ Nesta edição de 2022 as tradutoras esclarecem em nota que a palavra *tvórtchestvo*, do russo, vem sendo traduzida como “obra”. A primeira versão datada de 1929 recebeu o título de *Problemas da obra de Dostoiévski*, em seguida, na segunda edição, recebeu o título de *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963). Após discussões durante o Colóquio Internacional “90 anos de Problemas da obra de Dostoiévski (1929-2019)”, as tradutoras decidiram manter a palavra “obra” no título, assim como da primeira publicação do livro.

Para Villarta-Neder (2020), alguns autores do campo bakhtiniano entendem o conceito de enunciado como abrangente não somente de dizeres, silêncios e compreensões, mas de fazeres. A instância da ação se dá no momento de concordância ou rejeição do enunciado, esse fazer que é realizado pelo outro, materializado por “outro dizer, pelo silêncio ou somente pela compreensão responsiva ativa”. Esses dizeres podem, também, materializar-se nos gestos, cujos sentidos são sempre dados na relação com o outro. Mesmo eles são sociais. Cavalcante (2009) discorre a respeito da relação gesto e fala enquanto matriz de significação, onde a autora entende que a fala, em sua caracterização, é admitida na relação com recursos de outra ordem, se constituindo enquanto multimodal. Essa multimodalidade pode ser concebida, nesse estudo, como uma única matriz linguística. Elementos multimodais, em parceria com a realização vocal podem, juntos, fornecer ao interlocutor elementos fidedignos para reconhecimento de um determinado gênero sexual. Volóchinov (2019, p. 272) pensava algo similar sobre a troca de enunciados, pois para ele “habitualmente, respondemos a todo enunciado do interlocutor, se não com palavras, ao menos com gestos”.

A voz como traço de singularidade daquele que a emite nos permite percebê-la como parte integrante da linguagem, não sendo possível percebê-la como elemento externo, pois ao reconhecê-la nos textos (discursos), estamos lançando mão da possibilidade de reconhecer um sujeito. E aqui podemos remeter tanto a voz como fonte sonora, quanto a voz de um autor ou personagem literário. A voz faz referência à personalidade, ao que é singular, sendo perfeitamente possível seu reconhecimento em uma obra, seja ela literária, artística ou musical. Tomamos de empréstimo a interpretação de Bakhtin sobre o caráter relacional do discurso e podemos encaixá-lo no conceito de voz que estamos analisando. Ainda que esse deslocamento teórico não se sustente sozinho, precisando estar embasado por outras teorias bakhtinianas, enxergamos a possibilidade de colocar a voz como elemento externo e interno do discurso.

Até aqui percebemos que o direcionamento ao conceito de voz em Bakhtin, mesmo que não haja uma única definição fechada e organizada, é recorrente nas obras do filósofo da linguagem e do Círculo. Realizando um apanhado geral nas teorias, encontramos a voz presente na construção de diversos termos desenvolvidos pelos autores. Discorreremos, desse modo, sobre esses termos e como podemos encontrar diferentes efeitos de sentido, nos auxiliando a refletir sobre o nosso objeto de análise.

2.4. Romance de vozes

Um dos focos de M. Bakhtin ao longo de suas formulações foi a Literatura e o estudo dos romances, percorrendo sobre a arquitetônica da arte e seus reflexos na vida – assim como também formulou Volóchinov. Bakhtin aponta uma análise do papel do diálogo na história da linguagem literária, onde afirma que “a linguagem literária contemporânea se caracteriza pela extinção das formas livrescas de discurso e pela intensificação das formas de linguagem falada” (BAKHTIN, 2016, p. 115). O filósofo tece uma interessante reflexão sobre o romance de primeira linha e de segunda linha. Para ele, no romance de segunda linha iniciou-se um movimento na direção de introduzir a diversidade das linguagens da época, sendo uma possibilidade de introdução de formas não literárias no romance – como podemos encontrar nas obras de Rabelais e Dostoiévski. O autor é categórico ao afirmar: “A multiplicidade das linguagens da época devia estar representada no romance” (BAKHTIN, 2010, p. 201), como um reflexo da época em que se passa.

No estilo romanesco há uma diversidade social de linguagens (e vozes) organizadas artisticamente, no qual Bakhtin (2010) traça uma crítica ao conceito de língua homogênea e monológica. Para ele, o discurso é dialógico por natureza e todo enunciado é uma réplica do diálogo, ou seja, “o discurso é tão social quanto à língua” (BAKHTIN, 2016, p. 117). Essa caracterização de um “meio de comunicação” que Bakhtin descreve, se deve ao fato de que não pode haver uma ideia que não seja endereçada a alguém, formada pelo processo de intercâmbio de ideias, onde o enunciado é sempre dialogizado pelo fato de ser endereçado a outros.

Na obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, publicada originalmente em 1929, Bakhtin traçou uma inovadora crítica, bastante complexa e que ultrapassa uma habitual análise estilística e literária. O autor afirma que só se torna um pensamento autêntico quando esse pensamento entra em contato com o pensamento dos outros, se materializa na voz dos outros, onde a consciência se expressa através da palavra (BAKHTIN, 2002, p. 94). Existe um ponto de contato entre essas vozes e consciências, onde também ocorre um processo dialógico de escuta e resposta. No ensaio “O discurso no romance”, Bakhtin (2010, p. 74-75) afirma que

O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais [...] E é graças a este plurilinguismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orquestra todos os seus temas, todo seu mundo objetal, semântico, figurativo e expressivo.

As vozes sociais que se organizam no romance, portanto, são responsáveis por fornecer significações concretas e expressam a posição histórica e sócio-ideológica dentro do sistema estilístico, de forma harmoniosa e de acordo com os discursos da época.

No postulado estético de Bakhtin sobre as vozes no romance, o mestre russo traz à luz sua interpretação sobre a impossibilidade de compartimentação mecânica dos conhecimentos, onde “nenhuma significação é isolável” (TEZZA, 2005, p. 210). Para Bakhtin, o autor da obra faz parte dela, não sendo apenas o sujeito que a escreveu, mas experimentando o exercício de fazer parte da consciência da personagem da obra. Ao passo que o autor faz parte da obra, ele está ao mesmo tempo no horizonte fronteiro de quem vê o todo de fora, mas também “é parte integrante do objeto estético” (TEZZA, 2005, p. 210). O excedente de visão do autor também é um excedente de saber, onde só é possível fornecer acabamento completo quando se está de fora, num exercício do conceito da exotopia, parte integrante do princípio dialógico bakhtiniano.

Em seu ensaio *O autor e o herói* (1997), Bakhtin estabelece essa relação entre o personagem e o autor, centralizando a discussão entre uma dupla consciência, entre uma consciência e outra. A concepção estética dessa obra inacabada e escrita pelo jovem⁴⁷ Bakhtin explicita a relação dialógica que define o autor-criador, sempre orientada de forma dupla. Conforme também já mencionamos nesse estudo, vale lembrar, que mesmo não tendo álibi, não podendo vivenciar a experiência da personagem, a voz criadora é capaz de representá-la.

Cabe ressaltar, desse modo, que as ideias debatidas pelo autor sobre as vozes no romance (que, especialmente ao tratar da obra de Dostoiévski, são chamadas de polifonia, conceito que advém da música e tem como foco a multiplicidade de tons, de melodias – trataremos disso adiante), podem ser refratadas para o funcionamento do próprio discurso, em que é possível conceber o funcionamento dos enunciados, que estão sempre envoltos a essas vozes sociais.

2.5. Vozes sociais

O conceito bakhtiniano de vozes sociais, segundo Sipriano e Gonçalves (2017), se constitui “a partir da relação com vozes anteriores e, por sua vez, dirigem-se a outras vozes, ou seja, suscitam uma resposta”. É nesse ponto que Bakhtin aponta o caráter heterogêneo da língua, em que há um confronto de ideologias, posicionamentos e pontos de vista. Esse confronto diz das forças de unificação e centralização das ideologias verbais (centrípetas)

⁴⁷ Ensaio datado dos anos 1920-1924, posteriormente incluído aqui no Brasil na obra *Estética da criação verbal*.

versus as forças de descentralização e desunificação (centrífugas). Bakhtin afirma que cada enunciação é composta pela aplicação dessas forças, consideradas contraditórias:

Tomamos a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua *ideologicamente saturada*, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um *maximum* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica. Eis porque a língua única expressa as forças de união e de centralização concretas, ideológicas e verbais, que decorrem da relação indissolúvel com os processos de centralização sócio-política e cultural (BAKHTIN, 2002, p. 81).

Essas forças contraditórias se caracterizam por normatizar, unificar e tornar homogênea a língua (centrípetas) ou se encarregam de estratificar e tornar heterogênea a língua (centrífugas). Os enunciados reais são os terrenos onde essas forças duelam. Esses dois conceitos descrevem o papel da linguagem na construção social, pois as forças centrípetas representam as normas sociais, ao passo que as forças centrífugas desafiam tais normas, num movimento de subversão. De acordo com o autor “A situação social mais próxima e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 207) e, conseqüentemente, os efeitos de sentido advindos desses enunciados.

Essa questão nos possibilita relacionar com o que Volóchinov irá discorrer a respeito da ideologia (2019, p. 213). Esse jogo de forças, essa busca por normas, advém de sistemas ideológicos superiores, que se cristalizam em discursos cotidianos. A ideologia do cotidiano tem várias camadas e essas camadas são determinadas pela escala social que mede a vivência e a expressão, bem como as forças sociais que as orientam diretamente (VOLÓCHINOV, 2019, p. 214). É o caso da fome, que a depender do contexto pode adquirir diferentes sentidos.

Desse embate, nos chama atenção o que diz Fiorin sobre a ausência de neutralidade no discurso (2016, p. 90): “as vozes do poder têm sempre uma ação centrípeta, desejam impor-se como centro de sentido”. A língua, portanto, se caracteriza como um campo de batalhas onde os enunciados se enfrentam, competindo a partir de uma diversidade de posições ideológicas e sociais. Como nos relembra Faraco (2009, p. 57): “Aquilo que chamamos de língua é também e principalmente um conjunto indefinido de vozes sociais”. Para Sousa (2020), as vozes sociais podem ser concebidas como as manifestações sociais e ideológicas manifestadas nos enunciados, em decorrência de um contexto sócio-histórico onde a linguagem é manifestada, demarcando assim “posições enunciativas”. É nesse ponto que Bakhtin (2002) afirma que as palavras são povoadas de intenções.

Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso, expressando a posição: sócio-ideológica diferenciada do autor no seio dos *diferentes* discursos da sua época (BAKHTIN, 2002, p. 106, grifos do autor).

Entende-se que a voz faz parte do ambiente dialogizado ao qual os enunciados carregam-se de sentido. Para Bubnova (2011) “Este domínio do sentido dialógico é pensado em termos vocais de alternância entre o som e sua ausência”. A relação do ser humano, tanto com o mundo quanto com outro ser humano, exige uma interação, um direcionamento intencional, um intuito discursivo. Por esse motivo, a linguagem, assim como a voz, pode ser entendida como um ato. Essa condição relacional faz da voz uma possibilidade de presença, e a partir disso causa efeitos sociais em quem emite e quem a recebe, a voz nunca anda só, mas está sempre em relação. A partir das escolhas estilísticas, dentro de determinadas relações, tanto das palavras quanto de tom/entonação, teremos diferentes efeitos produzidos no ambiente social. Veremos a seguir essa questão.

2.6. Estilística (vocal)

De antemão, gostaria de esclarecer que não me deterei às concepções brasileiras precursoras da estilística como disciplina linguística, circundada por questões gramaticais e sintáticas. Focaremos mais objetivamente na perspectiva bakhtiniana e do Círculo sobre o conceito de estilo. Volóchinov reivindicou uma ciência da expressão, fazendo distinção entre o estilo na literatura e na vida, alicerçada na valoração que os sujeitos carregam consigo.

Nesta perspectiva, o estilo não se realiza apenas no campo individual, tampouco é concebido desarticulado do social, dada a imprescindibilidade do outro como representante de seu grupo social na relação entre os sujeitos, nas escolhas que fazem entre os mais variados modos de expressão de que dispõem, considerando-se que os enunciados se constituem de valorações sociais (DA SILVA, 2020, p. 84).

As diferentes linhas de pesquisa que contemplam a estilística de perspectiva bakhtiniana carregam como traço em comum o fato de que o estilo está na base da interação discursiva entre os sujeitos, e as escolhas linguístico-discursivas imprimem as intenções comunicativas dos falantes numa relação axiologicamente dialógica (DA SILVA, 2020).

Em “*A palavra na vida e a palavra na poesia*”, Volóchinov afirma que na abordagem de uma poética sociológica o estilo do poeta é o produto de toda a sua vida social. Fazendo referência a Buffon⁴⁸ e seu conceito “O estilo é o homem”, Volóchinov complementa que “o

⁴⁸ Em nota das tradutoras, Grillo e Américo explicam a referência ao Conde de Buffon, naturalista francês, que proferiu esse discurso quando foi eleito membro da Academia Francesa em 1763. Para ele “o estilo é uma singularidade do indivíduo, que reflete sua natureza própria”.

estilo é, pelo menos, dois homens, mais precisamente, o homem e seu grupo social” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 142-143). Por esse fato, afirma que o estilo não se caracteriza no campo individual, não sendo possível desarticular o social dessa relação entre os sujeitos, a partir da qual se estabelecem as escolhas impressas nos enunciados. Os enunciados são compostos de valorações sociais, onde se expressa

Não somente a entonação como também toda a estrutura formal do discurso depende, em grau significativo, da relação entre o enunciado e o caráter compartilhado e subentendido das avaliações daquele ambiente social para o qual a palavra foi pensada. A entonação criativamente produtiva, segura e rica é possível apenas com base em um “coro de apoio” pressuposto (VOLÓCHINOV, 2019, p. 124).

A esfera discursiva onde o falante se encontra é um elemento crucial para as escolhas estilísticas de seu discurso – como por exemplo, na escola, no judiciário, em casa. A avaliação social feita pelos sujeitos em relação ao seu auditório social determina tais escolhas de estilo, presumindo uma compreensão responsiva. O falante modela suas escolhas de acordo com a posição social em que ocupa, esperando encontrar o “coro de apoio” como forma de validação da escolha feita. O contexto cotidiano do enunciado encontra-se intimamente ligado à entonação do falante. Para Volóchinov (2019, p. 123), “Na entonação, a palavra entra em contato direto com a vida” e ainda “a entonação é social *par excellence*”. Ou seja, é através desse *tom* que o falante entra em contato com os ouvintes, sentindo o ambiente social que o circunda.

Em seu ensaio “O que é a linguagem/língua?” Volóchinov (2019, p. 257) se refere ao acontecimento expressivo do enunciado. A expressão do enunciado é composta pelos participantes desse *acontecimento* e as interrelações que formam o enunciado determinam que soe de um modo e não de outro, moldando as condições em que ele ocorre. O autor também menciona a importância de considerar as relações de classe entre os falantes para abordar a estilística literária. A relação sócio-hierárquica entre os interlocutores interfere diretamente na construção de um enunciado, pois os sujeitos se organizam socialmente e os estilos são determinados nessa interação sócio-discursiva. Para exemplificar, o autor discorre sobre o discurso de um mesmo personagem literário dirigido a diferentes auditórios sociais, em que há a mudança na escolha de palavras, na expressão, na entonação. A cada contexto, com a mudança de auditório social, as palavras adquirem sentidos distintos e a organização do enunciado pressupõe características estilísticas diferentes.

O autor russo afirma “Toda expressão de uma vivência é o *documento* de um acontecimento social” (VOLÓCHINOV, 2019, grifo do autor). As questões de estilística estão

atreladas ao meio social onde se encontra o falante, e é dessa posição e a partir dessa vivência que ele se expressa. A dependência entre o enunciado e as condições concretas (condições sociais dos participantes) em que ele ocorre estão inseridas dentro do sistema da linguagem/língua⁴⁹, sem a qual não seria possível a expressão de vivências. Volóchinov exemplifica:

Toda tomada de consciência necessita de um *discurso* interior, de uma *entonação* interior e de um estilo interior embrionário: a tomada de consciência da própria fome pode ocorrer como súplica, lamento, raiva, indignação, e assim por diante. Na maioria dos casos, a expressão exterior só continua e esclarece a direção do discurso interior e as entonações nele contidas. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 258, grifos do autor).

A questão acima levantada por Volóchinov interessa muito à temática dessa pesquisa. O exemplo dado por ele em relação à fome pode ser deslocado para outras necessidades de vivência assim como sua percepção de estilo e entonação como forma de acabamento do discurso do outro. Todo enunciado é, em essência, dialógico. A percepção avaliativa do ouvinte faz parte do processo dialógico envolvido na construção estilística feita pelo falante. Os sujeitos envolvidos no diálogo sempre concordam ou discordam do que está sendo dito, se aproximam e se afastam, mesmo sem necessariamente expressar algo a respeito – ou seja, toda palavra é repleta de outras palavras. Da mesma forma, o falante necessita, para se sentir participante de um meio social, alguém que lhe enderece uma voz. A manutenção de seres sociais implica uma interação entre essas vozes. A estrutura da vivência e a estrutura da sua objetivação exterior são igualmente sociais. O grau de consciência, clareza e constituição da vivência está diretamente relacionado com a orientação social "não pode haver vivência sem ao menos uma orientação social valorativa" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 208). Ou seja, a expressão de gênero de um falante é orientada a um determinado grupo de ouvinte, a coletividade ora protege esses sujeitos, ora violenta.

Dito isso, colocamos a voz como um elemento crucial para a caracterização e personificação dos sujeitos. Pessoas Trans estão constantemente lutando contra o apagamento de suas existências nas mais variadas formas de resistir a um sistema normativo. O acabamento dado pelo outro passa por um exercício de validação que vai, entre outras coisas, determinar quais sujeitos são apagáveis e quais podem conviver em sociedade. Para Bakhtin, a noção de acabamento está diretamente ligada ao estilo. Esse acabamento só pode vir de fora, através da visão do outro.

⁴⁹ “Em russo, os termos “língua” e “linguagem” são designados pela mesma palavra, *iazik*, que foi traduzida ora por “língua”, ora por “linguagem”, a depender do sentido depreendido no contexto”. (Nota das tradutoras. VOLÓCHINOV, 2019, p. 234).

Chamamos estilo à unidade de procedimento de enformação e acabamento da personagem, do seu mundo e dos procedimentos, por estes determinados, de elaboração e adaptação (superação imanente) do material (BAKHTIN, 2003, p. 186).

A essa noção de acabamento, Cristovão Tezza (2005) relaciona o conceito de exotopia, um dos princípios básicos da visão de mundo bakhtiniana. Juntamente com a concepção sociológica de Volóchinov sobre estilo, fica bastante evidente que os sujeitos almejam uma compreensão socialmente responsiva dos interlocutores, visto que essas são carregadas de valorações.

Para Bakhtin o estilo não é uma forma, no sentido corrente da palavra forma, mas um comentário, no qual sempre estão presentes, no mínimo, dois sujeitos, em geral assimetricamente dispostos na guerra dos processos da significação. Para Bakhtin, há uma limitação intransponível no meu olhar que só o outro pode preencher (TEZZA, 2005, p. 212).

A busca por uma validação social muito se assemelha ao processo de adequação que buscam pessoas Trans, como veremos nos excertos adiante. O princípio de exotopia, atrelado à noção de acabamento como mostrado pelos autores, revela que o sujeito só pode se imaginar por inteiro sob o olhar do outro. Ao que acrescenta o professor Tezza (2005, p. 211) sobre o olhar do outro: “Pelo princípio dialógico, que, em certo sentido, decorre da exotopia, a minha palavra está inexoravelmente contaminada do olhar de fora, do outro que lhe dá sentido e acabamento”. Tanto o discurso quanto a visão do sujeito estão embebidos nas vozes⁵⁰ de outros sujeitos. Para Bakhtin, nenhuma voz jamais fala sozinha, aí está a beleza social de todo seu entendimento de mundo.

A noção de estilo, então, por ser social, faz concluir que o acabamento vem de fora. Sob essa ótica, podemos estabelecer relações dialógicas, que assim como na perspectiva da análise dialógica do discurso, se apresentam inacabadas e dependentes do ponto de vista de quem analisa, principalmente pelo lugar axiológico em que se encontra no momento de receber e analisar um evento de linguagem. Beth Brait e Jean Carlos Gonçalves, em *Bakhtin e as Artes do Corpo* (2021, p. 26), apresentam uma interessante abordagem bakhtiniana para pensar performances artísticas, onde afirmam que a produção de sentidos acaba por extrapolar a dimensão interacional em que se situam, não sendo possível analisar um evento de linguagem por inteiro, mas sim os fragmentos que compõem e complementam o todo discursivo-enunciativo.

⁵⁰ Noção Bakhtiniana de voz.

A diversidade dos gêneros do discurso pode refletir a diversidade dos estratos e aspectos da personalidade individual, enquanto o estilo pessoal pode se relacionar de maneiras diferentes com a língua comum. O problema de discernir o que na língua pertence ao uso comum e ao indivíduo é justamente uma questão do enunciado, já que é somente no enunciado que a língua comum se manifesta em uma forma individual. Para definir um estilo em geral e um estilo individual em particular, é necessário um estudo aprofundado da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros do discurso, pois “quando há estilo, há gênero” (BAKHTIN, 2003, p. 286).

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.) O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado. Isso não equivale a dizer, claro, que o estilo lingüístico não pode ser objeto de um estudo específico, especializado. Tal estudo, ou seja, uma estilística da língua, concebida como uma descrição autônoma, é possível e necessário. Porém, para ser correto e produtivo, este estudo sempre deve partir do fato de que os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero e deve basear-se no estudo prévio dos gêneros em sua diversidade (BAKHTIN, 2003, p. 285).

Da mesma forma, a totalidade de um corpo, de uma voz, de um gênero⁵¹ específico, não podem ser captadas por um único evento, passando por uma única análise. Todas as condições sociais e históricas do sujeito devem ser levadas em conta, assim como sugere a abordagem sociológica desenvolvida por Volóchinov e Bakhtin em relação ao estilo. Como sugerem os autores, é importante situar o discurso, seus participantes, quais as nuances de suas entonações, etc. A entonação valorativa é uma importante ferramenta de produção de sentidos, como veremos a seguir.

2.7. Entonação

Ao analisar a obra de Italo Calvino, “Um rei à escuta”, a filósofa italiana Adriana Cavarero traça instigantes reflexões sobre a voz, no que concerne a um caminho de subjetividades:

A típica liberdade com a qual os seres humanos combinam as palavras, mesmo comprovando-a, nunca é um indício suficiente da unicidade de quem fala. A voz de quem fala é, pelo contrário, sempre diversa de todas as outras vozes, ainda que as

⁵¹ Gênero aqui referente à identidade de gênero.

palavras pronunciadas fossem sempre as mesmas, como acontece justamente no caso de uma canção. (CAVARERO, 2011, p. 18).

Nessa linha de pensamento, o movimento dialógico que a voz apresenta se insere no argumento de que “mesmo do simples ponto de vista fisiológico, ela implica uma relação.” (CAVARERO, 2011, p. 19). Uma voz sempre implica uma escuta⁵², mesmo que essa escuta seja feita pelo próprio locutor que a produz, seja em sua consciência ou de forma materializada. Da mesma maneira, como traz Bakhtin sobre a questão do discurso dialógico, há sempre uma diretriz voltada para a resposta, um intuito discursivo daquele que produz, pautado no auditório estável. No registro da voz, utilizando os termos de Cavarero, salta a condição humana da unicidade, ou seja, junto à voz que transporta os elementos necessários para o estabelecimento de uma comunicação, está o falante.

O jogo entre emissão vocálica e percepção acústica envolve necessariamente os órgãos internos: implica a correspondência de cavidades carnosas que aludem ao corpo profundo, o mais corpóreo dos corpos. (CAVARERO, 2011, p. 18).

Vale relembrar que o conceito de voz para Bakhtin tem sentido na direção de ponto de vista, e não de emissão sonora, propriamente. Dessa forma, nos aproximaremos bastante do conceito de entonação para tentar estabelecer as relações entre voz (sonoridade) e linguagem. Um elemento que assume significativo papel na construção do enunciado é a entonação. A realização de tons enfáticos ou sutis deriva da escolha do falante ao expor o material verbal (SILVA, 2020). Desta feita, aqui ocorre o entrelaçamento entre estilo e valoração social, que também são constitutivos do enunciado. Todo enunciado é revestido por uma entonação materializada na expressividade do falante, pois a entonação é “a forma mais pura e imediata da avaliação social” (DAHLET, 2005, p. 255).

Em *O excedente da visão estética*, Bakhtin (1997) argumenta que a posição externa [do eu] em relação ao outro permite uma visão sobre ele que o mesmo nunca terá, pela posição que ocupa. Essa exterioridade é o que permite acesso ao todo do ser humano, pois enxerga partes do corpo do outro que são inacessíveis aos seus olhos - “todos os outros se situam fora de mim”. A contemplação, como ato estético, é realizada a partir do lugar único que o sujeito ocupa no mundo. O acabamento é dado, inclusive, pelo olhar do outro a partir da visão de fora, pois sua visão se estende até onde o outro está, podendo assim, ver-se por inteiro. “Esse lugar único, concreto e singular ocorre na concretude de um acontecimento único, irrepetível” (VILLARTA-NEDER, 2020).

⁵² A questão da escuta merece uma reflexão aprofundada dada sua relevância nos estudos da linguagem. Pela limitação do estudo não poderemos abordar a fundo como a escuta se apresenta para a linguística.

Graças a essa posição exotópica, o que era possível na ordem das coisas físicas e impossível de operar em si mesmo e para si mesmo, torna-se possível também na ordem moral, a saber: torna-se possível validar valores, aceitar todo o dado da existência interior do outro em sua atualidade (BAKHTIN, 1997, p. 142).

Da mesma forma, a voz que escuto no outro não é a mesma que ele escuta em seus próprios ouvidos, passando por suas caixas de ressonância. Há uma mudança na emissão sonora que chega aos ouvidos do outro, que o eu não é capaz de captar. Aqui vemos novamente a questão relacional da voz, onde o acabamento é dado pelo outro dentro de um eixo de valores. O acabamento dado a uma voz, ainda que através do silêncio, está nas mãos de um sujeito excedente.

Para Bubnova (2011):

[...] a onipresença da voz é equiparável à ubiquidade do outro em nossa existência, de tal modo que a construção do eu mediante o verbal passa pelo diálogo como forma primária de comunicação e pensamento.

A questão da identidade em Bakhtin é uma eterna construção na relação com o outro. A escuta feita pelo outro é valorativa, e isto participa da identidade do sujeito que enuncia. Falasca (2017) afirma, ao tratar de identidade na perspectiva bakhtiniana: “nota-se que o sujeito falante tem, na língua em movimento, espaço para criar e adicionar aos seus discursos a sua própria voz. [...] ao lidar com a língua, o indivíduo, na língua e por meio dela, forma-se como sujeito”.

Como já mencionado, a reflexão tecida aqui sobre o conceito de voz não é o mesmo que foi desenvolvido por Bakhtin, mas ainda assim, há traços de identidade, sonoridade e expressividade possíveis de serem percebidos nas formulações do filósofo russo: “Quanto a mim, em tudo eu ouço vozes e relações dialógicas entre elas” (BAKHTIN, 2017, p. 78). Essa troca de turnos, movimento dialógico, também ocorre no pronunciamento da voz. As vozes, no sentido de enunciados, estão sempre se cruzando. Bakhtin se refere a um mundo povoado de vozes alheias, incitando respostas, que permeiam o uso de minha própria voz ao enunciar.

Expostos até aqui os pontos convergentes e divergentes sobre a “nossa” voz e a voz de Bakhtin, retomamos o conceito de *excedente de visão*, onde é possível traçar uma relação entre corpo e voz. Da mesma maneira que o corpo só se torna *todo* quando visto de fora, dependente de um outro, há cenários em que o mesmo ocorre com a voz. Vejamos, esse exercício de identificação de um sujeito através de sua voz só pode ser validado por um outro, que a recebe. A entonação, para Bakhtin, aparece como um índice de alteridade na forma como o “eu” concede valor ao outro.

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a *entonação*, com o tom emotivo dos *valores deles*. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros. (BAKHTIN, 1997, p. 378, destaques meus).

A validação entonacional também aparece em Volóchinov (2019), quando o autor afirma que o enunciado espera encontrar um “coro de apoio” que lhe forneça valor, como uma forma de reforço do que está sendo produzido. Quando não há este tipo de apoio, a voz perde força e conseqüentemente ocorre uma mudança na entonação, como se houvesse uma negativa por parte do outro. Para o autor “O caráter partilhado das avaliações principais subentendidas é o tecido no qual o discurso humano vivo borda os seus desenhos entonacionais” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 124). A incorporação de uma alteridade marcada semântica e existencialmente, como demonstram Brait e Gonçalves (2021), apresenta dicotomias que se espelham em transmutações, em *duplos*⁵³. Deslocando o conceito para a nossa interpretação, essa ambigüidade entre identidade e alteridade nos remete a possibilidade de existência da pessoa Trans enquanto homem/mulher, desde que performem valores condicionados pela norma. A norma é o outro. Isso é incorporado em nossos discursos e em nosso modo de agir (linguisticamente) e pensar o mundo.

Volóchinov (2019) afirma que a entonação é o lugar onde a valoração encontra sua expressão mais pura, ou seja, é dessa forma que a entonação se relaciona diretamente com a vida. A expressão sonora da valoração social que menciona Volóchinov nos remete ao índice valorativo fornecido pela voz, onde é ela que carrega a identidade do falante, por meio de uma relação de alteridade. Dessa forma, é possível ter acesso a diferentes aspectos do sujeito: emoção, expressão, gênero (masculino e feminino), etc. Seguindo por essa linha, há uma ligação entre a entonação e o contexto cotidiano do enunciado. Ao reconhecermos a existência de um objeto percebemos conjuntamente o seu valor, não sendo necessário enunciar essa avaliação social, pois ela fica subentendida na coletividade.

Quando a avaliação fundamental precisa ser enunciada e comprovada, ela já se tornou duvidosa, separou-se do objeto, deixou de organizar a vida e, por conseguinte, perdeu a sua ligação com as condições da existência dessa coletividade. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 122).

A forma como a entonação aparece posiciona os indivíduos na interlocução. Para que o diálogo aconteça, os interlocutores precisam ter algum conhecimento sobre o objeto em contexto, só assim será possível entender a entonação implicada: “A entonação sempre está no

⁵³ A questão do *duplo* neste texto remete a uma divisão, uma questão de ambigüidade, que coloca em confronto e estabelece marcas nos sujeitos.

limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito”. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 123). A entonação é um conceito tão importante para Bakhtin quanto para esse estudo, pois há resquícios de sonoridade no modo como os participantes de um discurso se expressam, revelando suas atitudes em relação ao tema abordado. A entonação é uma forma de enriquecer o significado do discurso, pois atua como um índice valorativo e fornece pistas acústicas dentro das relações dialógicas. De acordo com Dahlet (2005, p. 252), a presença da voz no texto aparece de início, visto que a própria natureza da interação é da ordem da entonação, onde o leitor é introduzido num universo vocal/acústico, abrigando a avaliação social através do uso da voz. É nesse exercício que a entonação atua como forma de expressar valores e julgamentos nas interações verbais, tornando o discurso mais rico e complexo, através de diferentes camadas de significados.

Um ponto que se destaca dessas discussões é o papel do outro no acabamento dos enunciados, uma vez que, como já enfatizado, todo enunciado é dirigido a alguém e pressupõe um auditório social. Nesse sentido, é necessário, para compreendermos as noções que envolvem o uso pelos sujeitos aqui analisados, discutiremos sobre a importância da alteridade discursiva.

2.8. Voz e alteridade

Para Bakhtin, então, o sujeito se constitui como ser responsivo nas relações dialógicas. Essas relações são entendidas como uma arena de valores ideológicos. Um dos eixos do pensamento bakhtiniano está na busca pela representação da heterogeneidade que constitui sujeito e linguagem (BRAIT, 2012).

Todo membro de uma coletividade falante já encontra a palavra não como palavra neutra da língua, livre das intenções e despovoada de vozes alheias. Não, ele recebe a palavra de uma voz alheia, preenchida por essa voz alheia (BAKHTIN, 2022, p. 184).

A presença do outro para Bakhtin e os demais intelectuais do Círculo é sempre dialógica. É um conceito que se diferencia de outras vertentes que também adotam o outro numa abordagem epistemológica. Esta noção desemboca no outro discursivo, ideológico e interacional (BRAIT, 2012). A concepção de sujeito para os autores passa por uma dimensão histórica e social. As relações dialógicas implicam um outro, seja ele real ou imaginário. Estabelece-se aí uma arena de valores nas relações dialógicas, onde há tensões constantemente fazendo contraste às identidades e diferenças, constituídas na linguagem.

Analisando a ampla literatura de Dostoiévski, Bakhtin acaba num encontro de vozes que se confrontam, onde estabelecem, a partir deste encontro, subsídios para analisar a presença do outro no discurso e de que forma a alteridade está presente interdiscursivamente. Doistoiévski, segundo Bakhtin, criou um gênero romanesco novo, o romance polifônico por excelência. É valioso explicitar que, para Bakhtin, a polifonia não é um universo de muitas vozes, simplesmente, e sim, um universo onde todas as vozes têm igual valor numa relação de identidade, são equipolentes. “A multiplicidade de vozes e consciências autônomas e imiscíveis, a polifonia autêntica de vozes plenivalentes, é efetivamente a particularidade fundamental dos romances de Dostoiévski” (BAKHTIN, 2022, p. 56, grifos do autor). A dimensão da alteridade é profundamente analisada na tessitura polifônica do escritor russo, onde Bakhtin estabelece os elementos para a concepção de *outro* e da relação eu/outro. Na fronteira dessas relações dialógicas se constituem sujeito e linguagem em um universo de valores (BRAIT, 2012). Todos esses conceitos percorridos são fundamentais para a compreensão do que Bakhtin denominou como alteridade constitutiva. O outro⁵⁴ está presente no discurso, ele é parte constitutiva da relação dialógica. A importância da alteridade para Bakhtin tem estreita relação com a perspectiva da interação e da troca entre diferentes vozes na construção dos significados e das identidades, tendo em vista que esta é formada através dessas relações com o outro.

Para introduzir a questão da voz nessa discussão alteritária, trago o medievalista suíço Paul Zumthor e as breves teses e formulações feitas sobre a voz em seu estudo sobre a poética e a oralidade. Na segunda tese ele afirma: “A voz, quando a percebemos, estabelece ou restabelece uma relação de alteridade, que funda a palavra do sujeito” (ZUMTHOR, 2018, p. 76). Embora haja a impressão de unicidade absoluta sobre a voz que produzimos, a presença da alteridade é inegável, não há como separar voz e alteridade. Assim como na obra de Dostoiévski, por vezes, as vozes de autor e personagem se confundem, ou até mesmo “o diálogo permite substituir com sua própria voz a voz de outra pessoa” (BAKHTIN, 2010, p. 272), essa disputa de vozes circunda a vida do sujeito. A palavra pode até ser neutra, mas o discurso enunciado jamais o será. O discurso sempre está mergulhado no cruzamento de diversas vozes. Faraco (2009) faz menção ao encontro sociocultural de vozes sociais, introduzindo o termo *heteroglossia dialogizada*, onde o enunciado é o ponto de encontro e de conflito das múltiplas vozes sociais.

⁵⁴ Importante destacar que há inúmeras vertentes teóricas que utilizam o *outro* como perspectiva epistemológica, algumas bastante distantes da concepção bakhtiniana, como por exemplo, o outro utilizado por Jacques Lacan dentro da psicanálise. “O pensamento bakhtiniano afasta-se radicalmente das concepções psicológicas e psicanalíticas da alteridade” (BRAIT, 2012, p. 91-92).

Parece bem claro, pelo conjunto de seus textos, que o "valor superior e supremo" para Bakhtin era a heteroglossia e sua dialogização infinda; ou, em outros termos, a pluralidade dialogizada das vozes e, neste meio heterogêneo, a resistência a qualquer processo centrípeto, monologizador (FARACO, 2009, p. 75, destaques do autor).

Utilizarmos, a partir de agora, o termo “diversidade de discursos” (ou heterodiscurso) ao invés de *heteroglossia*, seguindo a orientação do tradutor Paulo Bezerra para o termo russo *raznoréchie*⁵⁵, por entender que acolhe mais significativamente o cruzamento das várias vozes do discurso. A questão do entrecruzamento de vozes, ponto importante que faz referência ao fato do discurso nunca poder ser neutro, é apresentado por Faraco (2009) em três dimensões dialógicas detalhadas por Bakhtin: todo dizer não pode deixar de se orientar para o “já dito”; todo dizer é orientado para a resposta e todo dizer é internamente dialogizado. Essas três dimensões da perspectiva bakhtiniana são inerentes ao processo de dialogicidade, onde todo enunciado obrigatoriamente assume uma posição socioaxiológica.

A questão da alteridade implica a identidade e, ainda que as definições sejam diferentes, não são opostas. Tomamos de empréstimo, mais uma vez, as palavras de Adriana Cavarero:

Inserido no círculo de relações da emissão vocálica que se difunde para o exterior, o ouvido alheio é, de fato, capaz de perceber todo o prazer que essa voz põe na existência [...] O prazer de dar uma forma própria às ondas sonoras faz parte da auto-revelação vocálica (CAVARERO, 2011, p. 19).

Revelar-se pela voz é um mecanismo potente, pois segue a apresentação do sujeito e de sua identidade através de uma característica representativa e singular. Retomando a questão do enunciado como unidade analítica amplamente discutida pelo Círculo, o cotejo⁵⁶ entre os elementos enunciativos implica um aprofundamento interpretativo ampliando o contexto. Geraldi (2014) postula que a partir dessa apreensão do sentido se apresentarão outras vozes

Fazendo emergirem mais vozes do que aquelas que são evidentes na superfície discursiva. Não para enxergar nestas vozes a fonte do dizer, mas para fazer dialogarem diferentes textos, diferentes vozes. O múltiplo como necessário à compreensão do enunciado, em si único e irrepitível. *A unicidade se deixa penetrar pela multiplicidade* (GERALDI, 2014, p.19, destaques meus).

⁵⁵ Segundo Paulo Bezerra: “No Brasil consagrou-se o termo “heteroglossia” como tradução da palavra russa *raznoréchie*, que significa “diversidade de discursos” ou “heterodiscurso”, minha opção ao traduzir. O termo russo também foi traduzido como “plurilinguismo”, que é mais palatável ao leitor brasileiro, porém difere semanticamente do original russo e do sentido que Bakhtin lhe atribui. O termo *raznoréchie* (heterodiscurso) é bastante antigo na língua russa, nada tem de estrangeirismo e menos ainda de neologismo. Qualquer russo, independentemente do grau de escolaridade, pode até não compreender a fundo o sentido da palavra, mas percebe que ela é formada por *ráznie* (diversos) e *riéchi* (discursos, falas). E qual é a distância entre a inteligibilidade da palavra “heteroglossia” e a compreensão do leitor brasileiro? Minha experiência pessoal comprova que tal distância é bastante grande. Aí não há nada que lembre “discurso”, que é o fio condutor de toda a reflexão bakhtiniana em torno da palavra *raznoréchie*” (BAKHTIN, 2015, p. 11-12).

⁵⁶ Do russo соотнесение: *correlação*.

Assim como o enunciado é proferido de forma irrepitível, a voz também se apresenta em condições inéditas todas as vezes em que é emitida. Na expectativa do acabamento dado pelo outro, "ocorre que cada sujeito se constitui mutuamente com outro que lhe permite esse lugar possível de atribuir-se acabamento, inteireza" (VILLARTA-NEDER, 2020), numa relação autêntica de alteridade, o acontecimento nunca é o mesmo. A voz é parte constitutiva de um enunciado, mesmo quando em formato de silêncio, pois a alternância dos sujeitos no discurso (BAKHTIN, 2016) coloca os falantes numa relação dialógica que implica uma compreensão responsiva. Enunciar é ação. Ainda que em silêncio⁵⁷, as vozes estão presentes. E elas pertencem a algum dos falantes imbricados no processo.

Um ponto interessante a ser mencionado aqui é que, como demonstrado até agora, a presença do som nas obras do Círculo está mais do que evidente. Contudo, podemos perceber também um processo de compreensão entre o ato de enunciar e a ausência do som. Os diversos âmbitos que envolvem a linguagem estão amplamente implicados nas reflexões de Bakhtin e seus pares, o extraverbal faz parte desse intercâmbio de semioses que sustentam as discussões dos autores.

O silêncio é uma fronteira espaço-temporal (cronotópico), constitutivo da linguagem. É o espaço e tempo de os sujeitos se saberem sujeitos, enunciando sujeitos, enunciando para outros sujeitos na unidade do acontecimento. Um cronótopo que permite a escuta de si como outro, do outro, e da relação de si com o outro na unidade do acontecimento. Uma escuta compreensiva, responsiva e responsável, como réplica, na cadeia enunciativa. (VILLARTA-NEDER, 2019, p. 82).

Da mesma forma, Volóchinov (2019, p. 285) destacou a importância do papel da situação para a criação do enunciado. Sem uma compreensão da situação, de um acontecimento comum entre os falantes, "suas palavras seriam incompreensíveis para cada um deles, sem sentido e desnecessárias". Nem tudo é dito durante o discurso enunciado, e é por isso que a parte extraverbal (presumida) determina o sentido da parte verbal, ao passo que "a comunicação ou interação discursiva só se realiza graças à existência de algo subentendido para eles [os falantes]". Consequentemente, há uma relação com a voz, visto que nesse estudo ela é representativa de uma presença em potencial. Até mesmo a ausência da voz pode caracterizar um efeito de sentido presumido. O autor sugere que os corpos, enquanto enunciados, sejam analisados na relação com outros corpos, seja na forma de resposta a outros enunciados, em sua ausência ou na própria compreensão desses corpos. A partir dessa visão, proponho entender a voz como parte constitutiva do projeto de dizer, mesmo quando ela está ausente e

⁵⁷ O Professor Marco Antonio Villarta-Neder, da Universidade Federal de Lavras/MG, possui ampla pesquisa sobre a questão do silêncio numa perspectiva bakhtiniana.

se configura como silêncio. Parece ambíguo afirmar que mesmo ausente ela ocupa um espaço, o que indica que entender a voz dentro do processo dialógico do discurso faz sentido, na medida em que ele acontece até mesmo quando os sujeitos não estão dialogando face a face e em voz alta. Mesmo no silêncio, as vozes se manifestam nos discursos, pois o acabamento transcende o dito e se envolve na relação entre interlocutores, enunciados, situações discursivas, levando a determinados efeitos de sentido.

Entre dizeres e fazeres, outro elemento que não se dissocia da voz e da alteridade, no caso do presente estudo, é o corpo. Como sugere Villarta-Neder (2020) sobre corpos em alteridade

Refletir sobre corpos enquanto linguagem, em relações de compromisso ético, este viés requer pensar esses corpos em relação. Relação com outros corpos, com sua(s) história(s), com as concepções a partir das quais são tomados, tanto como conceitos, signos, quanto como ações políticas, ideológicas, identitárias (VILLARTA-NEDER, 2020).

Passaremos a um ponto muito importante para nosso estudo, a fim de estabelecer relações entre o corpo grotesco, a carnavalização e o permissivismo temporário de corpos dissidentes sob regimes regulatórios.

2.9. O corpo grotesco

A parte desse estudo que tratará sobre o corpo nos é muito cara, assim como foi para Bakhtin. Início com a seguinte percepção feita por McCaw (2019): "Tanto a estética quanto a ética de Bakhtin são baseadas em uma distinção entre o corpo como concebido (entendido pelo pensamento) e vivenciado (entendido pela vivência física)". Bakhtin desenvolveu, juntamente com as reflexões de seus pares intelectuais, um percurso de entendimento sobre o corpo onde estabeleceu de forma progressiva a passagem do corpo estético (imagético e estático), que é captado pela visão do outro, até chegar no corpo que se envolve em uma tumultuada interação social. Essa ideia de interior e exterior é bastante explorada em *O autor e a personagem na atividade estética*⁵⁸, obra datada de meados dos anos 1920, na qual Bakhtin busca delinear os limites do corpo individual.

Em sua obra sobre Rabelais, Bakhtin trata da concepção realista de corpo grotesco, diferentemente das imagens de corpo de sua filosofia inicial.

A vida se revela no seu processo ambivalente, interiormente contraditório. Não há nada perfeito nem completo, é a quintessência da incompletude. Essa é precisamente a concepção grotesca do corpo. Em oposição aos cânones modernos, o corpo grotesco não está separado do resto do mundo, não está isolado, acabado nem

⁵⁸ Não desenvolveremos uma caminhada teórica completa da filosofia inicial sobre o corpo para Bakhtin, pois nos deteremos na reflexão posterior que concebe o corpo em seu ambiente social. Para entender mais sobre as noções de corpo em Bakhtin, ver McCaw (2019).

perfeito, mas ultrapassa-se a si mesmo, franqueia seus próprios limites (BAKHTIN, 1993, p. 23).

Este corpo de que trata Bakhtin faz menção às satíricas protuberâncias dos heróis que integram o romance de Rabelais. As representações visuais relacionadas ao princípio físico e corporal na obra de Rabelais (bem como em outros autores do Renascimento) derivam, com algumas modificações, da cultura cômica popular, que apresenta um tipo particular de imagens e uma concepção estética da vida cotidiana que a distingue nitidamente das culturas posteriores (a partir do Classicismo). Essa concepção estética é comumente denominada de realismo grotesco (BAKHTIN, 1993, p. 16-17). Todas as características grotescas, disformes, monstruosas e horrendas se diferenciam da estética clássica, onde a vida cotidiana é preestabelecida e perfeita (1993, p. 22). O porta-voz do princípio material e corporal é o povo, que na sua evolução cresce e se renova constantemente atribuindo as manifestações da vida a um corpo popular coletivo e genérico. As imagens referentes à vida material e corporal são alegres e festivas, caracterizadas pela fertilidade, crescimento e superabundância. O princípio material e corporal é o princípio da festa, do banquete e da alegria. Este aspecto persiste na literatura e arte do Renascimento, principalmente em Rabelais (1993, p. 17).

Como relembra McCaw (2019), as protuberâncias são apagadas, onde prevalece uma mudança de sentido para as necessidades básicas como comer, beber, o parto, o sexo, etc. Em nota de rodapé, Bakhtin traduz o que faz parte “a "etiqueta"⁵⁹ dos tempos modernos:

O novo cânon de boas maneiras na sociedade é por sua vez inspirado pelas concepções clássicas. Para ser bem-educado é preciso: não pôr os cotovelos na mesa, andar sem avançar as omoplatas e balançar as ancas, encolher a barriga, comer sem barulho e com a boca fechada, não fungar nem raspar a garganta, etc, isto é, **disfarçar as saídas** (BAKHTIN, 1993, p. 282, destaques nossos).

No texto sobre Rabelais, Bakhtin apresenta o corpo sem limites, que não segue o clássico e vive num movimento de transgressão, em constante mudança. Bakhtin apresentou certo fascínio ao corpo grotesco da obra de Rabelais, o que pode ser entendido pela relutância do filósofo em seguir o cânone clássico e linear renascentista. As interpretações sobre os relatos de representação do corpo feitos por Bakhtin passam por inúmeros raciocínios, até mesmo por inacabados e inconclusivos escritos, onde pairam dúvidas acerca do posicionamento hegeliano de Bakhtin. Tihanov (2012) considera que “[...] o desejo de Bakhtin de decretar a história dos pontos de vista do corpo humano como uma batalha inacabável entre dois princípios primordiais: o grotesco e o clássico” rompe com o historicismo progressista de Hegel.

⁵⁹ Sinônimo de cerimônia, formalidade, protocolo.

Embora o corpo como problema filosófico exista como um ponto convergente nas duas obras citadas acima⁶⁰, elas são posições e formulações divergentes.

Essas trajetórias de mudança de pensamento de Bakhtin, bem como sua busca desenfreada para o valor cultural do primitivo, do orgânico e do natural, poderiam em parte explicar a riqueza fascinante e a flexibilidade de seu pensamento. Elas exibem, porém, também sua dramática oscilação entre uma apreciação alegre de detalhes e particularidades históricas e uma crença essencialista na inalterabilidade da natureza humana. (TIHANOV, 2012).

O exagero, o hiperbolismo, a profusão e o excesso são, segundo Bakhtin (1993, p. 40), sinais marcantes do estilo grotesco. Contudo, ressalta que essas características não são parte da natureza intrínseca da imagem grotesca. Bakhtin faz profundas críticas ao pesquisador alemão Schneegans, que dedicou boa parte de sua obra *História da sátira grotesca* (1894) à interpretação de Rabelais. Para o filósofo russo, Schneegans ignora a ambivalência do grotesco, onde enfatiza o lado negativo da exageração, a fim de destacar estritamente o satírico (BAKHTIN, 1993, p. 265). A imagem do grotesco com função pejorativa e negativa foi muito difundida, antes e depois de Schneegans. Esse esvaziamento de sentido positivo sobre o realismo grotesco deu lugar a interpretações monstruosas e escatológicas.

Ao que tudo indica, Schneegans não conseguiu encontrar um caminho onde fosse possível conceber os pólos positivos e negativos do grotesco. Muito disso se deve à inspiração da estética idealista e pelas regras artísticas e ideológicas estreitas do contexto em que se encontrava (BAKHTIN, 1993, p. 269). Para exemplificar o conteúdo objetivo que o autor alemão não foi capaz de captar, pelo fato de se deter ao mecanismo psicológico formal de sua percepção, Bakhtin ilustra a dificuldade de *elocução dos gagos*, a título de exemplo. O filósofo descreve:

os fenômenos corporais que acompanham as dificuldades de elocução nos gagos (tensão ocular, suor, etc.) são exagerados a ponto de se transformarem em sinais de parto, e em seguida a pronúncia de uma palavra desce do aparelho articulatório ao ventre (BAKHTIN, 2010, p. 270).

Dessa forma, é possível observar as transposições dentro da análise objetiva feita por Bakhtin sobre a cena referida, onde se encontram propriedades essenciais e fundamentais do grotesco, o que torna esse gesto (o gago representando o ato de parir a palavra) carregado de sentido, numa análise material dos elementos.

Ela [a cena] é ao mesmo tempo universalista: é uma espécie de pequeno *drama satírico da palavra*, o drama do seu nascimento material, ou o do corpo que traz a palavra ao mundo. O realismo extraordinário, a riqueza e o alcance do seu sentido, um profundo universalismo marcam essa cena admirável, da mesma forma que todas

⁶⁰ Respectivamente, *Autor e a personagem na atividade estética* (2010) e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (2010).

as imagens do cômico autenticamente popular (BAKHTIN, 1993, p. 270, grifos do autor).

Bakhtin interpretou o grotesco como uma forma mais ampla de conceber o mundo, sem ignorar o orgânico, o social e o natural, e não apenas como mais uma categoria estética. Na obra sobre Rabelais, Bakhtin apresenta um ponto de vista onde uma nova concepção de humano surge, se apoiando na existência das massas que estão em constante mudança, entendendo que há uma transgressão na fronteira entre os corpos e registros de estilo (TIHANOV, 2012). O corpo grotesco seria um corpo social, que excede um corpo individual e biológico, se misturando com o que há no mundo, no povo (SANT'ANNA e SEGANTINI, 2008).

Toda a ideia apresentada do grotesco faz parte da corrente discursiva sobre a teoria da carnavalização de Bakhtin, onde ele aborda também a questão do riso. O riso passou por um processo de mudança desde o romantismo, onde apresentava um tom irônico, sarcástico e fechado, e já no realismo grotesco se liberta no sentido de representar uma concepção de mundo festiva, alegre e positiva (COSTA FILHO, 2019). O retrato que Bakhtin faz da carnavalização aparece muito bem destacado na análise de festa popular, ritos e espetáculos onde se encontravam os homens na idade média. "Os festejos do carnaval, com todos os atos e ritos cômicos que a ele se ligam, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval" (BAKHTIN, 1993, p. 4). Nesse espírito carnavalesco não existia seriedade, tampouco medo e obscuridade. Notavelmente, eram atos que se diferenciavam dos cultos e cerimônias oficiais da Igreja e do Estado feudal. Era um momento no qual havia inversão de valores, em que o grotesco ganhava corpo e era permitido pela ideologia religiosa dominante.

Para a autora Mary Russo, os discursos carnavalescos de Bakhtin colocam em destaque corpos desviantes da norma, num espaço de risco e abjeção. "As máscaras e as vozes do carnaval resistem, exageram e desestabilizam as distinções e fronteiras que marcam e mantêm a cultura superior e a sociedade organizada" (RUSSO, 2000). Em sua obra *O grotesco feminino*, Russo afirma que este corpo de que trata Bakhtin é a figura do estado socialista que está por vir, é um "corpo linguístico culturalmente produtivo em constante semiose" (RUSSO, 2000). Este cerceamento sobre aqueles considerados marginais caminhava na direção de uma homogeneização dos indivíduos.

Os conceitos de Bakhtin e do Círculo são tão atuais que podemos encontrá-los em diversos estudos contemporâneos. Quando a temática sobre a regulação dos corpos vem à tona, podemos perceber seu pensamento subentendido nas entrelinhas. Na obra *Um corpo*

estranho de Guacira Lopes Louro, a professora faz interessantes reflexões sobre sujeitos transgressores das normas de gênero e sexualidade.

Tal como atravessadores ilegais de territórios, como migrantes clandestinos que escapam do lugar onde deveriam permanecer, esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades. Acabam por ser punidos, de alguma forma, ou, na melhor das hipóteses, tornam-se alvo de correção. Possivelmente experimentarão o desprezo ou a subordinação. Provavelmente serão rotulados (e isolados) como “minorias”. Talvez sejam suportados, desde que encontrem seus guetos e permaneçam circulando nesses espaços restritos (LOURO, 2019, p. 80).

Essas normas são invenções sociais regulatórias onde os corpos são nomeados e classificados, situados dentro de uma cultura histórica. Sendo assim, como em qualquer norma, alguns sujeitos buscam se reafirmar no interior dos padrões e outros tentam escapar e subvertê-las. Os que escapam às delimitações impostas são os que nos interessam, assim como interessavam a Bakhtin. O *corpo grotesco*⁶¹ de um sujeito em transição de gênero pode ser observado num viés semiótico-dialógico, em que se extrapolam as margens e os limites da normatização, se colocando em relação ao corpo disfórico, que possui características com as quais o sujeito não se identifica, com o corpo idealizado. Diferentemente das questões de vida cotidiana, o carnaval é o palco de uma permissividade temporária.

O autor [Bakhtin] dá ênfase ao potencial de inversão de papéis que os carnavais podem proporcionar: durante o carnaval, as minorias se apropriam de um espetáculo que supera hierarquias e barreiras sociais, onde a única lei é a da liberdade. [...] O carnaval promove uma total inversão e suspende tudo o que sinaliza a desigualdade entre as pessoas (BAKHTIN, 1987 apud VIEIRA; CONTANI; OLIVEIRA, 2021).

O grotesco se caracteriza pela representação caricatural da vida cotidiana do ser humano, servindo como uma espécie de salvação por meio de imagens deformadas que proporcionam uma válvula de escape. Ele pode ser interpretado como uma sátira da rotina, das regras de etiqueta, da ética e da moral estabelecidas pela sociedade, as quais aprisionam homens e mulheres em padrões que devem ser seguidos. O grotesco oferece uma saída para o homem escapar desse mundo fechado e, muitas vezes, utópico, permitindo que ele adentre o mundo real e aprecie a crítica explícita do seu dia a dia representada de forma grotesca, o que pode trazer alívio para o espectador. A inversão de papéis possibilita homens fantasiados de mulher, retratação de corpos fora dos padrões e geralmente desnudos à luz do dia, performances satíricas que "assumem responsabilmente a relação entre a sua criação e o diálogo com a sociedade; assumem o seu papel de provocadores de uma desautomatização

⁶¹ Destaque em itálico para fazer referência ao conceito de Bakhtin, e não como adjetivo propriamente direcionado a um corpo em transição de gênero.

dos cidadãos frente às relações que alienam nossa participação efetiva na sociedade” (FERREIRA, 2020).

O corpo grotesco, por se tratar de uma representação humana que rompia com os valores morais da época, é frequentemente utilizado em obras literárias para tecer críticas sociais às instituições. De acordo com Bakhtin, o humor e o tom subversivo do carnaval são importantes ferramentas de libertação dos sujeitos frente a imposições sociais opressivas. Esses são importantes reflexões sobre a compreensão da cultura, da linguagem e do poder social, questões que ainda são fundamentais e muito caras para a presente pesquisa.

Capítulo 3

Envozeirar as identidades

A grande motivação para a elaboração e a escrita deste trabalho foram os relatos e os desconfortos identitários de pessoas Trans com suas vozes, vivenciados na clínica ao longo dos últimos anos. Testemunhar a questão da voz Trans de forma tão íntima foi a força motriz para estabelecer questionamentos e dedicar maior atenção ao tema. Colocar a voz de pessoas Trans no centro de uma discussão suscita, através da materialidade ideológica dos diálogos, um exercício de ativismo político de ordem sociocultural. Conforme já mencionado anteriormente, observar a potencialidade da voz nos abriu um leque de possibilidades para discursar e teorizar. Mais do que um olhar para as questões acústicas, o que almejamos é um olhar para o sujeito e sua constituição social que passa pela construção de sua voz. Parte-se do pressuposto que a voz é completa e complexa ao mesmo tempo, ela não falta a esses sujeitos e não deve ser pensada de maneira isolada, fora de contexto, sem considerar a totalidade dos aspectos que a envolvem, especialmente quando se trata de sujeitos cujas vivências no mundo e pertencimento social são diretamente ligadas à voz. A transgeneridade, nesse sentido, merece um olhar atento ao seu aspecto social, sem esquecermos de sua essência linguística, intimamente relacionada às declarações de identidade. Aos nos depararmos com essa arena de disputa de sentidos, pareceu prudente olhar para a discussão a partir da ótica bakhtiniana, voltando-nos para os aspectos dialógicos, as forças centrífugas e centrípetas (em uma arena de lutas), a avaliação social de cada enunciado, o acabamento de sentido, os corpos grotescos, dentre tantos outros aspectos que já discorreremos nos capítulos anteriores.

A trajetória da autora-fonoaudióloga no interior do Ambu T possibilitou escutas das mais diversas, posto que o ponto de ligação entre a maioria dos relatos era a inconformidade com a própria voz, pois é um fator que remete a um gênero que não mais corresponde às identidades atuais. A recepção dos relatos sobre a voz desestabilizou os saberes que, como fonoaudióloga, estavam preestabelecidos em minha prática. A dimensão do desconforto trazido, principalmente pelas mulheres Trans, despertou meu interesse na busca por uma escuta diferenciada, bem como um exercício profissional que me aproximasse como aliada daquela população até então pouco assistida pelos profissionais de saúde.

Tida como um elemento que influencia a percepção de gênero, algumas pessoas trans sentem a necessidade de que a voz se ajuste à sua expressão de gênero, por variados motivos, seja por preferências individuais ou por questões referentes a estigma e discriminação (BARROS, 2017).

Entendemos os conceitos de gênero estabelecidos por importantes teóricas e teóricos dos estudos Queer⁶², os quais descrevem gênero e sexualidade como categorias construídas discursivamente através da cultura, da história e da sociedade (PRECIADO, 2000; SALIH, 2002; BUTLER, 2003; SPARGO, 2017). Concebemos o que diz o prefácio do Manifesto Contra-Sexual de Preciado (2019, p. 7), e incorporamos sua afirmação de que discursos médicos e sociológicos, incluindo as ondas feministas, rejeitaram, desde o século XX, o gênero como consequência do sexo, "de âmago ontológico ou biológico", sugerindo uma existência histórica e culturalmente situada. O autor ressignifica as hipóteses das construções sociais e psicológicas de gênero, entendendo-as dentro de mecanismos tecnológicos ampliados. Gênero e sexo não podem ser totalmente separados, pois o gênero não é simplesmente uma consequência do sexo, mas também é construído discursivamente em sua materialidade.

Falar de "homem" e "mulher", tal como de "heterossexual" e "homossexual", não é então falar de determinações biológicas ou inclinações naturais, mas de narrativas feitas [no] corpo. A intensidade monstruosa da contra-sexualidade reside em invadir esta esfera da ficção somática para construir formas de sexo-gênero-sexualidade que se apresentem como disruptivas e contraproducentes, entaves na engrenagem que tanto as incapacita como permite a sua constituição (PRECIADO, 2019, p. 9).

A concepção de sujeito Trans que nos contempla é sugerida por Bittencourt e Santos (2019, p. 58), e se refere às "multiplicidades, trânsitos identitários, ressignificações do corpo, redefinições de papéis de gênero, estética, linguagem, promoção de alteridades, performance". Dito isto, vale fazer uma ressalva sobre o não aprofundamento dos conceitos de gênero e sexualidade. Achamos por bem trazer uma breve contribuição para deixar exposto nosso posicionamento, que vai ao encontro dos autores supracitados. Para fins desta pesquisa, deixando evidente que convergimos com os postulados das teorias de autores como Paul B. Preciado e Judith Butler, partiremos para o diálogo direcionado a nossa discussão sobre a voz.

Adentrando a reflexão entre voz e gênero, adotamos a perspectiva de David Azul (2014; 2016), em que o autor estabelece a noção de *situações vocais de pessoas com diversidade de gênero*, e questiona a normatividade na caracterização de vozes humanas em relação às vozes generificadas. O modelo proposto pelo autor, fonoaudiólogo australiano que

⁶² Em inglês, o termo "queer" pode ter função de substantivo, adjetivo ou verbo, mas em todos os casos se define em oposição ao "normal" ou à normalização. A teoria quer não é um arcabouço conceitual ou metodológico único ou sistemático, e sim um acervo de engajamentos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual (SPARGO, 2017). O termo *queer* é considerado um termo guarda-chuva que designa toda experiência que não é heterossexual ou cisgênera.

se identifica como pessoa transmasculina, sugere que, ao se avaliar as situações de comunicação influenciadas pelas identidades vocais e de expressão de gênero, deve-se levar em conta que a interpretação dessa emissão foge ao controle do locutor, deslocando para o interlocutor uma importante influência sob a discursividade expressa através da voz. Ou seja, todo enunciado é dirigido a alguém e é sempre passível de resposta e de uma avaliação – o outro é quem dá o acabamento (BAKHTIN, 2018). Nesse sentido, o fato de vivermos no país que mais mata e agride pessoas Trans, o que pode ser verificado em diferentes jornais na atualidade⁶³, e por ainda haver muito preconceito com a comunidade, verificamos que a voz, ao evidenciar aspectos da identidade desses sujeitos, têm um impacto na comunicação desses indivíduos. Essa busca por validação passa por um crivo avaliativo daquele que enuncia e daquele que dá acabamento, pois estão em relação aos discursos ideológicos que circulam e que organizam nossa forma de viver e agir no mundo.

Quando pensamos na singularidade da voz humana facilmente caímos na tendência de admitir que as características vocais já predizem um gênero, sem analisar criticamente tal suposição, assumindo que a voz obrigatoriamente reflete o gênero de uma pessoa. Somos facilmente convencidos, como afirma Azul (2013), de que a nossa percepção das diferenças no tom de voz de homens e mulheres tem origem em um fenômeno natural, causado biologicamente pela anatomia. Assim como propõe o autor, entendemos o gênero vocal como produto de uma negociação da interação entre falante e ouvinte, "de modo que tanto o gênero vocal como a natureza deste processo de negociação, variam de acordo com o parceiro de conversação e o contexto cultural" (BARROS, 2017). A partir dessa interação, justifica-se o uso do termo "situação vocal", pois entende-se a voz numa posição não estática, flexível e influenciada pelo contexto do acontecimento discursivo.

Seguindo a visão de que o gênero de uma voz é resultado de um comportamento ou de um fazer, e não das características biológicas das pessoas, não apenas o falante, mas também o ouvinte, é visto como ativamente envolvido na generificação da voz humana (AZUL, 2013). Retomando a questão de acabamento para Bakhtin, numa lógica de validação e aceitação a partir do outro, podemos encaixar o ouvinte (ou interlocutor) como participante ativo do processo. A atribuição de gênero refere-se a práticas de percepção, interpretação, encaminhamento e abordagem por meio das quais damos sentido a uma pessoa em termos da

⁶³<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/01/26/mortes-pessoas-trans-brasil-2022.htm>;
<https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>;
<https://oglobo.globo.com/brasil/relatorio-mostra-que-em-2021-brasil-foi-pais-em-que-mais-se-matou-pessoas-trans-no-mundo-25370228>

nossa compreensão de gênero, e então a classificamos como membro de um determinado grupo de gênero (AZUL, 2016). Esses sentidos não surgem de modo imediato, mas refletem e refratam a realidade.

Conversando entre as ciências, retomamos os conceitos da Fonoaudiologia, os quais estabelecem medidas quantitativas para definição de padrões vocais femininos e masculinos. Os tratamentos vocais realizados seguem diretrizes para adequação da frequência fundamental (f_0) na voz de pessoas Trans, como demonstrado a seguir:

As mulheres transgênero têm f_0 mais grave (na faixa masculina) do que as outras mulheres, além de diferentes características de ressonância e de fala, incluindo velocidade, entonação, *loudness* e expressão corporal. A f_0 dessas mulheres deveria, no mínimo, estar em torno de 155 Hz, levando-se em conta também outras características vocais, para que sejam percebidas como mulheres (CIELO *et al.*, 2021).

Há estudos e parâmetros psicofísicos que determinam em qual frequência vocal se deve estar para *ser* mulher ou homem. A afirmação de que a voz tem gênero baseia-se no entendimento de que as características da laringe determinam o gênero da voz como evento acústico: a laringe masculina é maior e vista como naturalmente inclinada a produzir uma voz “masculina”, com tom mais grave, enquanto a laringe feminina é menor e produz uma voz “feminina”, de tom mais agudo (AZUL, 2013).

Há sempre um conflito que se instaura no momento em que uma pessoa Trans, por exemplo, ao falar, causa desconforto pelo tom de sua voz ser incongruente com a aparência física. O estranhamento de si, a partir do outro, começa na relação conflituosa que o outro propõe quando coloca em dúvida a identidade daquele sujeito. E isso causa um efeito na pessoa que enuncia. De algum modo, esses discursos vão sendo repetidos, incorporados nas relações discursivas e se tornam rotineiros, levando os sujeitos a negar aspectos importantes de sua identidade (como a voz) para serem aceitos. A partir do produto das relações entres seres, que são sempre sociais, como nos diz Bakhtin, há uma valoração que ocorre através da voz. Esse objeto sinfônico carrega a potência de impor sua presença manifestada via sonoridade. A capacidade de autorrevelação, a partir de Cavarero (2011), nos mobiliza na questão da situação vocal da pessoa com diversidade de gênero, à medida que a voz tem poder de subverter identidades.

A população Trans foi relegada à margem da sociedade por desafiar a dicotomia binária que classifica “quais corpos importam”⁶⁴. Com um breve retorno de contexto

⁶⁴ *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo* é uma obra de Judith Butler, publicada em 2019, onde a autora discute a hegemonia heterossexual sobre a materialidade política e sexual dos corpos vistos como divergentes.

histórico, observamos como a construção do capitalismo, a partir da expropriação de camponeses no feudalismo, alicerçou suas bases dominantes sobre a família e a propriedade privada⁶⁵. As classes dominantes ditavam suas normas e quem não se curvasse a elas estaria suscetível a sofrer sanções severas. De forma bastante resumida, neste período, bebendo dos resquícios da idade média, tudo aquilo que fugisse à norma e ao padrão imposto era considerado pecaminoso, criminoso e passível de cerceamento por parte da Igreja e do Estado. A monogamia e os papéis de gênero foram delimitados e suas funções bem definidas. Homens e mulheres *de bem* serviam à manutenção das classes dominantes, seja por produzirem a força de trabalho, a partir de sua *prole*, seja por manterem a instituição do casamento como algo sagrado a ser protegido e exaltado.

As identidades LGBTI+, segundo Quinalha (2022, p. 24), são historicamente organizadas a partir de duas compreensões sobre a origem de suas práticas. As duas vertentes assumidas, o essencialismo e o construcionismo, fornecem base para rastrear e sustentar as narrativas que constituem esses sujeitos. Nos interessa mais a matriz sob a ótica do construcionismo, segundo a qual “os sujeitos seriam, assim, atravessados por estruturas com as quais interagem e negociam no seu processo de subjetivação” (p. 30), ou seja, as identidades não são estáveis e sofrem influência dos processos históricos e culturais.

De acordo com as teorias construcionistas, como a teoria “*Doing gender*” (West e Zimmerman 1987) e a teoria da Interação construcionista de associação de gênero (Hirschauer 1989), o gênero é conceituado como uma realização rotineira que acontece na interação entre parceiros de um discurso. Ou seja, difere da compreensão do conceito de gênero aceito nas ciências da saúde, que admite o gênero como uma categoria estável que se desenvolve de acordo com resultados de processos biológicos do indivíduo (WEST; ZIMMERMAN, 1987; HIRSCHAUER, 1989 apud AZUL, 2016). Quando aplicado à produção do gênero vocal, tanto o falante quanto o(s) ouvinte(s) são vistos como contribuintes para o processo de generificação da voz do falante (AZUL, 2016).

A partir da base teórica apresentada, analisaremos situações vocais em alguns trechos retirados de vinhetas clínicas coletadas pela autora durante os acompanhamentos no Ambu T. A exposição de breves narrativas de recortes das situações clínicas servirá para pensarmos a articulação entre voz e linguagem, considerando todo o contexto do discurso da situação vocal exposta. A análise crítica se dará costurada no texto, de modo que nos permita elaborar e

⁶⁵ Para uma análise crítica mais aprofundada dos modos de organização da vida social ver ENGELS, Friedrich. *A origem da família, do Estado e da propriedade privada*. Boitempo Editorial, 2019.

refletir sobre o contorno de sentido dado às vozes generificadas em um exercício de alteridade e entrecruzamento de outras vozes, dialogando com conceitos bakhtinianos.

3.1. Disfonias e disforias

Vamos iniciar esta sessão do estudo com uma interessante reflexão do fonoaudiólogo David Azul, em seu texto *"Fononostalgia: uma investigação fictícia sobre noções discordantes de 'voz' na fala e na escrita"*:

Imagine, você foi formado em Ciências da Saúde como fonoaudiólogo, onde a voz é classificada como uma espécie de paralinguagem⁶⁶, como aspecto não verbal da comunicação e, em escala mais detalhada, como aspecto não linguístico da fala. Definida como o som produzido pela vibração das pregas vocais e modificada pelos ressonadores a origem da voz é posicionada e moldada pela garganta e boca do locutor de onde emerge como uma instância que revela o eu interior e que indica o que somos, no que acreditamos e como nos sentimos. Como clínico, você é considerado possuidor de uma voz normal e saudável e está obcecado com a fantasia de que poderia melhorar a voz dos outros (AZUL, 2011, tradução nossa).

Até aqui, tive a impressão de que o autor estava conversando diretamente comigo e que passamos por processos semelhantes no momento em que nos deparamos, como profissionais de saúde, com o desafio de tratar vozes. Seguimos a linha de reflexão do autor australiano:

Devido a um conjunto de circunstâncias fantásticas que abrem possibilidades para você que não são consideradas práticas comuns nas Ciências da Saúde, você começa a ler Derrida e começa a se relacionar com sua desconstrução da comunicação como um transporte intencional de significado e, com sua crítica, ao que ele chama de 'fonocentrismo', uma perspectiva que reivindica uma 'proximidade absoluta da voz e do ser, da voz e do sentido do ser, da voz e da idealidade do sentido' (DERRIDA; 1997). Você testemunha como esses argumentos deixam seu mundo como cientista da voz de pernas para o ar (AZUL, 2011, tradução nossa).

Num misto de movimento afirmativo de cabeça e empolgação, leio este parágrafo com a única ressalva teórica que seria substituir o filósofo Jacques Derrida, embora muito íntimo de Judith Butler, por todos os estudiosos, tanto da filosofia como da linguística, que me apresentaram outras formas de pensar a voz humana. Seria injusto atribuir minha estreia neste outro lado da reflexão a um único autor, visto que a lista é enorme e composta por grandes pensadores como Herman Parret, Roland Barthes, Adriana Cavarero, Paul Zumthor, Mikhail Bakhtin, Henri Meschonnic, Luiza Milano, Daiane Neumann, entre outros. Foi a partir delas/deles que percebi efervescer em mim a crítica e o gosto pela tentativa de construir sentido em torno da voz (além de desconstruir o sentido já cristalizado na fonoaudiologia que, por vezes, habita em mim).

⁶⁶ Paralinguagem, de acordo com o dicionário Michaelis (2023), se refere a "Qualquer som ou qualidade de voz que acompanha a fala e indica a situação, física ou emocional, em que o falante se encontra".

Como parte da desordem desconstrutiva que o aflige por completo, você não está mais trabalhando nas Ciências da Saúde, mas nas Humanidades, e não ensina a ‘fala’ normal, mas a ‘escrita’ acadêmica e criativa. No entanto, para sua surpresa, com essa mudança de filiação disciplinar e com essa aparente mudança de assunto, a própria noção de voz que você assumiu foi desconstruída pelo bem de todos (AZUL, 2011, tradução nossa).

O termo utilizado pelo autor supracitado, desordem desconstrutiva, encaixa perfeitamente para descrever a sensação de ressignificar saberes. Tal desconstrução iniciou com os relatos das usuárias⁶⁷ que começaram a encher a agenda de atendimentos para conversar comigo, alegres por finalmente conseguirem uma consulta fonoaudiológica, elas diziam: “*Essa voz não me representa*”, ou “*Minha voz entrega que sou Trans*”. Há muitas vozes que ecoam nesses relatos, pois podemos perceber que a motivação para essa não aceitação da própria voz parecer ter um caráter alteritário. Nossas relações com a realidade são mediadas pelas relações discursivas, já que é através da linguagem que temos acesso a ela. Desse modo, um discurso se desenvolve a partir de outros e os sujeitos se constituem nesse processo de diálogo. Na concepção dialógica da linguagem a partir de Bakhtin, os enunciados de um sujeito sempre consideram o discurso do outro. É por este motivo que os relatos mencionados são atravessados por discursos que pretendem determinar, a partir de forças centrípetas, a identidade do sujeito. Sousa (2020, p. 8) afirma que “as relações dialógicas não são, necessariamente, de entendimento, podendo ser de polêmica, divergência, convergência, aceitação ou recusa”, tornando o enunciado um espaço de disputa e tensão entre diferentes vozes sociais. Embora essas vozes sociais não estejam necessariamente evidentes no discurso, podemos identificá-las através do conhecimento da historicidade dos discursos no processo de construção do sentido, elas estão de alguma forma presumidas no contexto do enunciado (VOLÓCHINOV, 2019).

Tentar definir uma voz é como tentar aprisioná-la, assim como são aprisionados os corpos de pessoas Trans. A voz está presente e isso é inegociável, assim como suas identidades. A voz anseia por libertação, quase como um fluido que escapa por todos os lados. Esse anseio começa a ficar explícito em outros diálogos que chegam até mim: “*Eu tenho vontade de mudar minha voz, mas não muito, só um pouco assim*”. Ao passo que outra usuária relata: “*Eu até gosto da minha voz, eu só não gosto quando eu falo e me olham estranho*”. Ou seja, o olhar e o julgamento do outro parecem incomodar mais do que o tom de

⁶⁷ Utilizo o significante usuária/usuário para me referir às pessoas que *utilizam* o Ambulatório Trans, de acordo com o Documento Base para Gestores e Trabalhadores do SUS (2004) da Política Nacional de Humanização. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizassus_gestores_trabalhadores_sus_4ed.pdf

voz propriamente dito. O embate entre essas diversas vozes sociais atravessa o discurso das usuárias, ao passo que elas mesmas demarcam algumas posições enunciativas em contradição, visto que ora relatam incômodo com sua situação vocal, ora jogam o incômodo para o acabamento dado pelo outro, aquele que julga, condena e alimenta ações preconceituosas contra elas.

Assim, o sujeito trans se constrói pela assimilação de várias vozes sociais, que remetem a determinações socioculturais em torno do discurso médico, ou seja, remetem às configurações assumidas por esse discurso ao longo da história (SOUSA, 2020, p. 9).

O discurso médico a que o autor se refere faz parte das forças de unificação que entram em conflito numa arena ideológica de disputa dos sentidos, assim como o discurso religioso, político etc. Da mesma forma que indica Bakhtin (2015, p. 48) sobre o discurso concreto (enunciado) quando encontra o objeto para o qual se volta, já o encontra difamado, contestado, avaliado, envolvido pelos discursos alheios que já externalizaram opiniões, pontos de vista, avaliações e acentos a seu respeito.

Visto que a linguagem coloca a interação verbal como fator crucial na formação da consciência, Bakhtin entende a língua como veículo de significações ideológicas que emerge a partir da interação verbal entre sujeitos e entre discursos. Nossas vivências são propiciadas, desse modo, pela interação verbal. O ser humano é formado na relação de alteridade e todas as suas ações e papéis em diferentes aspectos da sociedade são influenciados por discursos alheios e por vozes sociais. Por conseguinte, Bakhtin descreve a forma como o discurso nos permite compreender que nossa participação em diferentes áreas da vida social define nossa identidade, como avaliamos os outros e como pensamos que eles nos avaliam, o que desencadeia um ciclo contínuo de (re)construção de identidades (PINHEIRO, 2008). Enquanto seres sociais, vivendo em sociedade, ansiamos por sermos inseridos e reconhecidos. Buscamos nos enquadrar, mesmo que critiquemos, aos padrões ideológicos suscitados por cada esfera de atividade da qual nos relacionamos. Cada uma dessas esferas organiza diferentemente seus modos de ser e de estar no mundo, sempre mediados pela linguagem. Perceber-se em uma situação vocal na qual não há conformação entre a identidade de gênero e a identidade vocal do sujeito Trans pode acarretar inúmeros questionamentos e despertar um desejo de pertencimento, pois diversas vozes sociais atravessam essa noção de identidade. As vozes sociais são internalizadas em forma de aspectos da cultura, da educação, das classes

sociais, do gênero, entre outros aspectos sociais⁶⁸, refletindo diretamente em nossos discursos, em nossa forma de responder e de pensar. Portanto, vemos nesses discursos como o incômodo com a própria voz reflete, na verdade, a ideia de que essa voz corporificada refrata não apenas um indivíduo qualquer, mas a representação que esse corpo e essa voz suscitam socialmente, carregada de sentido (nesse caso, de estranhamentos e preconceitos). Em vista disso, essa representação não se origina em um sujeito individual, mas deriva de concepções sócio-históricas e ideológicas que subjazem todos esses discursos e determinam os sentidos – ou seja, é um processo dialógico em sua essência.

3.1.1. Um atravessamento de vozes

A linguagem, para Bakhtin (2002, p. 89), é um produto da atividade humana coletiva, refletindo todos os aspectos da vida social, no qual o discurso é sempre orientado para uma resposta. A "minha voz alheia", como sugere o autor Mozdzenski (2010), refere-se à importância do discurso do outro em nosso próprio discurso, o que demonstra a não neutralidade dos discursos. Há, portanto, uma relação direta entre a esfera social e a voz, que segundo Barros Filho (2004), se chama *habitus vocal*, o qual "se configura através dos limites impostos na comunicação oral frente ao interlocutor (o outro)". A voz não pode ser considerada mero instrumento que "empacota formalmente um enunciado", ela é parte integrante da manifestação verbal. Apesar de ser a responsável pela entrega da mensagem via sonoridade, a voz não é um simples veículo. Ela carrega sentidos que vão além do aspecto sonoro, pois nos remonta às singularidades dos sujeitos, ao papel social que estes representam. Dessa forma podemos reconhecer alguém apenas pela voz em virtude dessa responsabilidade identitária confiada aos aspectos vocais.

Sob a ótica bakhtiniana, essa mescla de vozes sociais pode ser melhor visualizada no modelo de *situações vocais* de Azul (2016), conforme já mencionamos, pois o autor avalia as situações de comunicação e a influência das expressões de gênero nas identidades vocais.

Uma emissão vocal associada à expressão de gênero, não necessariamente está sob o controle da pessoa que fala e, mais que isso, as interpretações dadas a esta expressão dependem do interlocutor e da própria situação de comunicação. Assim, o modelo entende que o interlocutor no momento da interação de comunicação influencia a discursividade expressa através da voz e dos maneirismos. (BARROS, 2017).

⁶⁸ Quando utilizado o sintagma "vozes sociais" no texto, sempre fará menção ao conceito de Bakhtin. Quando utilizarmos a palavra "voz", de forma isolada, estaremos nos referindo à sonoridade, expressão vocal, física e acústica.

Os atravessamentos impostos durante a interação social influenciam o modo como o locutor move seu corpo e seu aparelho fonador, de forma a sincronizar sua expressão de gênero de acordo com a situação vocal em que se encontra, buscando uma conformidade entre a expressão de gênero e a expressão vocal. Essa negociação entre os envolvidos no processo dialógico varia de acordo com o parceiro de conversação e a situação/local em que se encontram (BARROS, 2017).

Nossas hipóteses e formulações sobre a voz são preenchidas pelas ideias do Círculo de Bakhtin numa tentativa de elaborar um entendimento a um questionamento similar ao que David Azul (2013) elaborou em seu artigo denominado *How Do Voices Become Gendered?*⁶⁹. O autor realizou um itinerário teórico buscando a origem das exigências binárias sobre a voz. Visto que pessoas com diversidade de gênero desafiam a norma padrão de um sistema social hegemônico e binário, talvez a resposta do sistema e da sociedade seja justamente devolver para esses sujeitos uma nova forma de normatização "uma vez que não se poderia transpassar a estrutura binária na medida em que se mantivessem traços de ambiguidade quanto ao gênero que se deseja vivenciar" (BITTENCOURT; SANTOS, 2019). Sabemos que as possibilidades de apresentação das identidades são infinitas, pois os corpos são capazes de performar o que quiserem. É essa ilusão de liberdade que exige uma reação do sistema social, que instaura sobre a voz uma ideia de distúrbio vocal onde as características sexuais da voz estão em desacordo com a identidade de gênero do falante (AZUL, 2013). Todo discurso é constituído a partir de discursos alheios que antecedem ou sucedem o acontecimento do enunciado, sempre orientado para uma resposta (BAKHTIN, 2016, p. 113). Tais discursos estão, além disso, em uma relação direta com aquele a quem o enunciado se endereça – um diálogo (no sentido mais amplo) entre discursos e entre interlocutores, permeados pela cultura. Dentro do processo dialógico bakhtiniano, toda compreensão da fala viva é de natureza ativamente responsiva, "ou seja, quando o ouvinte constrói sentidos a partir de uma enunciação, concomitantemente assume diante dela um posicionamento responsivo ativo" (MOZDZENSKI, 2010). Já que "todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso de resposta antecipada" (BAKHTIN, 2002, p. 89), os sujeitos constroem seus enunciados a partir de outros, os quais estabelecem suas relações.

Essa tensão de vozes sociais resulta numa disputa de narrativas, onde os discursos ganham acabamentos específicos e tais enunciados estão sempre em relação às ideologias

⁶⁹ "Como a voz se torna generificada?" (Tradução minha).

vigentes (ora se aproximando, ora se distanciando), sendo esses enunciados um espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição” (FIORIN, 2016, p. 28). Como já dissemos, toda palavra é repleta de contra-palavras. As memórias em disputa que caracterizam a identidade Trans ao longo da história são atravessadas por diversas vozes, que vêm de diferentes esferas de atividades (como a igreja, por exemplo, que está submetida ao sistema ideológico religioso), visto que estão social e temporalmente imbricadas no bojo de práticas culturais da sociedade. A perspectiva essencialista foi uma aliada importante da luta LBGTI+, porém, uma postura separatista acabava por encobrir algumas identidades e expor outras.

Para gays, lésbicas e bissexuais, mostra-se mais viável operar o binômio transparência-opacidade de suas identidades, intercalando momentos de revelação e de clandestinidade dos desejos; já para pessoas Trans, a corporeidade manifestada em associação à performance de gênero conforma identidades mais difíceis de ocultar ou encobrir (QUINALHA, 2020, p. 26).

Assim como essa ideia de corporeidade externalizada, a voz quase nunca consegue ser mascarada, expondo aquele sujeito que a manifesta. Cercar as identidades num exercício de imposições normativas passa também pela generificação da voz, muitas vezes como forma de silenciamento da população Trans. Justamente por essa compulsoriedade de gêneros binários (masculino e feminino) conforme a matriz heteronormativa, que presume uma correspondência linear entre o sexo, o gênero e o desejo heterossexual (BITTENCOURT; SANTOS, 2019), as identidades Trans permaneceram à margem, traçando embates por sua rejeição aos gêneros essencializados em seus corpos. A construção da identidade Trans se dá pela assimilação de várias vozes sociais, que regem e determinam fatores socioculturais, geralmente em torno do discurso médico ao longo da história (SOUSA, 2020). A cada vez que os sujeitos emitem um enunciado, há sempre a presença de atravessamentos e outras vozes que se manifestam, carregando consigo sentidos que também são influenciados por esses atravessamentos. Passemos para um esboço dos atravessamentos discursivos na clínica fonoaudiológica.

3.1.2. Um embate clínico

Na prática da clínica fonoaudiológica, mesmo quando invisíveis, as posições enunciativas estão demarcadas no discurso. O discurso entre a fonoaudióloga e a *paciente*⁷⁰ Trans gira em torno de uma queixa vocal que diz da inadequação entre gênero e voz. Para

⁷⁰ O termo “paciente” aqui para demarca discursivamente a posição de pessoa que sofre, que padece, de acordo com a etimologia da palavra.

seguir a discussão que convida o profissional fonoaudiólogo para uma reflexão de seus saberes, utilizaremos algumas vinhetas⁷¹ retiradas de situações clínicas em que a terapeuta foi convocada a sair de sua zona de conforto para ampliar as possibilidades de atuação frente ao contexto apresentado. Lançaremos mão dos conceitos teóricos apresentados até aqui neste texto para costurar os discursos, a fim de uma melhor compreensão do que estamos propondo.

Assim como fizemos anteriormente, chamaremos nossa interlocutora de usuária ao invés de paciente, justificando uma posição de protagonismo dentro da situação clínica, em detrimento da posição de sujeito enfermo. Descreveremos brevemente a usuária, cujos relatos servirão de base para construirmos o aparato teórico acerca da voz, alternando entre a percepção dela sobre seu gênero vocal e os elementos teóricos já apresentados por nós. Utilizaremos o nome fictício Link⁷² para nos referirmos à usuária em questão. Link é uma pessoa não binária, adulta jovem, cursando faculdade de psicologia. Após nos apresentarmos, ela refere preferir os pronomes ela/dela. Link não fazia uso de terapia hormonal na época, estava experimentando a desconstrução de gênero e descobrindo aos poucos o que lhe era confortável e o que incomodava em sua identidade.

Conversávamos bastante durante as sessões; Link era um pouco tímida, mas sempre muito solícita para me explicar seus anseios, visto que repetidamente solicitei a ela que me fornecesse o maior número de detalhes para que pudéssemos, juntas, pensar na terapia vocal. Uma palavra, especificamente, me mobilizava durante as nossas conversas. Link geralmente respondia às perguntas com “*depende*”. Sobre a sua relação com a própria voz, Link responde: “*Eu diria que depende muito do espaço onde eu estou, se eu estou num espaço que eu não conheço gente, se eu estou num espaço que eu não sinto que é um espaço seguro, eu evito falar*”. E acrescenta que, quando está em um espaço online, por conversa de voz, não se sente à vontade, principalmente porque as pessoas ouvem sua voz e prontamente assumem pronomes. Já quando está em um espaço com pessoas que ela conhece, que a tratam bem, ela se sente à vontade. Link refere que parte da motivação por procurar a *fono* foi para conseguir deixar sua voz num meio termo, algo mais andrógino e assim conseguir se sentir mais à

⁷¹ É de uma importância fazer uma ressalva sobre as vinhetas clínicas apresentadas neste estudo, pois não se tratam de entrevista estruturada, tampouco da apresentação de um caso clínico. Os relatos utilizados para ilustrar a discussão teórica foram recortes feitos pela autora do estudo durante atendimentos realizados no Ambulatório Trans, no período de 2019 a 2020. Em um diário clínico foram registradas algumas falas das usuárias que chamaram a atenção por ter o desconforto da voz como queixa central da transição de gênero. Para fins específicos deste estudo, selecionamos alguns dos trechos anotados no diário.

⁷² Link é o nome do personagem principal do jogo *The Legend of Zelda* da Nintendo®, que foi apresentado à autora do estudo pela usuária em questão durante uma conversa informal. Optamos por utilizar o nome do personagem no lugar do nome da usuária como forma simbólica de representação de uma memória afetiva que se construiu entre a fonoaudióloga e a usuária.

vontade em outros espaços. De acordo com Bakhtin (1990, p. 24), a estética sempre envolve a percepção de um objeto, texto ou até mesmo uma pessoa como sendo ativamente moldados no contexto geral do objeto. Essa formação ou acabamento, ou seja, a conclusão do objeto, é considerada como um ato de autoria. No relato de Link sobre os espaços que frequenta, podemos perceber traços dos discursos de controle social normativo. O conceito de excedente de visão de Bakhtin (1990, p. 25), no qual a ideia de que cada indivíduo ocupa uma posição única na existência, que é exclusivamente sua enquanto estiver nesse lugar, implica que o que eu percebo não é o mesmo que outra pessoa qualquer percebe. A percepção, ou seja, a forma como eu enxergo o mundo, é sempre influenciada pela minha singularidade, como se fosse uma imagem refratada pela ótica da singularidade. Da mesma forma, o outro enxerga sob essa mesma lente. Machado (2017) discorre sobre vivência e experiência em contexto espaço-temporal e afirma que

A imagem da linguagem concentra o espaço por onde flui o tempo e, em função dessa determinação temporal, se apresenta como um acontecimento estético traduzido em forma espacial cronotopicamente configurada. Enquanto tal, cumpre um movimento que nasce na vivência, confronta-se com a experiência cognitiva e só ganha expressão artística se deslocada para a esfera em que possa ser trabalhada rumo a um acabamento que define o seu valor.

O acontecimento é compreendido como uma totalidade arquitetônica não acabada que a percepção captura para organizar em forma de conhecimento. A autora reforça que “não podemos nos esquecer de que, para Bakhtin, o tempo flui como pluralidade de visões de mundo” e que “tal pluralidade só pode ser percebida no espaço do acontecimento, ou melhor, do tempo” (MACHADO, 2017). Com base na concepção de cronotopo de Bakhtin, podemos encaminhar deslocamentos para pensar os espaços que acolhem “as pluralidades espaciais e temporais simultâneas” dos sujeitos com diversidade de gênero, especialmente quando se expõem socialmente. A usuária, na tentativa de traduzir seu sentimento para mim, explica que o desconforto vocal dela depende do local onde ela está. Dependendo do lugar onde ela está, sobretudo, sob qual olhar, qual auditório e com qual coro de apoio ela pode contar ao se expressar parecem ser pontos significativos para Link fazer uso de sua voz. Diversas espacialidades estão presentes na configuração dos campos visuais de cada indivíduo, o que influencia a singularidade de seus pontos de vista em interação. Embora cada lugar ocupado no espaço seja único, o campo visual em si faz parte da arquitetura de um espaço repleto de relações interconectadas.

Ainda sobre espaços, retomamos a atuação nas clínicas de voz, que como parte da avaliação de rotina utilizam as vozes gravadas em áudio, dividindo em segmentos menores que podem ser facilmente mensurados. À medida que os sons são separados das palavras, as características acústicas e perceptivas da voz, como a qualidade do som, presença de sopro ou rugosidade⁷³, são comparadas com medidas de referência normativas (conforme vimos no Capítulo 1). Com base nessas informações, são produzidas evidências para os diagnósticos disponíveis e criadas categorias de vozes, como voz "normal", "com distúrbio", "masculina", "feminina", "homossexual" e "transexual" (SCHEIDT, 2008). Adotar uma abordagem clínica rígida e fiel a um essencialismo biológico e binário em relação ao gênero das usuárias traz consequências na atuação clínica do profissional, sob pena de desconsiderarmos aspectos de extrema relevância do contexto de vivências daquele ou daquela que nos procura. Como sugere Scheidt⁷⁴ (2008), profissionais fonoaudiólogos muitas vezes se concentram em fornecer ao *paciente* um modelo para imitação de normas acústicas, ao invés de propiciar um espaço clínico de experimentação individualizada de sua potencialidade vocal. Esse movimento de separar o som e a palavra pode afastar informações importantes sobre o falante, visto que as palavras enunciadas são povoadas de intenções.

Retomando a fala de Link, podemos perceber a contribuição do interlocutor para a aceitação ou o desconforto com a voz. Assim, fica evidente a construção social da voz. A formação profissional do fonoaudiólogo se constrói pela assimilação de diversos discursos que se entrecruzam formando novos saberes. A profissão se constitui dialogicamente pelos discursos médico, psicológico, biológico, entre outros. Fato que leva muitos fonoaudiólogos a uma exaltação das causas orgânicas, resultando num processo ilusório de cura, como afirmam os autores

⁷³ Rugosidade e sopro são entre as qualidades vocais mais frequentes em indivíduos disfônicos. [...] A sopro é, geralmente, causada por fechamento glótico incompleto, que produz uma excessiva passagem de ar durante a fonação. A percepção da qualidade vocal sopro está relacionada à confidencialidade, afetividade, tristeza, desconfiança. [...] A rugosidade está associada a uma irregularidade na vibração das pregas vocais, que gera uma percepção de ruído, devido às alterações na frequência e amplitude vibratória [...] Dessa forma, a percepção da qualidade vocal rugosa está associada à raiva e outros sentimentos ou características negativas (PAZ *et al.*, 2022).

⁷⁴ David Scheidt e David Azul são a mesma pessoa. Nas publicações mais antigas consta o sobrenome Scheidt e, nas mais recentes, Azul.

O autor faz ácidas críticas ao modo de avaliação aprendido por profissionais da fonoaudiologia, especialmente aos que se propõem a trabalhar com pessoas Trans. Como em Scheidt (2008, tradução minha): "Às vezes, sinto que meu local de trabalho deveria ser melhor rotulado como "escola normativa de imitação ideal do sexo oposto para pessoas com desvios genitais", ou "escola de pura personificação do essencialismo biológico" ou "escola de patologização da fala para quem sofre da matriz de normas de gênero coerentes".

Tudo contribui para uma ilusão. Ilusão que confunde uma simples condição - orgânica - de emissão de sons com a integralidade das causas que agem sobre o fenômeno. Limitar a fonoaudiologia aos órgãos de produção de sons é participar estrategicamente, com maior ou menor consciência, da luta social pela definição do saber legítimo sobre ela (BARROS FILHO; LOPES; BELIZÁRIO, 2004).

Conforme os mesmos autores, o uso da voz advém de um aprendizado. Embora possa parecer espontâneo, o uso da voz requer conformidade com as situações sociais em que é empregado. Assim, a voz é moldada pela sociedade e é objeto de socialização. Em outras palavras, o uso da voz pode ter efeitos e impactar as relações sociais. Caso seja considerado inadequado, pode causar danos. Portanto, existem normas sociais que condicionam seu uso e que incluem sanções para aqueles que as infringem (BARROS FILHO; LOPES; BELIZÁRIO, 2004). Contudo, cabe também considerar que a voz pode romper com uma ilusão de coerência, onde a expressão de gênero como prática de reprodução corre o risco de fracassar. Devido ao seu potencial para ser disciplinada e perturbar o significado, a voz pode até se tornar um local onde a identidade de gênero é naturalizado e desnaturalizado ao mesmo tempo (SCHLICHTER, 2014).

Entender o impacto da voz numa dimensão social nos leva a considerar a alteridade como forma constitutiva do gênero vocal. Assim como Bakhtin (2017b, p. 29) considerou a arquitetônica segundo a qual se constrói a unicidade do mundo, "a partir do lugar único que cada um ocupa de modo insubstituível", sem álibi, de forma que não há possibilidade de alguém substituir minha própria existência ou vivenciar minhas próprias experiências, também não há como ignorar a participação do outro na forma como me constituo.

Eu não posso fazer como se eu não estivesse aí; não posso agir, pensar, desejar, sentir como se eu não fosse eu, e cada identificação de si mesmo falha em sua pretensão de identificação com o outro. Mas, ao mesmo tempo, não posso fazer como se o outro não estivesse aí, não um outro genérico, mas o outro na sua singularidade que ocupa um lugar no espaço-tempo e na medida dos valores que eu não posso ocupar, próprio pelo não-álibi de cada um no existir. Cada eu ocupa o centro de uma arquitetônica na qual o outro entra inevitavelmente em jogo nas interações dos três momentos essenciais de tal arquitetônica, e portanto do eu, segundo a qual se constituem e se dispõem todos os valores, os significados e as relações espaçotemporais. Esses são todos caracterizados em termos de alteridade e são: eu-para-mim, eu-para-o-outro, o outro-para-mim (BAKHTIN, 2017b, p. 22-23).

Sabemos que as ideias do de Bakhtin e do Círculo datam do século XX e, apesar de pensamentos bastante progressistas, não tiveram a intenção de discorrer sobre os regimes regulatórios de evidência heteronormativa sobre o sistema de identidade social. Cronologicamente, nem poderiam, visto que a identidade Trans estava em processo de

sedimentação histórica, e a partir do ativismo que surgiu após o incidente em Stonewall⁷⁵, floresceram possibilidades de pessoas travestis e transgênero reivindicarem suas próprias demandas, com discussões mais consistentes sobre orientação sexual e identidade de gênero na década de 1970 (QUINALHA, 2022). O que queremos evidenciar com essa localização temporal dos fatos históricos é que pensar sob a ótica bakhtiniana nos ajuda a embasar esse desencontro entre a ciência da fonoaudiologia e a atenção à saúde da população Trans, principalmente sob um viés de desencontro ideológico dos discursos. Como vimos no Capítulo 1, as primeiras formações em fonoaudiologia no Brasil datam da década de 1960, ou seja, surgiram muito próximos às lutas ativistas da comunidade LGBTQIAP+ nos Estados Unidos, paralelamente, porém, afastados por forças centrípetas de unificação e controle.

Em relação ao movimento transexual e travesti, este esteve diretamente ligado ao surgimento da epidemia de AIDS no Brasil, e, de certa forma, às políticas públicas que envolveram o combate à epidemia [...] Assim, para o acesso a recursos, editais e mesmo para a construção de políticas públicas, é necessário um essencialismo estratégico que muitas vezes invisibiliza e apaga a diversidade nas trajetórias e identidades da população trans e travesti (OLIVEIRA, A., 2017, p. 197).

A fonoaudiologia teve boa parte de suas disciplinas cooptadas por diversos discursos e a construção da ciência da comunicação se deu em cima de vozes sociais que atravessam o discurso médico. Conforme nos mostrou Bakhtin, os discursos estão alinhados com as vozes sociais de sujeitos historicamente situados. Vejamos como se instauram os tensionamentos institucionalizados como prática no campo da saúde:

A modernidade, como uma nova época inaugurada pelo capitalismo, produz uma lógica de controle que vai desde o controle da produção até o controle da própria subjetividade. Nos séculos XVIII e XIX, este disciplinamento era feito através dos espaços de reclusão (fábrica, escola, quartel, hospital, prisão). No século XX, surgem movimentos pós-modernos de controle; o controle disciplinário e o controle tecnológico (OLIVEIRA, F., 2002).

O controle disciplinar se dá sob a forma da imposição de um modelo médico de saúde sobre nossos corpos. Em relação ao controle tecnológico, surge um conjunto crescente de ferramentas altamente especializadas, projetadas para corrigir e eliminar qualquer tipo de anormalidade, nivelando as diferenças e promovendo a uniformidade (OLIVEIRA, F., 2002). Ou seja, essas práticas refletem na terapêutica fonoaudiológica enquanto prática que exerce

⁷⁵ Stonewall Inn, o bar do Village em Nova York, é conhecido hoje como “Where pride began” (Onde o orgulho começou), pois foi o local onde se desencadearam os conflitos entre policiais e a comunidade gay. A revolta provocada pela batida policial na manhã de 28 de junho de 1969 o transformou em um marco na história da luta contra o abuso e a discriminação sofridos pela comunidade LGBTQIAP+.

controle disciplinar sobre a linguagem humana. Ao mesmo tempo, um saber que se orienta pela medicalização das condutas, analisa corpos em diversidade de gênero enquanto sintomas⁷⁶ de identidades pervertidas, transtornadas e psicóticas (BENTO, 2019, p. 17). Diferentemente do desejo exposto por Link em relação ao que ela espera do profissional que se propõe a acolher as demandas de pessoas com diversidade de gênero. A usuária sugere que esse tipo de atendimento deve olhar os sujeitos sob a ótica de suas singularidades.

A proposta de subversão dos saberes da clínica fonoaudiológica, nesse estudo, passa por uma multiplicidade de olhares, por isso recorre a discussões diversas. A atuação fonoaudiológica com pessoas Trans precisa considerar que um tratamento vocal pode levar a diferentes imagens de locutor. A ideia de voz disfuncional, falha, insuficiente, deve ser ressignificada, ultrapassando a perspectiva organicista da fonoaudiologia como prática enraizada. Vejamos, a seguir, a localização social de pessoas Trans no ambiente externo à clínica.

3.2. Da(r) voz às vozes

Uma vez que a voz é relacional e conecta os corpos na comunicação, ela revela a singularidade de cada indivíduo, moldada por sua história de relações com outros sujeitos (CAVARERO, 2011). As vozes variam entre culturas devido a diversos fatores, incluindo a fonética da língua, características ontogenéticas, musicalidade e prosódia. Os diferentes tipos vocais são influenciados por um tipo específico de escuta, e a padronização desses tipos vocais é resultado de uma padronização da própria escuta, não sendo uma regra para o dia a dia ou para a cena artística. As vozes são um reflexo das relações entre corpos e dos treinamentos diários, sejam direcionados na arte ou espontâneos no cotidiano (JACOBS, 2017). Para Link, em mais um trecho de nossas conversas, ela explicita: *"Eu acho que uma voz perfeita é uma voz que é ouvida assim sabe, é uma voz que tu pode ir nos espaços e que tu sabe que as pessoas vão te ouvir e vão te tratar bem, vão te tratar como uma pessoa normal"*. Ela acrescenta que isso nem sempre acontece, principalmente quando as pessoas ouvem a voz e acham que não está de acordo com o que elas esperam. A voz possibilita a aproximação entre

⁷⁶ A medicina vem diagnosticando pessoas Trans desde o final do século XIX, e os manuais médicos e psiquiátricos têm incluído esses diagnósticos desde a década de 1960. A Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou em junho de 2018 a retirada dos transtornos de identidade de gênero do capítulo de doenças mentais. A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) em sua 11ª versão conta agora com o termo "incongruência de gênero" e está inserido no capítulo sobre saúde sexual.

Para aprofundar a questão da patologização das identidades Trans ao longo da história, sugerimos a leitura dos artigos publicados pelo coletivo LBGTI+ Nohs Somos, disponível em: <https://nohssomos.com.br/2021/01/25/trans-nao-e-doenca-a-patologizacao-trans-atraves-da-medicina/>

os sujeitos do discurso, como vimos a partir da relação dialógica que fornece um endereçamento desse discurso através da voz. A co-autoria da palavra "semialheia", proposta por Bakhtin (2010), faz referência a esse acabamento relacional que Link menciona. A partir de uma ressonância de palavras alheias, o sujeito as incorpora como palavras próprias. A relação de alteridade se estabelece quando a resposta do emissor de uma voz varia de acordo com o interlocutor. Assim como as escolhas linguístico-discursivas expressam as intenções de quem fala, o ambiente social também influencia tais escolhas, pois os enunciados estão embebidos em valorações sociais (VOLÓCHINOV, 2019). É o que aponta a usuária quando descreve como se sente em determinados locais, com determinados "coros de apoio" pressupostos: *"Tem espaços que eu sinto que minha voz ela é perfeita no sentido de que eu me sinto bem. Eu acho que o que é mais importante de uma voz é tu se sentir bem, sabe. Mas tem outros espaços em que eu não me sinto tão bem assim"*. O auditório social determina a escolha de palavras e como a enunciamos. Da mesma forma, Bakhtin apresentou o conceito de carnavalização, espaço onde se permite descobrir o novo e o inédito. Na visão do autor, o carnaval é o lugar privilegiado da inversão, onde aqueles que são marginalizados se apropriam do centro simbólico, em uma espécie de explosão de alteridade que destaca o marginal, o periférico e o excluído. A abolição das hierarquias sociais e ideológicas durante o carnaval possibilitava uma segunda vida do povo, "essa segunda vida da cultura popular constrói-se como paródia da vida ordinária, como um mundo ao revés" (SOERENSEN, 2011).

Os envolvidos no discurso assumem um posicionamento diante do processo dialógico, assim como afirma Volóchinov (2017, p. 112-113), em que a existência social e histórica é expressa através de signos ideológicos, como a linguagem e outros sistemas simbólicos. Esses signos não apenas refletem a existência, mas também a refratam, ou seja, a modificam e a interpretam de acordo com os interesses dos grupos sociais que os utilizam. De acordo com o intelectual russo, a refração da existência no signo ideológico é determinada pelo cruzamento de interesses sociais multidirecionais nos limites de uma coletividade sógnica. Isso significa que a luta de classes, ou seja, a disputa entre diferentes grupos sociais por poder e recursos, reflete-se nos signos ideológicos e os molda de acordo com os interesses dos grupos em conflito. É importante destacar que a classe social não coincide necessariamente com a coletividade sógnica, com a comunidade que compartilha os mesmos signos ideológicos. Por exemplo, diferentes classes sociais podem usar a mesma língua. Isso significa que em cada

signo ideológico, diferentes ênfases e perspectivas são cruzadas, tornando o signo um palco da luta de classes. Em resumo, Volóchinov argumenta que os signos ideológicos não são simples reflexos da realidade, mas sim produtos sociais e históricos que refletem e refratam a existência através do cruzamento de interesses sociais em conflito, em uma arena de lutas. Pensar a materialidade vocal em ação nos corpos dissonantes da norma exige considerar "o potencial de desestabilização de representação de gênero através da voz" (JACOBS, 2015). Assim como Link sugere que o profissional de saúde que se propõe a atender a população com diversidade de gênero deve "*ter uma escuta pra poder criar um espaço assim que seja acolhedor, que seja de fato poder estar ali escutando e entendendo aquela pessoa como ela é sabe, sem ficar uma coisa tipo assim 'toda a pessoa trans é assim'*", entendendo que "as diferenças de gênero no uso da voz, como tom e timbre, são mais formadas socialmente do que determinadas anatomicamente" (SCHLICHTER, 2014), visto que é o outro que nos dá acabamento e nos totaliza num eixo de valores.

O papel social que se assume ao encarar o desafio de discorrer sobre a voz, assim como a autora-fonoaudióloga desse estudo, introduz a ideia de voz tanto como um acontecimento produzido pelo discurso e pela linguagem, quanto como um acontecimento em sua materialidade sonora, características que desestabilizam noções fixas, visto que abordam a capacidade de significação da voz. Exigir adequação vocal que corresponda a dicotomias da matriz cisheteronormativa é perpetuar o silenciamento sobre as identidades Trans, visto que as pessoas preferem não falar, continuar caladas, do que utilizarem da voz para se expressar, o que apaga essas pessoas da sociedade. À mais esse mecanismo de silenciamento é que esse estudo se opõe radicalmente.

De acordo com o que afirma Neumann (2017) sobre a singularidade da voz e sua proximidade intrínseca com a linguagem, a autora não considera a voz necessariamente enquanto som, mas sim em seu caráter singular, o que só pode ser feito em uma perspectiva que pense o discurso. Para fins do nosso entendimento sobre a voz enquanto portadora de identidades, é justamente o caráter sonoro que oferece pistas da subjetividade dos sujeitos. O ouvinte de uma voz se torna uma espécie de *testemunha e aliado* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 125) do falante. Para Link "*em alguns espaços, a gente acaba não se sentindo tão bem em relação a nossa própria voz e eu não acho que seja algo sobre todos termos que mudar a nossa voz. Acho que a gente tem que mudar os espaços também*". Isso significa dizer que o problema é social. Não há nada errado, por exemplo, em uma voz aguda ou grave. A questão

está na valoração que surge a partir da relação com o outro. Ou seja, o contexto determina a entonação, pois “ela é especialmente sensível em relação a todas as oscilações do ambiente social que circunda o falante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 123). Entrar nos moldes das forças de unificação (centrípetas), geralmente da classe dominante, figura um exercício de preservação, pois as camadas da ideologia do cotidiano são determinadas pela escala social “que mede a vivência e a expressão, bem como pelas forças sociais que as orientam diretamente” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 214). Estar em um padrão exigido pode ser uma forma de resistência, numa sociedade que ainda nega existências diversas.

3.3. Novas possibilidades de presença vocal

Nos encaminhando para o encerramento deste estudo, procuramos, até aqui, apresentar uma busca pelos sentidos de voz nas obras do Círculo de Bakhtin, bem como a análise da situação vocal de uma pessoa com diversidade de gênero a partir de seus próprios relatos. Tal análise teórica se sustenta a partir uma concepção de linguagem e de voz que as considera enquanto componentes insubstituíveis da constituição do sujeito a partir do social. É importante apontar que a análise foi feita sobre os relatos da usuária sobre as percepções de sua voz e não uma análise da voz, propriamente. Isso se justifica por entendermos que a voz de pessoas Trans se dá a partir de um processo dialógico, onde há uma multiplicidade de outros discursos que cruzam as identidades, os corpos, os desejos, como ecos dialógicos que reverberam outros dizeres.

Analisar dialogicamente um discurso significa, sob a perspectiva adotada, dar voz a outras vozes - envozeirar as identidades - daquelas que clamam por um espaço de escuta. Levar em consideração a percepção da usuária, a qual ocupa uma posição de identidade de gênero diferente da autora, nos parece uma forma de deixar que a população Trans fale com a própria voz. A própria noção de identidade vocal dos sujeitos é interpelada pelos discursos que já existem com base nos genitais, na aparência estética etc. O papel social da autora, através da reflexão proposta, é o de mediadora, a fim de propor um outro entendimento sobre a generificação compulsória das vozes. Sendo assim, subvertendo e propondo novos padrões de compreensão, percepção e audição para vozes que exigem uma avaliação ética que leve em conta a presença e a vulnerabilidade dos corpos, a desigual distribuição de atenção (CAMOZZATO, 2022) e a baixa visibilidade social.

Em um estudo realizado por Azul e Hancock (2020) os autores trazem à tona uma conceitualização da diferenciação social do falante (em termos de gênero, idade, etnia, saúde e doença) a partir de algo que precisa ser praticado e produzido, diferentemente de uma consideração biológica ou natural. Essa lógica construcionista proposta pelos autores se reflete nas noções de identidade, voz e comunicação. A estrutura da investigação se baseou no conceito de “agência⁷⁷”, entendido como a capacidade de agir, e foi abordado a partir de uma perspectiva antropológica e linguística. Após um levantamento das teorias de conceitualização sobre quem ou o quê tem a capacidade de influenciar a produção da voz, o conceito de agência que mais se aproxima do nosso estudo é aquele que entende o gênero do locutor e o gênero vocal como sendo moldados por práticas de fala e escuta mediadas socioculturalmente. Isso significa dizer que a interação entre o comportamento vocal do falante, as atribuições categóricas dos ouvintes e as normas de gênero impostas moldam o gênero vocal do falante. Da mesma maneira, para Bakhtin, a própria natureza da interação é da ordem da entonação, uma vez que “o uso da voz exprime a avaliação social” (DAHLET, 2005, p. 252).

As tonalidades dialógicas preenchem um enunciado e devemos levá-las em conta se quisermos compreender até o fim o estilo do enunciado. Pois nosso próprio pensamento — nos âmbitos da filosofia, das ciências, das artes — nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento. O enunciado do outro e a palavra do outro, conscientemente percebidos e distinguidos em sua alteridade, e introduzidos em nosso enunciado, incutem-lhe algo que se poderia qualificar de irracional do ponto de vista do sistema da língua. A entonação é um fato particularmente sensível e se refere sempre a mais além do contexto (BAKHTIN, 1997, p. 318, grifos do autor).

O molde aplicado às exigências vocais advém desses valores que emolduram a significação dos signos em uma dimensão axiológica. Não existe enunciado neutro e, portanto, nosso dizer produz uma relação oblíqua em que nossas palavras não tocam as coisas, mas penetram na camada de discursos sociais que recobrem as coisas” (FARACO, 2009, p. 49). Sendo assim, os padrões binários de gênero se apropriam dos discursos e de seus traços de identidade, onde as axiologias reverberam e “incorporam outras vozes [sociais], que reverberam nos sujeitos” (DE PAULA; TEIXEIRA, 2021). As vozes sociais cisheteronormativas determinam os lugares de pertencimentos das pessoas com diversidade de gênero, assim como relatou Link sobre espaços confortáveis para sua emissão vocal e outros espaços não tão confortáveis assim. “Os signos são construídos no meio social, pela demanda dos sujeitos, e é na interação

⁷⁷ Sobre o conceito de agência, ver Serejo e Reis (2017).

que são capazes de refletir e refratar a realidade, em um retrato ideológico de determinada sociedade e época” (DE PAULA; TEIXEIRA, 2021).

Como percebemos, a tonalidade compõe o enunciado. Contudo, no caso da produção vocal de pessoas Trans, a voz nem sempre é um elemento suficiente de convencimento para o outro. De acordo com Azul e Hancock (2020) dependendo das forças socioculturais que moldaram os falantes, ouvintes e profissionais ao longo de suas vidas, os falantes podem se engajar em diferentes práticas de uso da voz, focando na produção de diferentes características vocais, mesmo que se identifiquem com a mesma categoria de gênero. Os ouvintes podem atribuir gêneros diferentes à mesma voz, e os profissionais terão diferentes entendimentos de como deve soar uma voz que representa um determinado posicionamento de gênero para o locutor, influenciando nas práticas profissionais.

Outros elementos acabam contribuindo para a noção de gênero vocal, a partir de uma visão interacionista da linguagem. Na construção de sentido das expressões linguísticas dos sujeitos as produções gestuais (plano cinético), vocais e verbais (plano audível) na matriz da linguagem são fundamentais nas dinâmicas interativas (FONTE *et al.*, 2022).

Pois, todo enunciado linguístico contempla, de forma integrada, padrões de vocalização, entonação, pausas e ritmicidades, que se apresentam não só de forma audível, mas cineticamente também a partir de movimentos faciais, incluindo os dos olhos, das pálpebras, das sobrancelhas, bem como da boca, e os padrões de ação por parte da cabeça, mãos e corpo (FONTE, *et al.*, 2022, p. 200).

As autoras entendem o gesto e os movimentos corporais como elementos que atuam em conjunto com a produção voco-visual. Dessa forma, entendem que o gesto e a produção vocal ocupam um espaço linear na produção de sentidos da interação verbal, possibilitando a manifestação de um status de língua através da sincronicidade gesto-produção vocal. Essa inclusão do elemento gestual como componente linguístico vai ao encontro da concepção tridimensional da linguagem, denominada *verbivocovisual*, “em vista de conceber o homem constituído pela e na linguagem em sua máxima potencialidade expressiva” (DE PAULA; LUCIANO, 2020, p 105). No ensaio introdutório de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov discorre sobre o artigo de Iakubínski acerca do diálogo, no qual o autor descreve as características do diálogo direto (conversação). Nos interessam particularmente as três primeiras:

1) A percepção visual e auditiva do interlocutor (sua mímica ou expressão facial, gestos, movimentos corporais) tem enorme importância como fator determinante da percepção do discurso e, conseqüentemente, da própria fala; 2) A expressão facial e os gestos às vezes desempenham o papel de réplica no diálogo, substituindo a expressão verbal. Muitas vezes, a réplica por meio da expressão facial responde

antes da verbal; 3) A expressão facial e os gestos têm, com frequência, uma importância semelhante à da entonação, isto é, determinadas imagens modificam o sentido das palavras. A mímica (expressão facial) e os gestos, sendo companheiros constantes de qualquer reação do homem, são meios comunicativos constantes e poderosos. Na comunicação direta, a manifestação discursiva sempre se une à mímico-gestual (GRILLO, 2017, p. 44).

A partir de nossa discussão sobre a situação vocal de pessoas com diversidade de gênero, percebemos que a generificação das vozes é um resultado transitório de práticas de construção de significados que são regulados histórica e culturalmente por variáveis sobre corpos, sexo, gênero e comunicação que estão além do controle individual (AZUL, 2013). A noção de apresentação de gênero compreende representações incorporadas da construção cultural que chamamos de gênero, ou seja, a aparência externa de uma pessoa, seu comportamento, seus movimentos, suas práticas de comunicação ou outras formas de autorrepresentação (incluindo o que seria chamado de características físicas ou repertórios habituais de comportamento) que podem estar associados ao gênero (AZUL, 2016). A articulação do verbal com o visual e o sonoro enfatiza a manifestação da vivacidade da língua no processo de interação social. Para situar essa correlação de postulados teóricos podemos explicitar a composição do gênero de uma pessoa Trans em busca de características que compõem o gênero feminino ou o masculino. Para tornar sua apresentação verossímil aos olhos do outro, uma mulher Trans, por exemplo, deve lançar mão da sincronicidade gesto-produção vocal, na qual ela é percebida através do visual por aquele que lhe atribui valor. A performatividade faz parte da vivência dessa comunidade.

Para isso, o sujeito apoia-se na máxima expressividade da linguagem para concretizar seu projeto de dizer por meio das formas do enunciado que lhe são disponíveis (evidentemente, o projeto nem sempre se realiza, pois, como veremos, dependerá do acabamento dado pelo outro) (DE PAULA; LUCIANO, 2020, p. 116).

Assim, muitas vezes, sem utilizar a expressão vocal, a imagem visual e o uso de gestos fornece a entonação valorativa que trata da potencialidade da linguagem em fornecer o sentido – nesse caso, em fornecer uma leitura social de determinado gênero (feminino ou masculino). A alternância entre o uso vocal, as características físicas e a forma como a pessoa Trans gesticula, movimentando seu corpo, podem fornecer pistas que indicam sob qual gênero ela deseja se apresentar. As possibilidades de leituras sociais são diversas e muitas vezes antecipam ecos dialógicos que reverberam antes mesmo de uma emissão vocal. As ideias valorativas de masculinidade e feminilidade impregnadas na consciência da sociedade através

de discursos atravessados acaba por relativizar o grito por representatividade, silenciado nos corpos marginalizados da população Trans. A conexão estabelecida entre voz e linguagem para descrever os cerceamentos das vozes Trans revela a axiologia, tanto dos signos ideológicos, quanto das valorações de determinados grupos sociais. A voz social da transfobia é flagrante na sociedade, controlando e alinhando valores tradicionais que sugerem dicotomias padronizadas como única possibilidade de existência.

Para finalizar este capítulo, contamos com as instigantes reflexões de David Azul (2013), uma vez que o autor enxerga a voz como uma criatura camaleônica, ao invés de ser categorizada por uma existência estável que pode ser medida e comparada com valores normativos. Essa compreensão da voz como um produto discursivo é consistente com as teorias sociais e culturais do gênero, que enfatizam a importância da interação social na construção das identidades de gênero. A ideia de que o gênero é uma realização social sugere que não há nada intrinsecamente masculino ou feminino na voz. Em vez disso, a atribuição de um gênero à voz é uma prática social que pode variar dependendo do contexto cultural e social em que ocorre. Essa compreensão também destaca a complexidade e fluidez das identidades de gênero, em oposição a uma visão binária e fixa do gênero como masculino ou feminino. A voz pode ser uma parte importante da expressão de gênero de uma pessoa, mas não é o único fator determinante. As pessoas podem experimentar e expressar seu gênero de maneiras diversas e não conformes às normas de gênero tradicionais. Portanto, ao considerar a relação entre voz, gênero e sexo, é importante reconhecer a natureza social e discursiva dessas categorias e evitar reduzi-las a uma visão binária e simplista.

Reflexões finais

No presente estudo, apresentamos a construção vocal de pessoas com diversidade de gênero tendo como referência os estudos bakhtinianos e sua concepção de linguagem em uso como enunciado que reflete e refrata o meio social a partir de signos ideológicos. A partir dessas noções, construímos uma proposta de subversão do olhar fonoaudiológico para a questão da voz, traçando uma trajetória dos percursos da voz como objeto de estudo em diferentes áreas de conhecimento. Com base nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin analisamos vinhetas clínicas vivenciadas pela autora, fonoaudióloga de um Ambulatório Trans, cujos questionamentos levantaram discussões teóricas sobre a imposição de um gênero vocal compulsoriamente binário pautado na matriz cisheteronormativa.

No percurso de construção teórica revisitamos a estruturação da fonoaudiologia como ciência da comunicação, lembrando aspectos pouco abordados sobre o caráter homogeneizador que impulsionou a formação dos primeiros profissionais da área (NETO, 1994; OLIVEIRA, 2002). As primeiras apresentações da profissão giravam em torno de um processo de correção dos desvios na fala com o objetivo de gerar uma padronização da língua nacional (CARDOSO, 2002), com o conseqüente apagamento do que poderíamos chamar de diferentes “sotaques”, conseqüentes da diversidade cultural componente da sociedade. No processo de estabelecimento da fonoaudiologia como ciência da saúde os discursos clínicos foram atravessados pela área médica e alinhados a uma lógica curativa. Já no desenrolar da atuação fonoaudiológica, abordamos a voz estabelecida como uma das áreas da fonoaudiologia e quais os pontos o profissional destaca na avaliação clínica.

Como vimos, a voz quando analisada pela clínica fonoaudiológica muitas vezes se resume a termos como ressonância, *pitch*, frequência fundamental, volume, projeção etc. (BEHLAU, AZEVEDO & PONTES, 2001), deixando alguns aspectos do falante para trás. Nossas reflexões foram fruto de questionamentos sobre a parcela de subjetividade que a voz carrega. Foi neste momento que encontramos a possibilidade de dialogar com os estudos da linguagem, não sem alguns desencontros pelo caminho teórico, claro. Contudo, foi no entendimento do sujeito que se constitui por meio do uso da linguagem que avistamos o abrigo da voz enquanto índice de presença do sujeito (KLOSS, 2018). As inquietações acerca da voz se materializaram em queixas identitárias trazidas por pessoas Trans sobre o desconforto na emissão de uma voz incongruente com seu gênero atual. O desejo por pertencimento a um padrão estabelecido socialmente motiva essa população a procurar atendimento fonoaudiológico, no anseio de que o profissional forneça as ferramentas para

alcançar timbres vocais passáveis, que se encaixem dentro do que se espera da classificação binária de gênero. Nesse momento percebemos como o olhar clínico pode vir a potencializar o sentimento das usuárias de não pertencimento, visto que elas não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer e se encontram em uma vereda, onde o espaço de existência é negado para aquelas que apresentam características incongruentes, como vemos no relato “*minha voz entrega que sou Trans*”.

A voz nem sempre foi considerada pelos estudos linguísticos como podemos observar no primeiro capítulo, no qual traçamos um breve resumo da busca pelo rastro (MILANO, 2013) de aspectos vocais ao longo do desenvolvimento da ciência da linguagem. Percorremos alguns recortes, dentre tantos possíveis nessa ampla área de conhecimento, que demonstram a presença da voz em algumas importantes obras da linguística (JAKOBSON, 1995; SAUSSURE, 2006; BENVENISTE, 2006; MILANO, 2015; NEUMANN, 2018; FLORES, 2019). Apesar de não nos aprofundarmos nesse estudo sobre a trajetória de lutas de pessoas transgênero, travestis e não binárias, estamos situados no país que mais mata essa população por crimes motivados por transfobia e isto não pode ser ignorado. Os aspectos sociais então diretamente ligados ao contexto da população com diversidade de gênero, principalmente na porção dissidente das normas padrões e conservadoras.

As discussões teóricas do Círculo de Bakhtin, sua visão sobre a linguagem e as considerações acerca da avaliação social imbricadas no processo das relações dialógicas nos ampararam na busca de uma outra visão para a construção vocal de pessoas com diversidade de gênero. Entendemos que essa construção é, sobretudo, social. A visão de mundo Bakhtiniana (BRAIT, 2005) nos respaldou, a partir dos recortes teóricos, para questionarmos a situação vocal (AZUL, 2016) de pessoas Trans. Como as vozes se tornam generificadas, a partir de imposições sociais, nos mobilizou a considerar os impactos que a avaliação social (VOLÓCHINOV, 2017) tem sobre corpos grotescos (BAKHTIN, 1993) que desafiam o sistema social e suas normas. Entendemos a ideia de Bakhtin de que a voz está relacionada a pontos de vista e não de expressão vocal (DAHLET, 2005; BUBNOVA, 2011), entretanto, o mestre russo elaborou outros conceitos que nos remetem a possibilidade de interpretação da forma que se constrói a atribuição do gênero (no sentido de identidade) vocal. Percorremos os conceitos de signo ideológico (PONZIO, 2008; MÉDVIEDEV, 2012; VOLÓCHINOV, 2017, 2019) para demonstrar como os reflexos da realidade social estão presentes nas posições discursivas dos locutores. Conforme demonstrou Volóchinov (2017, p. 91), o signo ideológico representa algo encontrado fora dele, num exercício que nos remete à generificação da voz a

partir de um processo ideológico. O enunciado postulado por Bakhtin (2016) está sempre em relação a outros discursos e é dirigido a alguém, ansiando por uma resposta. Essa multiplicidade de discursos nos remete ao conceito de vozes sociais (SIPRIANO; GONÇALVES, 2017), no qual Bakhtin aponta o caráter heterogêneo da língua como palco de confrontos ideológicos. Passando ao entendimento da estilística pelos membros do Círculo, percebemos que não é possível dissociar o estilo do conjunto social que determina as escolhas e intenções comunicativas na relação dialógica (VOLÓCHINOV, 2019; DA SILVA, 2020). O acabamento (BAKHTIN, 2003); TEZZA, 2005) dado pelo outro, num sentido valorativo, nos remete ao sentimento de desconforto dos sujeitos Trans ao emitirem suas vozes em um ambiente social. A entonação também é vista como um índice valorativo (DALHET, 2005), pois todo enunciado carrega em sua construção a entonação materializada na expressividade do falante. Volóchinov (2019) também menciona a validação entonacional como aspecto relevante na relação dialógica, onde o “coro de apoio” atua diretamente no sentido de aceitação/reprovação do enunciado.

A proposta de um outro olhar para a questão da construção vocal de pessoas com diversidade de gênero desemboca numa importante relação de alteridade (BRAIT, 2021; BAKHTIN, 2010, 2022), na qual o outro tem importância significativa na interação e na constituição dos discursos, atravessados por diversas vozes (sociais). Como uma pessoa se posiciona em relação ao gênero é uma questão que só poderia ser respondida por ela mesma e com suas próprias palavras. No entanto, sabemos da implicação que as imposições sociais têm sobre os corpos de pessoas Trans, tanto nas escolhas composicionais de sua performance como num sentido de preservação e segurança, a passabilidade. Desta forma, a percepção de Bakhtin sobre o corpo grotesco e o processo de carnavalização (BAKHTIN, 1993) ilustram como os corpos dissidentes acabam relegados a uma permissividade transitória. Em seu cotidiano as pessoas com diversidade de gênero são marginalizadas e ocupam espaços discriminatórios, ao passo que em momentos de carnavalização, como por exemplo, paradas LGBT, pornografia e ambientes de prostituição, as vozes sociais conservadoras usufruem dos corpos que outrora regulavam.

Nos encaminhando para a finalização deste percurso teórico analisamos alguns trechos de vinhetas clínicas que aconteceram no ambiente do atendimento fonoaudiológico do Ambulatório Trans. Os efeitos de sentido causados a partir dos relatos demonstram que a visão de senso comum implica nos gêneros vocais as categorias traduzidas por diferenças na fisiologia, geralmente resultantes de um olhar patologizador. De acordo com essa perspectiva,

é o comprimento e a massa das pregas vocais e as dimensões do trato vocal que são considerados os principais responsáveis pela generificação da voz como som. Seguindo a lógica de voz naturalmente sexuada, as características sexuais do órgão vocal, que são consideradas biologicamente determinadas, garantem que a voz já seja generificada ao passar pelo órgão vocal e antes de sair da boca do locutor. (AZUL, 2013). Sob outra ótica, nossa proposta pode contribuir tanto para a fonoaudiologia quanto para a linguística, pois se opõe radicalmente a esse silenciamento de outras possibilidades de construção vocal. Volóchinov (2017) nos ensina que as ideologias dominantes partem para uma modificação apenas quando a coletividade adentra diferentes esferas de atividades que estão submetidas a um sistema ideológico superior. Desse modo, subverter a ideologia dominante a partir das práticas fonoaudiológicas, ressignificando os sentidos da voz, pode ser um caminho para modificar as forças centrípetas vigentes, tanto no ambiente social quanto no ambiente de saúde.

Para encerrar, trago um recorte da fala de Paul Preciado, realizada em 17 de novembro de 2019, perante 3.500 psicanalistas reunidos para a jornada internacional da Escola da Causa Freudiana sobre o tema “Mulheres em psicanálise”. Na tentativa de iniciar sua fala, uma mulher da plateia proferiu “Não o deixe falar, é Hitler” e parte do público aplaudiu. O texto era intitulado: *Discurso de um homem trans, um corpo não binário, diante da Escola Psicanalítica Francesa*. Recentemente o discurso foi publicado em forma de Livro, intitulado: *Eu sou o monstro que voz fala (2022)*.

Queridas senhoras e senhores da Escola de Psicanalistas da França, senhoras e senhores da Escola da Causa freudiana, e não sei se vale a pena saudar também todos aqueles que não são senhoras nem senhores, porque duvido que haja alguém entre vocês que tenha renunciado legal e publicamente à diferença sexual e que tenha sido aceito como um psicanalista de pleno direito, depois de ter passado com sucesso pelo processo que vocês chamam “o passe”, que permite que vocês se tornem analistas. Estou falando de um psicanalista trans, ou não binário, admitido entre vocês como um especialista. Se ele existe, permita-me estender minhas mais calorosas saudações a este querido mutante agora mesmo [...]

Não sei se poderia fornecer-lhes dados que vocês, acadêmicos e psicanalistas, não conheciam em primeira mão, já que vivem, como eu, em um regime de diferença sexual. Portanto, quase tudo que eu posso dizer, vocês podem ver por si mesmos de ambos os lados da linha de gênero. Embora vocês provavelmente se considerem homens ou mulheres naturais e tal suposição os tenha impedido de observar, a uma distância saudável, a máquina política em que estão inseridos. Vocês me perdoarão se, na história que estou prestes a contar, eu não tomar por garantida a existência natural da masculinidade e da feminilidade. Fiquem tranquilos, vocês não precisam abdicar de suas crenças – porque elas são crenças – para me ouvir. Considerem o que estou dizendo e depois voltem para a sua vida “naturalizada”, se vocês puderem [...]

Para me apresentar, permitam-me, já que vocês são 3.500 psicanalistas e eu me sinto um pouco solitário deste lado do palco, correr e subir nos ombros do mestre de todas

as metamorfoses, o melhor analista dos excessos que se escondem atrás da fachada da razão científica e da loucura que leva o nome comum de “saúde mental”: Franz Kafka.

Em 1917, Franz Kafka escreveu *Ein Bericht für eine Akademie, um relatório para uma academia*. O narrador do texto é um macaco que, após aprender a linguagem dos humanos, se apresenta diante de uma academia das mais altas autoridades científicas para lhes explicar o que a evolução humana significou para ele. O macaco, que diz se chamar Pedro Vermelho, conta como foi capturado numa expedição de caça organizada pelo circo de Hagenbeck, depois transportado para a Europa num barco, levado para um circo de animais, e como depois conseguiu se tornar um homem. Pedro Vermelho explica que para dominar a linguagem dos humanos e entrar na sociedade da Europa de seu tempo, ele teve que esquecer sua vida de macaco. E como, para suportar esse esquecimento e a violência da sociedade humana, ele se tornou alcoólatra. Mas o mais interessante do monólogo de Pedro Vermelho é que Kafka não apresenta seu processo de humanização como uma história de emancipação ou libertação da animalidade, mas sim como uma crítica ao humanismo colonial europeu e suas taxonomias antropológicas. Uma vez capturado, o macaco diz que não teve escolha: se não queria morrer trancado em uma jaula, tinha que se mover para a “jaula” da subjetividade humana.

Enquanto o macaco Pedro Vermelho falava diante dos cientistas, dirijo-me hoje a vocês, acadêmicos da psicanálise, da minha “jaula” de um homem trans. Eu, um corpo marcado pelo discurso médico e jurídico como “transexual”, caracterizado na maioria de seus diagnósticos psicanalíticos como sujeito de uma “metamorfose impossível”, situando-me, segundo a maioria de suas teorias, além da neurose, à beira ou mesmo na psicose, incapaz, segundo vocês, de resolver corretamente um complexo edipiano ou tendo sucumbido à inveja do pênis. Bem, é a partir dessa posição de doente mental da qual vocês me classificam, embora eu me dirija a vocês como o símio-humano de uma nova era. Eu sou o monstro que vos fala. O monstro que vocês construíram com seus discursos e suas práticas clínicas. Eu sou o monstro que se levanta do divã e fala, não como paciente, mas como cidadão, como seu monstruoso igual.

Eu, como um corpo trans, como um corpo não binário, ao qual nem a medicina, nem a lei, nem a psicanálise, nem a psiquiatria reconhecem o direito de falar com conhecimento especializado sobre minha própria condição, nem a possibilidade de produzir um discurso ou uma forma de conhecimento sobre mim mesmo, aprendi, como Pedro Vermelho, a língua de Freud e Lacan, a língua do patriarcado colonial, a sua língua, e estou aqui para falar com vocês [...]

Além disso, não tenho muito a dizer sobre “mulheres em psicanálise”, exceto que eu sou, como o Pedro Vermelho, um desertor. Eu já fui “uma mulher em psicanálise”. Eu fui designado para o sexo feminino, e como o macaco mutante, saí daquela “jaula” estreita, certamente para entrar em outra jaula, mas pelo menos desta vez por minha própria iniciativa [...]

Até que um dia, depois de me injetar por três meses com 250 miligramas de testosterona por 21 dias ininterruptos, abri a boca e uma voz rouca e áspera saiu da minha garganta. Fui o primeiro a ficar assustado, como se meus órgãos fonadores tivessem sido possuídos por uma entidade estrangeira. Não foi a masculinidade da voz que me aterrorizou, mas a sua diferença em relação à voz pela qual todos me reconheciam até então. Logo eu saí para a rua e comeci a falar com essa voz que era tanto minha quanto de outra pessoa. Minhas primeiras palavras me fizeram entrar na comunidade daqueles que acreditam ser homens e que me acolheram como nunca antes: “Escute-o falar, ele é um homem!” Senti estas palavras como um ferro que, com o fogo, me marcou como um homem finalmente aceito na comunidade masculina. No primeiro dia, o triunfo foi de curta duração, pois logo em seguida minha voz quebrou e me falhou novamente. Pouco a pouco, essa voz estrangeira se instalou em mim. É com esta voz, fabricada, mas orgânica, estranha, mas inteiramente minha, que

hoje me dirijo a vocês, queridos membros da Escola. (PRECIADO, 2022, tradução Sara Wagner York, destaques nossos).

O relato de Paul Preciado fala por si. Acreditamos representar muito bem toda a reflexão sobre o percurso da voz, mas não só. Ansiamos para que a fonoaudiologia, assim como as demais áreas de conhecimento, bem como a sociedade, entendam que dar voz não é o suficiente quando se trata da população com diversidade de gênero. É preciso deixar que falem eles/elas próprios/as, com suas próprias vozes.

Referências

ALENCAR, S. A. L. de. *et al.* Efetividade de duas modalidades terapêuticas na redução dos sintomas vocais em pacientes com disfonia comportamental. *Audiology-Communication Research*, v. 25, 2020.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 95-114.

AZUL, D. Gender-related aspects of transmasculine people's vocal situations: insights from a qualitative content analysis of interview transcripts. *International journal of language & communication disorders*, v. 51, n. 6, p. 672-684, 2016.

AZUL, D; HANCOCK, A. B. Who or what has the capacity to influence voice production? Development of a transdisciplinary theoretical approach to clinical practice addressing voice and the communication of speaker socio-cultural positioning. *International Journal of Speech-Language Pathology*, v. 22, n. 5, p. 559-570, 2020.

AZUL, D. How do voices become gendered? A critical examination of everyday and medical constructions of the relationship between voice, sex, and gender identity. *Challenging popular myths of sex, gender and biology*, p. 77-88, 2013.

AZUL, D. Phononostalgia: A fictocritical investigation into discordant notions of 'voice' in speech and writing. *TEXT*, v. 15, n. 1, p. 1-23, 2011.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. do russo Paulo Bezerra. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. O autor e o herói. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. do francês Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. *Problemas da obra de Dostoiévski*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; 1 ed. São Paulo; Editora 34, 2022. 384p.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. revista. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: editora da UNESP; HUCITEC, 2002.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: A estilística*. Mikhail Bakhtin; tradução, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. - São Paulo; Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Pedro & João Editores, 2017b.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Fratechi Vieira, 7. ed. SP: Editora HUCITEC, 1993.

BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra. Notas da edição russa: Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 2017.

BARROS, A. D. *A relação entre a voz e expressão de gênero: a percepção de pessoas transexuais*. [Dissertação de mestrado] Brasília, 2017.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1965a], p.68-80.

BITENCOURT, K. A.; SANTOS, L. C. *Corpos trans, discursividade e matriz heteronormativa: a despatologização como estética da existência*. In: MILANEZ, N.; AMARAL, R.; MOURA, I. (org.). *Transexualidades: o que pode o corpo?*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2019. p. 58-74.

BRAIT, Beth. *Alteridade, dialogismo, heterogeneidade: nem sempre o outro é o mesmo*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 46, n. 4, p. 85-97, 2012.

BUBNOVA, T.; BARONAS, R. L.; TONELLI, F.. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. *Bakhtiniana: revista de estudos do discurso*, v. 6, p. 268-280, 2011.

Campus Araraquara, 2017.

CARDOSO, Jefferson Lopes. *Dialogismo e fonoaudiologia: a intersubjetividade na clínica*. [Dissertação de mestrado]. UFRGS, 2002.

CAVALCANTE, M. C. B. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. *Revista Investigações*, v. 21, n. 2, p. 153-169, 2009.

CAVARERO, A. *Vozes plurais: filosofia da expressão vocal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

CIELO, C. A. *et al.* Fonoterapia para mulheres transgênero. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 14, 2021.

COLEMAN, E. *et al.* Standards of care for the health of transsexual, transgender, and gender-nonconforming people, version 7. *International journal of transgenderism*, v. 13, n. 4, p. 165-232, 2012.

CONTANI, M. L.; VIEIRA, N. T; DE OLIVEIRA, E. G.. Carnavalização bakhtiniana e o arquétipo bobo da corte na produção de sentido nas mídias. *Revista Mídia e Cotidiano*, v. 15, n. 3, p. 232-254, 2021.

COSTA FILHO, F. C.; LEAL, F. *A estética do grotesco como meio para potencializar a expressividade no corpo cênico*. [Dissertação de mestrado] Universidade de Brasília, 2019.

COSTA, A. B. *et al.* Protocolo para avaliar o estresse de minorias em lésbicas, gays e bissexuais. *Psico-USF*, v. 25, p. 207-222, 2020.

DA SILVA, S. P.. Estilo e estilística em Bakhtin e Volóchinov: perspectivas em diálogo. *Linha D'Água*, v. 33, n. 3, p. 79-103, 2020.

DAHLET, V. A entonação no dialogismo bakhtiniano. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

DE BARROS FILHO, C.; LOPES, F.; BELIZÁRIO, F. A construção social da voz. *Revista FAMECOS*, v. 11, n. 23, p. 97-108, 2004.

DIAS, F. L. C.; DE LIMA, C. A. Refrações e sentidos. *Revista Diálogo e Interação*, v. 14, n. 1, p. 247-274, 2020.

DE OLIVEIRA, A. S. Corpos com história: pensando o movimento travesti e transexual através da trajetória de Marcelly Malta. *Revista de História Bilros: História (s), Sociedade (s) e Cultura (s)*, v. 5, n. 10, 2017.

DE PAULA, L.; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Estudos Linguísticos*, v. 49, n. 2, p. 706-722, 2020.

DE PAULA, L.; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'Água*, v. 33, n. 3, p. 105-134, 2020.

DE PAULA, L.; TEIXEIRA, L. P. As Barbies pelo Porta dos Fundos: uma análise verbivocovisual. *EntreLetras*, v. 12, n. 1, p. 345-369, 2021.

DE VASCONCELOS, A. N.; SCARPA, E. M.; DODANE, C. Reflexões sobre características prosódicas do desenvolvimento da negação: estudo de casos de uma criança brasileira e uma criança francesa. *Domínios de Linguagem*, v. 12, n. 3, p. 1521, 2018.

Deutsch M. *Guidelines for the primary and gender-affirming care of transgender and gender nonbinary people*. 2. ed. San Francisco: University of California; 2016.

DORNELAS, R.; SILVA, K. da; PELLICANI, A. D. Atendimento vocal à pessoa trans: uma apresentação do Protocolo de Atendimento Vocal do Ambulatório Trans e do Programa de Redesignação Vocal Trans (PRV-Trans). *CoDAS*. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2021.

FALASCA, P. *"Eu disse tudo isso em alemão, mas em português penso totalmente diferente": identidade e argumentação na sala de aula de língua estrangeira*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, 2017.

FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 168 páginas, 2009.

FAVERO, S. R. (Des) epistemologizar a clínica: o reconhecimento de uma ciência guiada pelo pensamento cisgênero. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica*, v. 5, n. 13, p. 403-418, 2020.

FERREIRA, R. S. M. A transexual crucificada: performance, ética e estética em um protesto na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. *Revista Diálogos*, v. 8, n. 3, p. 07-20, 2020.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FLORES, V. N. A voz como objeto de uma antropologia da enunciação. *Working papers em lingüística*. Florianópolis, SC. Vol. 19, n. 2 (ago./dez. 2018), p. 35-53, 2018.

DA FONTE, R. F. L. *et al.* Estudos em Aquisição da Linguagem e Multimodalidade no Nordeste brasileiro. *Estudos da Língua (gem)*, v. 20, n. 1, p. 195-218, 2022.

GERALDI, J. W. *Da língua para a linguagem: outros rumos de pesquisa*. Recife, 2014.

BORTOLOTTI, R. G.. Reflexo e refração sógnica no espaço público de Arendt: interferências bakhtinianas. *Acta Scientiarum: Education*, v. 39, n. 3, 2017.

GONÇALVES, L. É. Q.; GONÇALVES, J. B. C.; GUEDES, I. L. A perspectiva bakhtiniana para o estudo do signo ideológico em textos verbo-visuais: uma análise da capa da revista VEJA. *Comunicação & Sociedade*, v. 37, n. 2, p. 159-181, 2015.

HERSHBERGER, IOANNA, GEORGIADOU, M.A. *The Effects of Singing Exercises and Melodic Intonation Therapy (MIT) on the Male-to-Female Transgender Voice*. Directed by Dr. Virginia A. Hinton. 116 p, 2005.

JACOBS, D. D. S. *Possível cartografia para um corpo vocal queer em performance*. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Florianópolis, 2015.

JACOBS, D. D. S. Corpo vocal, gênero e performance. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 7, p. 359-381, 2017.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995. 162 p.

JOTZ, G. P.; VARGAS, A. C. Type IV Thyroplasty: The Voice of Trans Women (Gender Dysphoria). *International Archives of Otorhinolaryngology*, v. 26, n. 04, p. e517-e518, 2022.

KLOSS, N. P. *Voz: um índice da presença do sujeito na linguagem no contexto da clínica dos distúrbios de linguagem*. [Dissertação de mestrado] Universidade Federal do Rio Grande do Siul, 2018.

LENZ, C. A crítica ao subjetivismo idealista em Marxismo e filosofia da linguagem. *Revista Conexão Letras*, v. 11, n. 16, 2016.

LIMA, L. G. RECHENBERG, L.. Cartoon voices: a descriptive analysis. *Distúrbios Comun.* São Paulo, 27(4): 741-749, dezembro, 2015

LOPES, G. L. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, 3 ed. Autêntica, 2021.

LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. Ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2022.

MACHADO, I.. Forma espacial da personagem como acontecimento estético cronotopicamente configurado. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 12, p. 79-105, 2017.

MALERBA, J. Homossexualidade e alteridade: uma análise bakhtiniana das Paradas Gays. *Revista Midia e Cotidiano*, v. 11, n. 1, p. 190-206, 2017.

MCCAW, D.. Corpos em Bakhtin. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 14, p. 35-56, 2019.

MEDVIÉDEV, P. *O Método Formal nos Estudos Literários*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MENEGASSI, R. J.; CAVALCANTI, R. S. de M. Conceitos axiológicos bakhtinianos em propaganda impressa. *Alfa*. São Paulo, 57 (2), 433-449, 2013.

MILANO, L. Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral. *Eutomia*, v. 1, n. 16, p. 245-258, 2015.

MILLS, M.; STONEHAM, G. *The voice book for trans and non-binary people: a practical guide to creating and sustaining authentic voice and communication*. Jessica Kingsley Publishers, 2017.

MOOG, D.; SUND, L. T.. Clinician and Consumer Perspectives on Gender-Affirming Voice Services. *Journal of Voice*, 2021.

NEUMANN, D. Ensaio sobre a voz. *Linguagem em (Dis) curso*, v. 18, p. 235-252, 2018.

OLIVEIRA, M. V. B. A relação entre a linguagem e a memória no atendimento clínico-terapêutico sob a perspectiva bakhtiniana. *Letras de hoje*, v. 56, n. 3, p. 557-569, 2021.

PARK, C.; BROWN, S.; COUREY, M. Trans Woman Voice Questionnaire Scores Highlight Specific Benefits of Adjunctive Glottoplasty With Voice Therapy in Treating Voice Feminization. *Journal of Voice*, 2021.

- PARRET, H. *La voix et son temps*. Bruxelles: Éditions De Boeck Université, 2002.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 45-61.
- PINHEIRO, P. A. Bakhtin e as identidades sociais: uma possível construção de conceitos. *Revista Philologus*, v. 40, p. 1-20, 2008.
- PONZIO, A. Signo e ideologia. In: PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Coordenação de tradução de Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.
- PRECIADO, P. B. *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.
- PRECIADO, P. B. *Manifesto contrasexual*. Anagrama, 2016.
- ROSA, C. G.; BRAIT, B.; GONÇALVES, J. C. *Bakhtin e as Artes do corpo*. São Paulo: Hucitec, 2021.
- ROSA, E. B. P. R. Cisheteronormatividade como instituição total. *Cadernos PET-Filosofia*, v. 18, n. 2, 2020.
- RUSSO, M. J. *O grotesco feminino: risco excesso e modernidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SALIH, S. *Judith Butler e a teoria queer*. Autêntica, 2002.
- SANT'ANNA, A. V.; SEGANTINI, K. P. "Tomai, comei; isto é meu corpo": A resistência do grotesco. *DAPesquisa*, v. 3, n. 5, p. 185-196.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Tradução de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCHLICHTER, A. Do voices matter? Vocality, materiality, gender performativity. *Body & Society*, v. 17, n. 1, p. 31-52, 2011.

SILVA, F. C. da; SOUZA, E. M. F. de; BEZERRA, M. A. (Trans)tornando a norma cisgênera e seus derivados. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, 2019.

SIPRIANO, B. F.; GONÇALVES, J. B. C. O conceito de vozes sociais na teoria bakhtiniana. *Revista Diálogos*, v. 5, n. 1, p. 60-80, 2017.

SOERENSEN, C. A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin. *Travessias*, v. 5, n. 1, 2011.

SOUSA, C. *et al.* A construção do sujeito trans nas vozes sociais que atravessam o discurso médico em "A garota dinamarquesa". *Diálogo das Letras*, v. 9, p. e02014-e02014, 2020.

SPARGO, T. *Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares*. Autêntica, 2017.

STIEG, V. Bakhtin e Seu Círculo: preciosas contribuições para a Pesquisa em Ciências Humanas. *Pró-Discente*, v. 25, n. 2, 2019.

SURREAUX, L. M. *Linguagem, sintoma e clínica em clínica de linguagem*. [Tese de Doutorado] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SURREAUX, L. M. O rastro do som em Saussure. *Nonada: letras em revista*, v. 1, n. 20, p. 285-295, 2013.

TEZZA, Cristovão. A construção das vozes no romance. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*, v. 2, p. 209-217, 2005.

TIHANOV, G. A importância do grotesco. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 7, p. 166-180, 2012.

VIANNA, R. A linguagem pela perspectiva do Círculo de Bakhtin. *Revista Odisseia, [S. l.]*, v. 4, n. 1, p. 19 – 33, 2019.

VILLARTA-NEDER, M. A.. Corpos em Alteridade: silêncios e resistência. *Polifonia*, v. 27, n. 49, 2020.

VILLAS-BÔAS, A. P. *et al.* Acoustic Measures of Brazilian Transgender Women's Voices: A Case–Control Study. *Frontiers in Psychology*, v. 12, p. 622526, 2021.

VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

ZAMPONI, V. *et al.* Effect of sex hormones on human voice physiology: from childhood to senescence. *Hormones*, v. 20, n. 4, p. 691-696, 2021.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.